

**Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Comissão de Pós - Graduação**

Câmara Aberta

**Estudo de caso sobre o papel do Repórter Fotográfico
na Imprensa do Interior**

**por: Luiz Augusto Teixeira Ribeiro
Orientador Prof. Dr. José Coelho Sobrinho**

**São Paulo
1995**

18

Alvin F. Kopf

Gerry Linn

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Comissão de Pós-graduação

Câmara Aberta

Estudo de caso sobre o papel do Repórter Fotográfico
na Imprensa do Interior

por: **Luiz Augusto Teixeira Ribeiro**
Orientador Prof. Dr. **José Coelho Sobrinho**

São Paulo
1995



Universidade São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Comissão de Pós-graduação

Câmara Aberta

Estudo de caso sobre o papel do Repórter Fotográfico na
Imprensa do Interior

Dissertação apresentada a Comissão de Pós-graduação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Jornalismo, sob orientação da Prof. Doutor José Coelho Sobrinho

São Paulo

1995

DEDICATÓRIA

ESSES CINCO ANOS DE APRENDIZAGEM
E EVOLUÇÃO DO MEU SABER, QUERO DEDICA-
LOS A QUEM ACREDITOU E SOUBE AGUARDA-
LO, EM ESPECIAL A MINHA ESPOSA TELMA E A
MINHA FILHA KAREN.

AGRADECIMENTOS

Dalva Aleixo Dias, Giacomo, Sônia de Brito, Prof^a Dra. Besma Massad, Fábio Simões Grossi, Flôr, e aos funcionários da secretaria da Pós-graduação, Prof. Dr. Thomaz Jorge Farkas, Prof. Dr. Bóris Kossoy, Prof^a. Dra. Dulcília H. S. Buitoni, Prof. Dr. Kardec Vallada, Prof. Dr. Eduardo Peñuela Cañizal, Prof. Dr. Dirceu Lopes Fernandes, Prof^a. Dra. Odette Penha Coelho, Universidade do Sagrado Coração - em especial aos funcionários do Núcleo de Pesquisa Histórica de Bauru -, Polícia Rodoviária pelas multas efetuadas nesse meu trajeto Bauru - São Paulo, aos meus amigos que aguentaram o meu mau humor e ao meu Anjo da Guarda pelas vezes que me carregou no colo.

ÍNDICE

Resumo.....	07
Abstract	10
Apresentação	12
O homem e suas imagens	16
- Pedra Lascada e fotografia.....	17
- Impressão e fotografia	27
As imagens e as técnicas do homem.....	35
- A mecanização do trabalho.....	36
- Um fruto da Terra.....	39
As imagens como documento na imprensa	43
- A imagem na imprensa	44
- A imprensa no Brasil	50
As imagens na imprensa Brasileira.....	61
- A ilustração nos jornais brasileiros.....	62
- Aspectos históricos do fotojornalismo.....	65
O profissional da imagem.....	83
- Jornalismo de imagem	84
- Missão ou profissão.....	92
Aspectos Históricos e Geo-políticos do Estudo de caso: Bauru	99
- Imba-úru.....	100
- Bauru fazenda.....	104
- Bauru emancipação.....	107
- Bauru entroncamento ferroviário.....	109
Breve histórico da imprensa de Bauru	114
- Imprensa Bauruense	115
- Os empastelamentos da imprensa bauruense.....	126
- Dois em um só dia	128
- O último empastelamento	129
A imprensa de Bauru hoje.....	132
- Diário de Bauru	133

- Jornal da Cidade.....	142
- A nova fase	150
O profissional da imagem na imprensa de Bauru	153
- A guisa de introdução	154
- Formação.....	159
- Conceito	163
- Técnica.....	167
- Pauta	172
- Edição	174
- Ética	177
- Conclusão.....	193
Bibliografia.....	201
Anexos	207

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de fazer um diagnóstico da profissão de repórter fotográfico em cidades onde o jornalismo é praticado com algumas carências de divisão de trabalho.

É um estudo de caso sobre a imprensa escrita de Bauru, tomada como espaço geográfico do objeto de estudos em decorrência da observação participante de seu autor.

Os capítulos dedicados à origem da fotografia e sua implantação na imprensa como informação e/ou ilustração fundamentam a importância do profissional da reportagem fotográfica no processo da comunicação impressa.

Os breves dados sobre a imprensa de Bauru têm o objetivo de criar o cenário político-ideológico que cercam e medeiam o trabalho do repórter fotográfico tanto em sua atividade como testemunha do fato, como do uso que se faz de sua obra na edição jornalística.

Os depoimentos dos profissionais buscam elencar os problemas e as possíveis soluções que poderão ser engendradas para que os repórteres fotográficos de cidades, com a importância econômica e política de Bauru, possam cumprir com responsabilidade e ética a profissão que abraçaram.

ABSTRACT

This work aims at making a diagnostics of the photographic reporter profession in cities where journalism is practiced some lacks in the work division.

It is a case study about written press in Bauru, here taken as the geografic space, due to its author's observation.

The chapters dedicated to the photograph origin and its implantation in the press as information and/or illustration set up the importance of the photographic news paper report professional in the process of printing communication.

Brief data on Bauru press aim to create the ideological-political scenery which surrounds and mediates the photographic reporter work in his activity as the fact witness, as well as in the way his work is used in the jornalistic edition.

The professional depositions look after listing problems and possible solutions which can be generated so that the photographic reporters in cities having the political and economical importance like Bauru may succeed in the profession they choose with responsibility and ethics.

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo o estudo do repórter fotográfico no interior do Estado de São Paulo, tomando como recorte a prática deste profissional na imprensa bauruense.

A idéia desta pesquisa nasceu da necessidade de iniciar uma reflexão a respeito da atividade do profissional da imagem na imprensa, imbutindo análises que pudessem contemplar desde a sua formação até a sua postura ética.

Como docente da disciplina fotojornalismo para o curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo na UNESP de Bauru, tínhamos a preocupação com a carência de publicações que enfocassem a função social do fotojornalismo.

Em nossa revisão bibliográfica, verificamos que as publicações existentes têm como foco a análise da linguagem fotográfica ou o culto personalista aos profissionais que tiveram destaque no cenário nacional e internacional, através da divulgação de seus trabalhos, valorizados enquanto registros de fatos que se tornaram notícia ou como verdadeiras obras de artes.

A ausência de bibliografia específica, aliada aos problemas já amplamente discutidos, como a dissociação da Universidade com o mercado de trabalho, propicia desvios e indefinições sobre o próprio papel da disciplina fotojornalismo, ministrada por nós, na formação do futu-

ro profissional do jornalismo ou mais especificamente do repórter fotográfico.

Assim, procuramos com este trabalho, iniciar uma reflexão, mesmo que ainda insipiente, a respeito do uso da imagem na imprensa bauruense e suas implicações.

Nosso objetivo é o de conseguir, no mínimo, alertar os editores e redatores dos jornais a respeito da importância do uso da fotografia que se pode, segundo a nossa opinião, ser alcançado quando puder se pensar o fotojornalista como um transmissor de mensagens e não como simples ilustrador de textos escritos.

O desenvolvimento do trabalho envolveu um levantamento histórico que foi desde as primeiras imagens feitas pelo homem até o exercício do repórter fotográfico.

Como suporte teórico, usamos a análise da linguagem não-verbal realizada por autores de inegáveis importância tais como, Susan Sontag, Roland Barthes, Arlindo Machado, Pierre Francastel, Philippe Dubois e outros.

No trabalho de campo, recolhemos depoimentos dos repórteres fotográficos mais expressivos na imprensa bauruense, assim como de editores e redatores.

Em seguida, analisamos exemplares dos jornais publicados em Bauru, encontrados no Núcleo de Pesquisa da Universidade do Sagrado Coração, assim como os que se encontram atualmente em circulação.

Espero que este trabalho possa ser analisado como um primeiro passo rumo a reflexão sobre o fotojornalismo e sua função social

Se a leitura deste texto puder fazer com que repórteres fotográficos, editores e redatores sentem-se à mesa para um diálogo, a pesquisa terá cumprido seu objetivo.

O HOMEM E SUAS IMAGENS

Pedra Lascada e Fotografia

Não pretendemos neste espaço nos alongar na história do surgimento da fotografia na imprensa, mas não podemos deixar de relatar o porquê da fotografia na imprensa, pois é aí que surgem os repórteres fotográficos e alguns pioneiros desta arte.

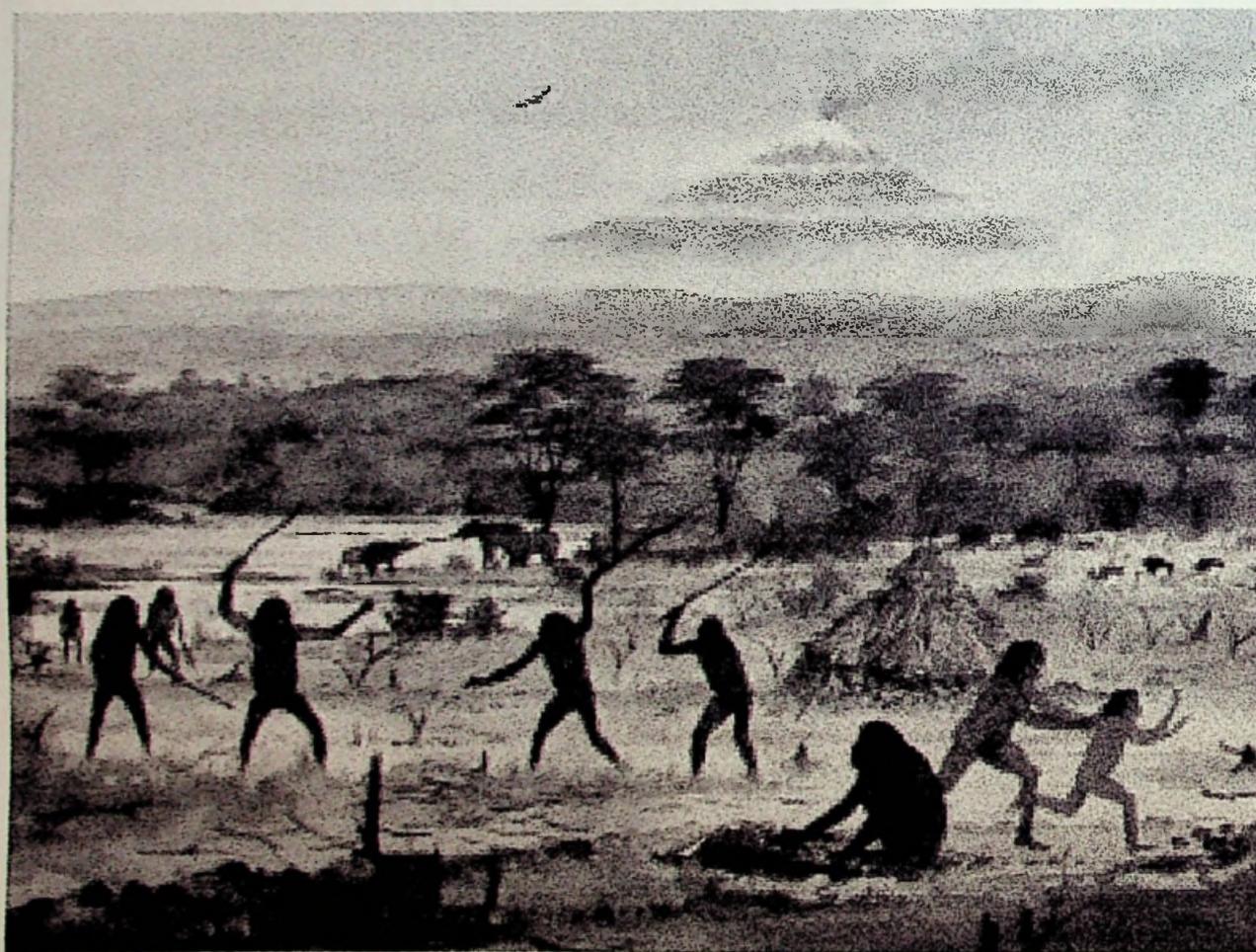


Figura 1 Pintura da pré-história humana. Reproduzido da Grolier Eletronic Publishing

Desde tempos imemoráveis, o homem deseja perpetuar o momento presente da fixação da imagem, pois se os seus grunhidos não eram representados graficamente, a comunicação oral era a única oportunidade de contar sua história.

Na pré-história, as pegadas humanas e dos animais eram

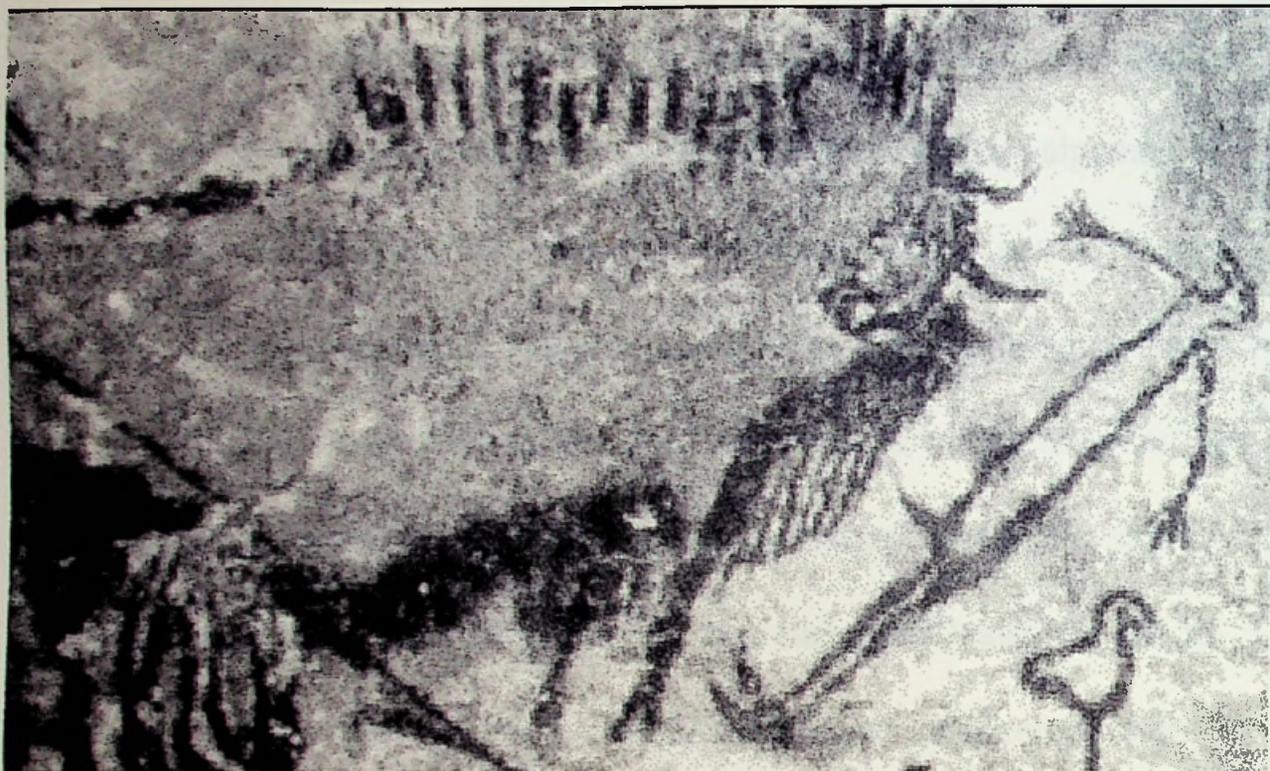


Figura 2 Caverna de Lascaux, localizada ao Sudoeste da França, datada de 15 mil a 10 mil a.C. pelos Cro-Magnon - reprodução do The New Grolier (Enciclopédia Multimídia)

auxílio vital na guerra e na caça mostrando ao homem o caminho a tomar.

Nestas pegadas, segundo Úrsula Ephraim Katzenstein ¹, (...) "*estão contidos os elementos básicos da técnica de impressão posteriormente desenvolvidas*".

No período chamado *Paleolítico Superior*², as descobertas das primeiras manifestações desenhadas do homem, nas mais primitivas cavernas registram a universalidade das atividades no desenvolvimento

¹ KATZENSTEIN, Úrsula Epharain. A origem do livro da Idade da Pedra. São Paulo, Hucitec, 1986. p265

² PALEOLÍTICO, Período pré-histórico que principia no final do plistoceno, com o aparecimento dos mais antigos fósseis humanos e se caracteriza pela presença de artefatos de osso e/ou de pedra fragmentada ou lascada, datando do final deste período notáveis desenhos e pinturas rupestres; período da pedra lascada; idade da pedra. (Novo dicionário Aurélio p 1311).

das sociedades pré-histórica, simbolizando-os através das *pinturas rupestres*³.

Apesar de não termos uma análise segura absoluta sobre as verdadeiras intenções das pinturas rupestres da pré-história, algumas hipóteses sugerem que elas serviriam para manter acesas as cenas de caça durante o longo período de inverno para que os mais velhos pudessem ensinar aos mais jovens a aparência de suas presas ou as técnicas de captura. Outras hipóteses sugerem que tais pinturas teriam um sentido místico de louvor à fartura e ao sucesso nas caçadas. Quaisquer que tenham sido os objetivos de tais pinturas, ainda causa deslumbramento o seu realismo, a riqueza de detalhes e a propriedade com que trabalhavam, considerando que elas datam de um período no qual o homem começava a engatinhar na compreensão de si mesmo e do mundo que o cercava.⁴

Nas primeiras formas de comunicação, a fala era a forma coordenada dos ritos e dos hábitos comuns que são mantidos pela autoridade mítica do chefe. *“A linguagem oral desenvolveu-se como instrumento de vida conjunta e da coesão nômade (...) nos rituais de iniciação dos jovens e nos preparativos bélicos, as primeiras inscrições gráficas primitivas começam a acompanhar a fala. São inscrições que se destinam a*

³ RUPESTRE. Imagens gravadas em rochedos.

⁴ GROSSI, Fábio Simões. A fotografia e a ação verbal: relações entre a imagem fotográfica e o texto. Dissertação, UNESP, 1994. p28

perpetuar na memória coletiva a expressão oral, e a expressão oral é também o próprio ato mítico” ⁵. Mas não é só isso pois a fala representa a memória que grava e visualiza o ambiente, seus sonhos e símbolos. E é nessa necessidade de transmitir essa memória que o homem vai criar a ligação imagens e texto, mesmo que este segundo ainda não tivesse sido escrito.

Podemos visualizar, ao redor de uma ancestral fogueira, homens semivestidos relatando uns aos outros as experiências das últimas caçadas. Essa comunicação oral vai continuar para toda a história do homem. Entretanto, esse meio de comunicação não transmitia suas abstrações e idéias com toda a clareza.

Por este motivo, o homem começa a desenhar nas paredes das cavernas figuras de animais marcados exclusivamente por uma visão simbólica e mística, marcando a necessidade de gravar a memória coletiva para garantir a coesão social da tribo, estabelecida sob a tutela dos mitos aceitos pela coletividade.

Assim, linhas, pontos, gravações em ossos, madeiras ou pedras são as primeiras representações conhecidas. As famosas pinturas de bisontes e outros animais encontradas nas cavernas dos Pirineus são interpretadas por muitos antropólogos como uma prática ritual para assegu-

⁵NUNO, Crato, A imprensa, São Paulo, Presença, 1982. p12

rar boas caçadas, pois poderiam fazer parte de um processo mágico por meio do qual o homem procurava interferir na captura dos animais. O desenhista do Paleolítico supunha ter poder sobre o animal verdadeiro desde que o representasse como figura. Para ele, o desenho não era apenas uma representação do animal, mas o próprio animal.

Esse tipo de grafia primitiva não representa a expressão de um discurso linear, organizado, transcrevendo uma seqüência ordenada. Era associativa e global, indissolúvel entre o ato e o objeto, a fala e a inscrição. A comunicação verbal prolonga-se ainda, na inscrição gráfica simbólica, como caráter mítico, a medida em que a extensão das curtas frases guturais que saem da sua boca encontra a mão do homem, que pode exprimir o que vê através do desenho, além do som, começando aí uma descoberta fundamental para a humanidade. E a partir daí a história nunca mais seria a mesma.

Com o correr do tempo, desenvolveram e aperfeiçoaram essas manifestações primitivas de arte, a ponto de os pintores executarem retratos e paisagens com extraordinária riqueza de pormenores, ou seja, com imagens quase fotográficas. A pintura difundiu-se por todo o mundo e graças a ela chegaram até os nossos dias as representações visuais de cenas e personagens históricas, cujas características desconheceríamos

porque o tempo as teria apagado para sempre se não tivessem sido gravadas.

Não obstante isso, ressentia-se a pintura de limitações, impossíveis de serem contornadas: era extremamente morosa, e, com isto, excessivamente cara, razão porque estava fora do alcance da maioria, que não podia se dar ao luxo de manter à sua disposição, por vários dias e semanas, um pintor de retratos ou um paisagista, ficando na dependência da vocação, do talento e do gênio que se encontrava num número muito reduzido de criaturas.

Em cada momento histórico, presenciou-se o nascimento de formas particulares de expressão artística, que correspondiam ao caráter político e à maneira de pensar da época. Conforme Gisèle Freund, (...) *o gosto não é uma manifestação inexplicável da natureza humana, mas que se forma em função de algumas condições de vida muito definidas que caracterizam a estrutura social em cada etapa de sua evolução.*⁶

Os guerreiros, os reis, os sábios, todos careciam de algo que fixasse no momento e para sempre os acontecimentos máximos das suas existências e que perpetuasse sua marca na vida daquela sociedade.. A pintura era um meio encontrado, mas sua interpretação, fugia à verdade, visto ser impossível ao artista mandar parar uma batalha a fim de imorta-

⁶ FREUND, Gisèle. La fotografia como documento social. Barcelona, Gustavo Gilli, 1974 p7

lizar o vencedor, quando a luta se encontrava ainda em pleno desenvolvimento.

Nestas circunstâncias, o aparecimento da fotografia era inevitável, mas ao contrário das artes de então, esta era bem mais complexa, pois seu domínio implicava o desenvolvimento da técnica mecânica, da óptica e da química, atividades quase desconhecidas em épocas tão remotas.

Segundo Alves, *“O sonho de poder embalsamar as imagens perdidas no tempo só transformaria em realidade, apesar de todos os esforços, com o advento do Renascimento Cultural, na Europa.*

*Em um quarto escuro, com um minúsculo orifício em uma de suas faces, o artista da época descobria como facilitar seu trabalho mimético, contornando com pincel a imagem refletida na parede oposta.”*⁷

Por volta do século XVI a química e a mecânica se juntaram e deram os primeiros passos. (...)”*O alquimista Fabrício, em 1556, verificou que o cloreto de prata enegrecia quando exposto à ação da luz. Por outro lado, embora com vários anos de diferença, mas no mesmo século, Maurolico constatou pela primeira vez a formação da imagem*

⁷ ALVES, Enio Leite. O fotojornalismo nos momentos de crise: A morte de Getúlio e Tancredo. São Paulo, Dissertação, ECA/USP, 1990. p1

na “câmara escura”, fato já positivado em 1520 por Leonardo da Vinci e Bacon.”⁸

Após o aperfeiçoamento da “câmara escura”, colocando na sua abertura uma lente biconvexa, o físico J.B. Porta, obteve imagens nítidas, mas estes primeiros passos foram logo embargados, pois o obscurantismo da época não permitiu investigações de ordem científica. E, assim, os primeiros raios de luz foram tragados por cerca de duzentos anos.



Figura 3 Leonardo da Vinci

Retomando as pesquisas, em 1777, o químico sueco Scheele estudou profundamente a ação das diversas radiações do espectro sobre o cloreto de prata. Em 1780, o físico francês Charles utilizou-se desta técnica para projetar os



Figura 4 Louis Jacques Mandé Daguerre

trabalhos de alunos, feitos em papel branco impregnado com cloreto de prata, obtendo assim grotescos retratos.

Mas as pesquisas para eternizar a trajetória humana não pararam por aí. No século XIX, as pesquisas se aceleraram, sendo desse

⁸ JEHOVAH, F. Fundamentos do jornalismo fotográfico. São Paulo, IRIS, 1965. p 12

período os trabalhos que aceleraram a implantação das bases definitivas da fotografia.

Em 1839, em Paris, o físico francês Josef Niceforo Niepce e o cenógrafo Louis Jacques Mandé Daguerre, descobrem a fotografia.⁹

Muito importante para a fotografia foi Antônio Romualdo Hércules Florence, natural de Nice, filho do general-médico do exército francês Arnaud Florence, que tendo recebido educação privilegiada até os dezesseis anos, quando resolve conhecer o mundo, vindo a desembarcar em fevereiro de 1824, no Rio de Janeiro. E no Brasil desponta o seu valor. Trabalha



Figura 5 Busto de Antônio Romualdo Hércules Florence

inicialmente na casa comercial de Pierre Dillon, passando depois para a livraria do Sr. Plancher, fundador do “Jornal do Comércio”, do Rio. Esta convivência possibilitou-lhe ter bons livros e entrar em contato com os mais brilhantes intelectuais da época. Assim, por meio de um anúncio, relacionou-se com o barão Jorge Henrique de Langsdorff, cônsul geral da Rússia e naturalista distinto, que necessitava de um desenhista para segui-lo na viagem de estudos que pretendia realizar pelo interior do

⁹ JEHOVAH, 1965, p12

Brasil. Nesta expedição, cujos preparativos foram iniciados em fins de 1825, viajaram do Tietê ao Amazonas, e sobre ela Florence escreveu: *Esboço da viagem feita pelo Sr. Langsdorff de setembro de 1825 a março de 1829, percorrendo 2.165 léguas brasileiras.*¹⁰

Segundo Bóris Kossoy¹¹, devemos a invenção da fotografia a Hércules Florence, com a colaboração do botânico Joaquim Correia de Melo, que conseguiu em 1832, na Vila de São Carlos, hoje Campinas (SP), realizar a primeira fotografia, fatos presenciados por diversas autoridades, não podendo haver sobre o mesmo qualquer contestação. Pelo exposto, que pode ser verificado facilmente em Campinas e na tese de Bóris, Florence descobriu cinco anos antes de Daguerre, Niepce, Talbot e Poitevin, os meios de gravar e fixar as imagens, utilizando-se da câmara escura. No entanto, dadas as condições precárias das comunicações brasileiras da época, este trabalho realizado em Campinas, em 15 de agosto de 1832 não repercutiu no mundo.¹²

Durante a década de 30, Florence deu sentido prático à sua descoberta, imprimindo fotograficamente diplomas, rótulos de medicamentos, (...) *“Florence passaria a utilizar o termo “photografie”, como título de sua invenção, desde 1832, isto é, cinco anos antes do inglês*

¹⁰ JEHOVAH, F. Fundamentos do Jornalismo fotográfico, São Paulo, IRIS, 1965. p28

¹¹ KOSOY, Boris. Doutor em História, Iconografia, Pesquisador e Professor do Ensino Superior.

¹² JEHOVAH, F. Fundamentos do Jornalismo Fotográfico. São Paulo, IRIS, 1965. p29

John Herschel, a quem a história sempre atribuiu o mérito de haver usado inicialmente o vocábulo” ¹³

Sobre a descoberta da fotografia, sem entrar no mérito de quem a descobriu, mas enfocando seus resultados temos que, na imprensa, (...)”*abre-se uma janela para o mundo*”¹⁴, (...) *Jornais e revistas a exibem; a polícia a codifica; museus a expõem; editores a compilam;* ¹⁵ no cinema torna-se a sétima arte, na ciência revoluciona a pesquisa, na medicina salva, na história identifica, no universo desvenda. Diante disso Susan Sontag relata em seu livro que “(...)”*nos últimos tempos, a fotografia transformou-se num divertimento que se pratica tão amplamente como o ato sexual ou a dança - o que significa que, como toda manifestação artística de massa, ela não é praticada pela maioria das pessoas como arte. É sobretudo rito social, defesa contra a ansiedade e instrumento de poder*” ¹⁶

Impressão e fotografia

Após o homem criar os diversos meios de se comunicar, surge a necessidade de ampliar, divulgar e informar a outros o que acontece pelo mundo.

¹³ **KOSSOY**, Bóris. Hercules Florence da impressão à fotografia. São Paulo, Funarte, 1975, p2

¹⁴ **FREUND**, Gisèle, La fotografia como documento social, Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. p96

¹⁵ **SONTAG**, Susan. Ensaios sobre a fotografia. trad. Joaquim Paiva, Rio de Janeiro, Arbor, 1981. p5

¹⁶ **SONTAG**, Susan. Ensaios sobre a fotografia. trad. Joaquim Paiva, Rio de Janeiro, Arbor, 1981. p8

Desde a antigüidade, o homem sente necessidade de difundir as notícias. Fossem através de *pictogramas*,¹⁷ *mnemônicos*¹⁸ como as *cintas de conchas* dos índios iroqueses, os *wampum*, da América ou as *cordas de nós* coloridos dos peruanos, os *quipus*; fossem os hieróglifos¹⁹ egípcios ou traduzidos nas letras dos alfabetos grego e romano, o homem sempre necessitou reproduzir suas idéias, contar suas histórias, gravar sua memória como forma de perpetuar a representação de seus conhecimentos.

Diante desta necessidade, surge a imprensa, atividade derivada do próprio sentido da palavra, que em latim quer dizer: “*pressare*” dai *presser* (expremer), ou melhor, *comprimir*, em francês, imprimir data de 1302, do latim “*imprimère*” (apertar), no sentido de imprimir livro. Em espanhol é “*prensa*”, participio passado feminino de *prémer*, do latim “*premère*, também *apertar*. Como máquina de apertar, prensa é documentada no século XVI. Em português, registra-se imprensa como “*máquina de imprimir livro*”²⁰

¹⁷ **PICTOGRAMA**, Sistema de escrita de natureza icônica, baseado em representações bastante simplificadas dos abjetos da realidade. Aurélio p1326

¹⁸ **MNEMÔNICO**. Arte e técnica de desenvolver e fortalecer a memória mediante processos artificiais auxiliares, como por exemplo a associação daquilo que deve ser memorizado com dados já conhecidos ou vividos, combinações e arranjos, imagens. Aurélio p1144

¹⁹ **HIERÓGLIFOS**. Ideograma figurativo que constitui a notação de certas escritas analíticas, como ex. a egípcia. Aurélio p895

²⁰ **OLIVEIRA**, Pedro Romualdo. Editoração eletrônica no planejamento visual gráfico de jornal diário. Projeto Experimental, Bauru, UNESP, 1993. p 27

É em Roma, antes de nossa era, que aparecem publicações aparentadas com um jornal. No começo os acontecimentos mais importantes eram publicados numa tábua branca chamada *Álbum*, que era colocada durante o ano todo no muro da residência do grande pontífice. É em Roma também que surgem as actas, - *Acta populi, Acta urbis ou Acta diurna populi urbana* - mais parecidas com um cartaz, que eram colocadas na rua. Daí resultaram os *Annales maiximi*, onde era escrito a história romana.²¹

Júlio César, imperador romano, determina que fossem diariamente redigidos e publicados os atos do povo e os do Senado. *“Fingindo servir à democracia, mas de fato sacrificando-a às suas ambições, visava o futuro ditador a desmoralizar o Senado, expondo-lhe dissídios e conflitos até então encobertos por inviolável sigilo”*²²

Mais parecidas com os modernos editais, as atas eram publicadas, isto é, copiadas e deixadas em vários lugares para que o público tomasse conhecimento do que acontecia. Tendo a característica de serem periódicas e atuais. Por meio dela era possível narrar algum acontecimento político ou notícias diversas que podiam contemplar desde, o afogamento de um cão no rio Tibre até a fofoca das elites.²³

²¹ OLIVEIRA, Pedro Romualdo, 1993, p27

²² RIZZINI, Carlos. O jornalismo antes da tipografia. São Paulo, Nacional, 1977. p5

²³ OLIVEIRA, Pedro Romualdo, 1993, p27

Nesta forma de comunicação, a manipulação já era visível, *“Tramando vingança, Tibério mandava estampar nos diários tudo o que se dizia contra ele e também o que não se dizia”*²⁴

Com o fim da Idade Média, a Europa atravessa uma fase de obscurantismo. A difusão da palavra escrita era controlada, principalmente pela igreja. A vida feudal convivia dentro das muralhas dos impenetráveis castelos medievais, pois as distâncias impediam um contato maior da população e o alto custo do papiro importado do Egito tornava quase impossível a escrita e a multiplicidade das informações, pois mesmo a classe dominante ignorava o alfabeto.

Nesta fase, a informação regressa a fase oral fazendo surgir os trovadores, o canto e os jograis. Até o século XI, as notícias eram passadas por estes artistas, que perambulavam com seus jograis entre vilas e castelos, e ao som de violas, flautas e sanfonas, difundiam as notícias e a música. Estes *“jornalistas”* criticavam os poderosos, transmitindo suas opiniões e agitando a população por onde passavam. As autoridades como sempre, não gostavam nenhum pouco e muitos deles acabaram nos calabouços.

Os poucos livros existentes eram copiados em exemplares únicos, a mão, por pessoas habilitadas para isso chamadas de copistas.

²⁴ RIZZINI, Carlos. 1977, p5

Nos conventos as impressões do livro eram feitas através do processo de xilografia,²⁵ antecessor imediato da impressão tipográfica.²⁶ Esse período foi rico na criação dos tipos,²⁷ cujos desenhos visavam chegar a perfeição. Embora tenha-se notabilizado por um avanço elevado tecnológico, este período se caracteriza também pelo cerceamento à liberdade de expressão, pois as informações eram guardadas a sete chaves, produzindo deliberadamente o que se denominou a “Idade das Trevas”.²⁸ (1993, p29)

Após as trevas medievais, período onde a difusão da palavra escrita foi muito limitada e controlada pelas autoridades, principalmente pela Igreja, a veiculação da informação escrita *renasce* com força em vários lugares da Europa.

A necessidade de comunicação entre as grandes cidades Europeias e o Ultramar, em consequência dos grandes descobrimentos deu origem às “*cartas noticiosas*” dos navegadores, que delas se serviam para transmitir notícias de interesse ao intercâmbio cultural.

²⁵ **XILOGRAFIA**, Fase da imprensa anterior à inversão da tipografia, e durante a qual a reprodução de imagens e textos se fazia por meio de pranchas de madeira gravadas em relevo.

²⁶ **TIPOGRAFIA**, Arte que compreende as várias operações conducentes à impressão dos textos, desde a criação dos caracteres à sua composição e impressão, de modo que resulte num produto gráfico ao mesmo tempo adequado, legível e agradável. Sistema de imprimir com formas em relevo. (Aurélio, p1679)

²⁷ **TIPO**, paralelepípedo de metal fundido (ou de madeira, nos grandes corpos), cujo olho, convenientemente entintado, imprime determinada letra ou sinal. Letra impressa, resultante de composição tipográfica ou de fotocomposição, letra de imprensa, letra de forma, letra redonda. (Aurélio, p1679)

²⁸ **OLIVEIRA**, Pedro Romualdo. Editoração eletrônica, no planejamento visual gráfico de jornal diário. Projeto experimental, Bauru, UNESP, 1993. p29.

No século XVI, surge na Itália as *folgli d'avvist*, conhecidas como *gazeta* devido à moeda veneziana com que pagavam essas publicações noticiosas dedicadas ao comércio marítimo. Na metade desse século, já circulavam panfletos com temas variados, com textos políticos, crimes, milagres, informações que despertavam o interesse do público.²⁹

Na segunda metade do século XVII, surgiram na Inglaterra os *corantos*,³⁰ nome que designava publicações destinadas à difusão de notícias corrente. Impressos principalmente na Holanda, passaram a serem confeccionados em Londres em setembro de 1621, com o mesmo título Coranto.

Em 1631, sob o patrocínio do cardeal Richelieu, surge na França o primeiro jornal semanário, a *Gazette de France*, cujo lema era: informar, exprimir as opiniões, distrair e, sempre, querer servir a verdade.

Apesar de existir uma grande repressão do Estado e da Inquisição sobre qualquer texto impresso, a imprensa progredia em “*países onde a autoridade central era fraca*”³¹

O aparecimento da imprensa nasce ligada à uma autoridade central que tem seus compromissos econômicos e comerciais e necessita divulgar para o seu público as novidades mercantis. A invenção de Gu-

²⁹ OLIVEIRA, Pedro Romualdo, 1993, p29.

³⁰ OLIVEIRA, Pedro Romualdo, 1993, p30

³¹ FLEUR, Melvin De. Teoria da Comunicação de massa . Zahar, 1976, p31

temberg apesar de estar mais ligada à confecção de livros, possibilita o aparecimento de várias folhas volantes.

É em Portugal que se inicia, por volta de 1635, os primórdios da imprensa como a conhecemos hoje. Como em outros países, surgem folhas volantes mandadas imprimir pelos governadores e poderosos, como forma de propaganda. Um folheto denominado *Notícias Avulsas*, circulando na clandestinidade, surgiu como propaganda independente nos primeiros anos da dominação espanhola. Em agosto de 1642, D.João IV proíbe a circulação da “Gazetas Gerais”, iniciando a censura do Estado. A primeira publicação que atingiu regularidade, saindo quase todos os meses durante seis anos, é a *Gazeta em que se relatam novidades da corte e vieram de várias partes*.³²

As imagens permanecem afastadas do texto, pois ainda não havia sido descoberto os meios para publicá-las, pois a invenção da fotografia se caracterizaria dois séculos depois.

Algumas dificuldades imperavam na crescente imprensa, utilizando uma técnica de impressão rudimentar, quase através de prelos de madeira e papel de péssima qualidade, o jornalismo português não prezava pela atualidade das notícias. Além disso, os textos de péssima qualidade, ficavam desatualizados em relação ao que os jornais de outros

³² OLIVEIRA, Pedro Romualdo, 1993, p30

locais produziam. Isto fazia com que se mantivesse restrito ao sistema de venda por assinaturas

AS IMAGENS E AS TÉCNICAS DO HOMEM

A mecanização do trabalho

A introdução das prensas metálicas substituindo as de madeira dá um impulso na técnica tipográfica. Da invenção de Koenig para o *Times*, foi um avanço considerável.

O aperfeiçoamento das tintas de impressão permitiu maior nitidez, uniformidade e durabilidade da impressão.

Após a descoberta da fotografia (1827) por Niépce, Daguerre e Florençe, as reproduções fotográficas vão aparecer com as tramas de rede quadriculadas desenvolvida por Fox Talbot, em 1852; outros, conseguem decompor as fotografias através de pontos de tamanho variável que permitem uma impressão mais próxima da realidade.

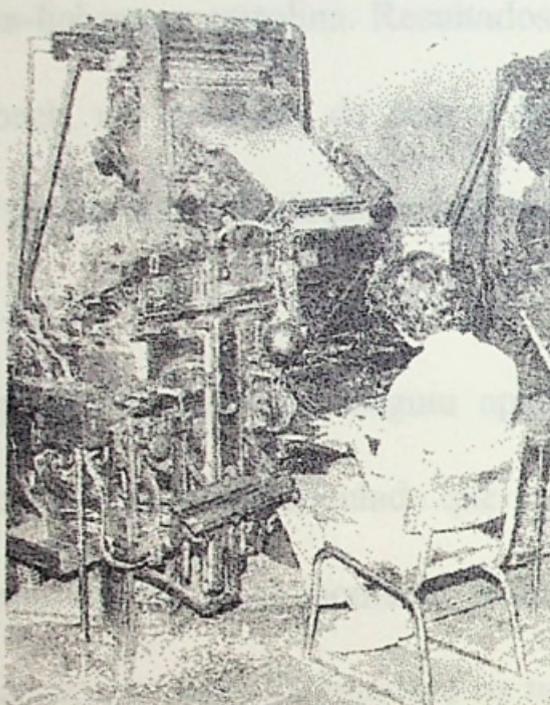


Figura 6 Linotype



Figura 7 Fox Talbot

Imaginava-se uma retícula de pano que pudesse satisfazer a esta necessidade. Talbot intercalava uma gaze de seda chinesa entre o negativo e o papel fotográfico, para obter a retícula. Em 1859, o francês Bertchold, tentava fazer uma retícula de vidro, em 1868, Barret patenteou em Paris uma retícula feita com tira-linhas em cartolina. Resultados mais práticos conseguiu Jorge Meisenbach, um gravador de cobre, que em 1822 patenteou um processo de reprodução fotomecânica de imagens meio-tom, usando retícula de vidro.

Foi o americano Eugênio Ives quem conseguiu aprimorar estas experiências e criar uma retícula de vidro quadriculada que transferisse o meio tom da fotografia. Assim, a partir deste momento, a fotografia podia ser reproduzida nos jornais e, isso iria continuar até os nossos dias. Hoje as retículas são de vidros ou de plástico (poliester) e, podem ser de linhas cruzadas, pontos regulares ou irregulares.

O primeiro jornal a publicar uma fotografia reticulada foi o New York Tribune, em 21 de janeiro de 1897. Até então, as ilustrações nos jornais não satisfaziam de todo os leitores. Por mais que se esforçassem, os desenhistas *“nem sempre traduziam em seus traços, com a finalidade indispensável, o acontecimento em foco”*³³

³³ CANTERO, Francisco. Arte e técnica da imprensa moderna. São Paulo, Jornal dos Livros, p160

James Bennet, fez uso desta técnica numa reportagem sobre a velha Bolsa dos Comerciantes de Nova York, publicando também em 1845 desenho do enterro do General Jackson, “(...) *devido a pouca nitidez da ilustração seus rivais tentaram ridicularizá-lo, já que os leitores não podiam distinguir ou reconhecer nada, naquele desenho borrado e manchado de tinta.*”³⁴

Por meios da *litografia*³⁵, em 1840, conseguia-se excelentes reproduções. Nathaniel Currier dedicava-se à publicação de desenhos realistas dos fatos correntes, que eram vendidos separadamente dos jornais e o interesse do público por eles veio demonstrar o valor que tinham.³⁶

O jornal auxiliado pela fotografia tornam-se cada vez mais populares. Cenas de crimes, tragédias e outras situações, através dos flagrantes dos fotógrafos vão dar maior prestígio aos jornais e, conseqüentemente, aumentam as vendas e as tiragens.

Com toda essa revolução industrial e comercial, foi possível acumular grande capital sob forma de dinheiro e não de terras. O processo de expropriação dos pequenos camponeses por parte dos senhores feu-

³⁴ OLIVEIRA, Paulo Gomes. Formação Jornalística. Pôrto Alegre, Sulina, 1970, p197

³⁵ LITOGRAFIA, processo de gravura em plano, executado sobre pedra calcária, chamada pedra litográfica, ou sobre placa de metal (em geral, zinco ou alumínio), granidas, e baseado no fenômeno de repulsão entre as substâncias graxa e a água, usadas na tiragem, o qual impede que a tinta de impressão adira às partes que absorvem a umidade, por não terem sido inicialmente cobertas pelo desenho, feito também a tinta oleosa. (Aurélio p1041)

³⁶ JEHOVAH, F. Fundamentos do jornalismo fotográfico, São paulo, IRIS, 1986, p35

dais, criara um enorme número de homens que nada possuíam senão o trabalho dos seus braços. Existindo capital e mão de obra disponíveis estavam dadas as condições para o aparecimento da fábrica, lugar onde ambos tinham aplicações.

A combinação do capital barato, da mão de obra disponível, neste ciclo, possibilitou uma transformação na Europa, chamada revolução industrial de 1848.³⁷

De 1848 até o início de 1870, o mundo e, principalmente a Europa, sofre uma transformação radical em diversas atividades. A liberação das iniciativas privadas deu força ao progresso da indústria, ao desenvolvimento dos meios de transportes, e a valorização da educação como contribuição para se desenvolver novas tecnologias, assim como a produção em massa.

Um Fruto da Técnica

A principal conquista do período foi a mecanização. Criaram-se máquinas que produziam centenas de vezes mais rapidamente do que o homem seria capaz de fazer manualmente. A máquina de fiar, a máquina de ar comprimido, a pá mecânica, os primeiros motores a combustão, a eletricidade e a força motriz do vapor e a fotografia, etc., estabelecem um novo destino para o homem

³⁷ OLIVEIRA, Pedro Romualdo. 1993, p33

Mas a maior inovação industrial foi a criação de máquinas para produção em massa. Nos Estados Unidos, onde milhares de migrantes invadem o Novo Mundo com novas técnicas que são levadas da Europa; surgem o revólver Colt, o rifle Winchester, os relógios de pulso e através dos matadouros de Cincinnati e Chicago, as modernas linhas de montagem e até o transporte mecânico das mercadorias produzidas. Em consequência disto, surgiam os produtos que seguiam uma linha de montagem, como as máquinas de costurar e escrever, que poderiam ser usados por um número muito grande de pequenos produtores.

Isto acarretou um aumento na produção industrial e a consequente necessidade de novos centros de abastecedores de matéria-prima, pois muitos deles ficavam longe do local de produção. A distância desses centros e a necessidade de transporte de matérias primas contribui para o desenvolvimento dos trens e das ferrovias. Desde a primeira aplicação prática da ferrovia conseguida por George Stephenson, em 1825, os trens de ferro se tornaram o meio de transporte por terra mais vantajoso para o comércio.

Essas descobertas representavam os meios de comunicação adequados aos meios de produção e assim a economia capitalista recém-nascida podia se multiplicar na mesma proporção em que aumentava a intensidade das transações comerciais.

Com isso, as mais remotas partes do mundo começam a ser interligadas por meios de comunicação que não tinham precedentes pela regularidade, pela capacidade de transporte de pessoas e acima de tudo, pela velocidade: a estrada de ferro, o barco a vapor e o telégrafo.

Enquanto trilhos e navios transportavam mercadorias e pessoas, uma nova transformação tecnológica iria ser a sensação daquele século: a comunicação de mensagens através do telégrafo elétrico. Descoberto em meados da década de 1830 pelos pesquisadores Cooke e Wheatstone, em poucos anos encontrava sua aplicação nas estradas de ferro. Um ano após a transmissão da primeira mensagem eletromagnética feita por Samuel Morse, em 1844, entre Washington e Baltimore, o jornal *Morning Chronicle* também passava a utilizar despachos telegráficos nos seus serviços informativos.³⁸

Com o crescer da industrialização e com a mecanização da reprodução, a fotografia de imprensa teve um impulso considerável por uma série de mudanças, como o aperfeiçoamento das objetivas e da transmissão de imagens por telegrafia (1872); e o surgimento do filme em rolo (1884).

Em 1880 aparece a primeira fotografia de retícula em jornal, que ainda não podia ser considerada de alto padrão técnico. Gisèle

³⁸ OLIVEIRA, Pedro Romualdo. 1993, p35

Freund em seu livro cita que: “(...)foi publicada na imprensa por meios puramente mecânicos a primeira fotografia. Após essa publicação passa-se a ter um alcance revolucionário na transmissão dos acontecimentos.”³⁹

O surgimento da fotografia impressa transformou a vida das pessoas e iniciou uma nova fase na comunicação, (...)“com a fotografia se abre uma janela para o mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar no mesmo país e além das fronteiras se tornam familiares”⁴⁰, (...)“a fotografia inaugura os mass media visuais quando o retrato individual se vê substituído pelo retrato coletivo”⁴¹

³⁹ OLIVEIRA, Pedro Romualdo. 1993, p95

⁴⁰ FREUND, Gisèle. p96.

⁴¹ FREUND, Gisèle. La Fotografia como documento social. p96

**AS IMAGENS COMO DOCUMENTO NA
IMPRENSA**

A imagem na imprensa

Há cada momento de evolução do ser humano surgia, paralelamente, as formas de expressão, fazendo com que o homem se utilizasse dos mais variados meios e suportes para se comunicar.

A própria história nos mostra esses meios, as rochas das cavernas, as tábuas de argila, a madeira, os metais, o papiro, as tramas tecidas, o pergaminho, chegando ao papel como o suporte mais utilizado. E para cada momento desse progresso desenvolveu-se também os instrumentos utilizados para confeccionar esses suportes.

Pierre Francastel cita em seu livro *Realidade Figurativa*, (...) *“que a Arte constitui um fenômeno duplo: técnico e intelectual. A obra de arte é, efetivamente, sempre o produto da imaginação e da habilidade de um artesão”* ⁴²

As civilizações clássicas, gregas e romanas, não marcaram a história da humanidade por contribuições práticas ou inventos que atenuassem o esforço humano no desempenho do trabalho. Isso não significa que não existiam exemplos de dispositivos que se prestam a essa finalidade e que remontem a essa época, as contribuições dessas civilizações no desenvolvimento da Filosofia, da Ciência, das Artes, da Política e

⁴² FRANCASTEL, Pierre. *A Realidade Figurativa*. São Paulo, Perspectiva, 1993 p21

do Direito estabeleceram os fundamentos e os rumos de parte considerável do conhecimento humano.

Contudo, o homem procura o desenvolvimento da reprodução para atingir o objetivo de comunicar-se. Nessa sua procura vê-se na escrita e na pintura as melhores formas. Como escreve Francastel (...) "*A criação das obras de arte mais utilitárias aparentemente nos informa sempre sobre aquilo que se pode denominar o projeto de toda atividade individual ou coletiva num determinado grupo humano*", (...) "*A História não pode dispensar um instrumento que lhe permite descobrir o liame intelectual de numerosos atos que se traduzem em objetos puramente figurativos pois a coesão e o mecanismo de produção são esclarecedores para as outras formas de ação positiva ou conceptual de uma época. O documento artístico é ao mesmo tempo revelador de saberes técnicos e de esquemas de pensamento. Ele é tão seguro quanto o documento escrito.*"⁴³

O homem na procura da perfeição, desenvolveu formas tecnológicas para deixar registrado em algum local, em algum objeto o seu passado. Através dos tempos aperfeiçoou-se os métodos e mecanismos, mas somente no século XIX começa a ver o resultado, saindo da abstra-

⁴³ FRANCASTEL Pierre, A realidade figurativa. São Paulo, Perspectiva, 1993, p 81

ção das imagens, obtendo na fotografia, uma expressão mais próxima da realidade.

Na insatisfação do ser humano, na sua inquietude para difundir o seu conhecimento, aprimora-se os meios de impressão no papel, dando início nas imagens a *traço (caricatura)*⁴⁴. Nesta fase, surgem as tramas quadriculadas, desenvolvidas por Fox Talbot (1852) e outros conseguem decompor as fotografias através de pontos de tamanho variável que permitiam uma impressão mais próxima da realidade, a *retícula*.⁴⁵ Após esse passo, a fotografia passa a ter um valor extraordinário como informação e linguagem.

Foi a partir de 1870 que o processo de fotogravura⁴⁶ atingiu a maioria. Os primeiros passos para gravar a fotografia estavam dados. Porém, havia ainda algumas barreiras de ordem técnica a serem transpostas, o que foi conseguido, em parte, em 1897, quando S.H. Mor-

⁴⁴ **CARICATURA**, desenho que, pelo traço, pela escolha dos detalhes, acentua ou revela certos aspectos caricatos de pessoas ou fatos. Representação burlesca em que se arremedam ou satirizam comicamente pessoas e fatos. Reprodução deformada de algo. (Aurélio p353)

⁴⁵ **RETÍCULA**, Aparelho formado por dois vidros finamente ralados e cimentados um ao outro, de modo que as raias se cruzem em ângulos retos, e que se usa nos processos de autotipia de ofset. O pontilhado produzido por esse aparelho, nos negativos, positivos, clichês e estampas: trama. Qualquer matriz de pontos, linhas, círculos, etc., empregada para produzir efeito de meio-tom ou outros efeitos visuais em artes gráficas.

⁴⁶ **FOTOGRAVURA**, No sentido mais geral, qualquer processo fotomecânico: **fotogravura em relevo**: a entalhe, em plano. Placa, clichê ou cilindro obtido por qualquer desses sistemas, ou, em especial, pelo processo em relevo. Estampa tirada de qualquer dessas superfícies impressoras. Qualquer dos processos de que é representativa a heliogravura, plana ou rotativa (rotogravura), e pelos quais se produzem placas ou cilindros de cobre onde a imagem é formada por meio de minúsculos alvéolos de diferentes profundidades, criados pela retícula, e que traduzem os meios tons, na fase de impressão, segundo a maior ou menor quantidade de tinta especial, fluída, que podem comportar. **fotogravura a traço**: Processo de fotogravura em relevo para a produção de originais em que há apenas traços e chapados, sem meios-tons, e que dispensam, por isso, o uso de retícula; fotogravura linear, zincografia, zincotipia. (Aurélio)

gan obteve meios-tons estereotipados razoavelmente bons para reproduções, com o emprego de uma prensa. A ilustração de Morgan saiu no *Tribune*, de Nova York, no dia 21 de janeiro de 1897.⁴⁷

Até 1914 o jornalismo ilustrado caminhou com certa moderação, aguardando, seguramente, que a técnica lhe desse o necessário apoio. Jornais e revistas de grandes tiragens careciam de processos rápidos e de preços acessíveis para incluírem definitivamente a imagem na complementação da matéria redatorial.

Enquanto desenvolvem a tecnologia de impressão, a *Charge*,⁴⁸ torna-se a grande responsável pela ilustração dos periódicos da época. Ainda hoje ela se mantém com seus traços, satirizando o sistema sócio político e econômico do mundo inteiro.

Como já citamos anteriormente, com o crescer da industrialização e com a mecanização da reprodução, no final do século XIX, a fotografia de imprensa teve impulso considerável por uma série de mudanças : a substituição das placas secas pelas gelatinosas (de colódio úmido), permitindo o uso de placas já preparadas (1871); o aperfeiçoamento das objetivas e da transmissão de imagens por telegrafia (1872); e o surgimento do filme em rolo (1884). Mesmo assim, somente em 1904

⁴⁷ JEHOVAH, F. 1965, p36

⁴⁸ CHARGE, Representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é do conhecimento público. (Aurélio, p392)

um jornal iria ilustrar páginas exclusivamente com fotografias : o *Daily Mirror*, da Inglaterra.

Em abril de 1914, o *New York Times* organizou um suplemento em rotogravura, empreendimento audacioso que ainda mais lhe aumentou a fama de grande diário. Este suplemento saía aos domingos, acompanhando a edição normal e nele eram incluídos e habilmente aproveitados os mais diversos tipos de fotografias e desenhos, que objetivavam tornar as matérias mais atraentes e elucidativas.⁴⁹

Depois foi a vez do *Illustrated Daily News*, de Nova York, em 1919, jornal alegre e movimentado que tinha por base a fotografia. Os leitores, contentes com o dinamismo pictórico que o tablóide apresentava, fizeram-no o jornal de maior circulação do país.

Recordando comentários anteriores, o surgimento da fotografia na imprensa, transformou a vida das pessoas e iniciou uma nova fase na comunicação. (...) *Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar no mesmo país e além das fronteiras se tornam familiares*", escreve G.Freund.⁵⁰

"Foi com a chegada da LIFE, em 1936, e logo depois da do LOOK, que os americanos tomaram gosto pelos semanários ilustra-

⁴⁹ JEHOVAH, F. p36

⁵⁰ FREUND, Gisèle, 1974, p96.

dos e deram-lhe o impulso de que necessitavam, organizando várias equipes de repórteres-fotográficos, e espalhado-os pelo mundo em busca de assuntos e de fatos sensacionais para satisfazer ao apetite de um público sedento de novidades e de imagens que, uma vez desperto e ciente da facilidade de interpretação de um texto resumido, mas profusamente ilustrado.”⁵¹

A *LIFE*, em seu editorial escrito por Henry Luce, dizia:

*“Para ver a vida, para ver o mundo, ser testemunha dos grandes acontecimentos, observar os rostos dos pobres e os gestos dos orgulhosos; ver coisas estranhas: máquinas, exércitos, multidões, sombras na janela e na lua; ver coisas distantes a milhares de quilômetros, coisas ocultas atrás das paredes nas casas, coisas que chegarão a ser perigosas, mulheres, amadas pelos homens e muitos meninos; ver e ter o prazer de ver, ver e assombrar-se, ver e inteirar-se.”*⁵²



Figura 8 Foto Scaneada da Revista LIFE Nº 1

⁵¹ JEHOVAH, F. 1965, p37

⁵² FREUND, Gisèle. La fotografia como documento social, p128

Os jornais diários também se entusiasmaram. Na Inglaterra, surgiram os tablóides, onde as ilustrações predominavam. Um dos mais famosos desse tipo, o *Daily Mirror*.

A fotografia parece ter sido o grande peão da revolução tecnológica do meio impresso. Na Revista de Comunicação, uma reportagem de Alexandre Raposo cita que (...) "*há quem diga que a fotografia impressa foi a única mudança realmente importante ocorrida na história do jornalismo desde a invenção dos tipos móveis, desenvolvido por Gutenberg.*"⁵³

A imprensa no Brasil

Vários países latino-americanos iniciaram-se no jornalismo antes de nós, e com seus respeitáveis órgãos contribuíram para a formação da mentalidade emancipadora que empolgou o continente sul americano no primeiro quarto do século XIX. Aparecemos depois, e muito debilmente. Todavia, nunca deixamos de cumprir o nosso papel, embora no curso do desenvolvimento nacional tenham havido crises verdadeiramente desalentadoras. Isso, entretanto, não quebrou o ânimo dos homens

⁵³ RAPOSO, Alexandre, O fotógrafo, o escroque e os cachorros da madame. Reportagem, Revista de Comunicação nº 10, Rio de Janeiro, 1994. p4

que vêm na imprensa uma força capaz de remover obstáculos e traçar rumos seguros para os ideais de liberdade sempre almejados pelo homem.

O Brasil depois de frustrada tentativa em 1747 foi talvez o último dos países americanos a se iniciar no jornalismo. Em 1707, no Recife e um pouco mais tarde em Minas Gerais, algumas tentativas foram feitas, porém sem êxito. Depois em 1746, Antônio Isidoro da Fonseca se instalou no Rio de Janeiro com uma pequena tipografia, cujo método de trabalho já era há mais de um século conhecido em quase toda a Europa.⁵⁴

Isidoro não fez jornalismo, propunha-se a apenas a executar impressos, mas mesmo assim correu perigo. Embora seu estabelecimento fosse acanhado, assustou de tal forma os governantes, que ao cumprir-se o primeiro ano de atividades, teve o fechamento deste todos os bens sequestrados e queimados. Assim, este jornalista foi deportado para o Reino e as autoridades portuguesas puderam continuar tranqüilas.⁵⁵ Isidoro da Fonseca ainda tentou junto às autoridades portuguesas restabelecer sua tipografia no Brasil, mas nada conseguiu, pois argumentava-se que sairia muito mais barata a impressão quando realizada em Portugal, além

⁵⁴ JEHOVAH, F. Fundamentos do Jornalismo Fotográfico, São Paulo, IRIS, 1965, p42/43

⁵⁵ SEMERARO, Cláudia Marino. AYROSA, Christiane. (coord.) História da Tipografia no Brasil, São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1979, p6

que qualquer obra tinha que receber autorização da censura civil e eclesiástica.⁵⁶

O primeiro jornal do Brasil nasce em Londres, em junho de 1808, pelas mãos do exilado Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Natural da Colônia do Sacramento, no Brasil, Hipólito se formou em Coimbra e foi para Filadélfia como funcionário da Coroa. Regressando a Portugal, foi nomeado



Figura 9 Hipólito José da Costa

deputado da Junta da Impressão Régia, seguindo depois para a Inglaterra com a missão de adquirir maquinarias e obras para a Biblioteca Nacional. Ao regressar novamente a Lisboa, foi surpreendido por uma ordem de prisão emanada do ministro Souza Coutinho ou do Santo Ofício, na qual era acusado de livre pensador e Maçon. Submetido a duros interrogatórios acabou por se confessar culpado, sendo por isso recolhido ao cárcere.

⁵⁶ SEMERARO, Cláudia Marino. AYROSA, Christiane. História da tipografia no Brasil, MASP, 1979, p6 / 7

Após três anos de encerramento conseguiu fugir para a Espanha e a seguir para Londres, onde fixou residência. Para ganhar sustento lecionou várias línguas. No entanto, foi como jornalista que entrou para a História. Em 1º de junho de 1808, Hipólito lança em Londres o primeiro jornal político brasileiro, *O Correio Braziliense*, distribuído clandestinamente na Colônia e no Reino, desafiando a censura real e “falando livremente das coisas”. Publicado mensalmente, com mais de cem páginas e forma de brochura, *O Correio Braziliense* durou até o fim de 1822, quando a Independência do país o tornou desnecessário na opinião de seu editor,.

57 58

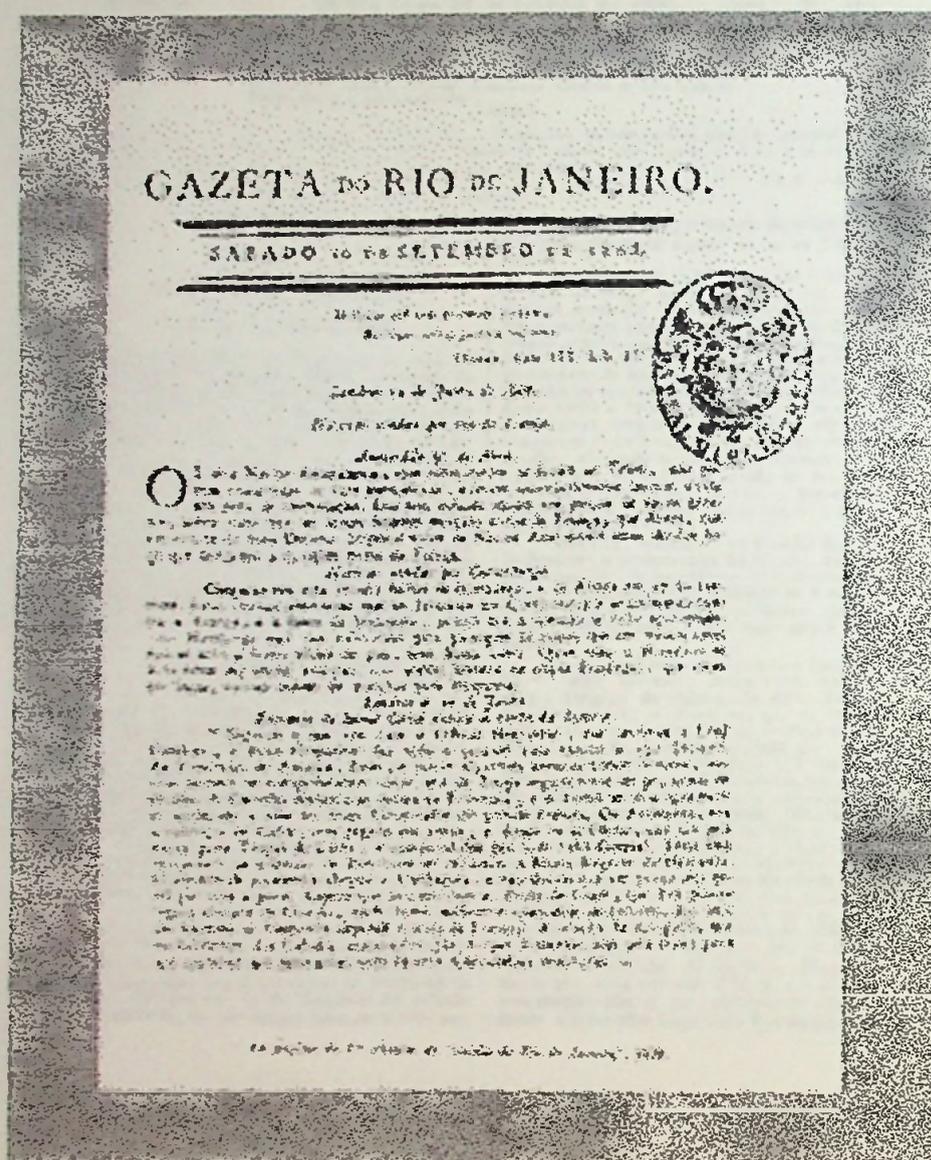
Hipólito era um “agitador” ativo, pois nos últimos tempos do *Correio Brasiliense* criticou os atos da regência de Lisboa e os do governo do Rio de Janeiro, contribuindo com o seu jornal para a emancipação política do Brasil, ao divulgar as idéias liberais inglesas e debater o problema da escravatura no Brasil.

Ainda em 1808, D. João criou o primeiro jornal impresso no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que circulou até 1822. Este jornal não tinha muitas opções de pauta, com seções e comentários, como o *Correio*

⁵⁷ MARANHÃO, Ricardo. Um retrato no jornal - A história de São Paulo na imprensa oficial (1891 1994). São Paulo, IOE, 1994. p23

⁵⁸ JEHOVAH, F. Fundamentos do jornalismo fotográfico, São Paulo, IRIS, 1965. p44

Brasiliense, tendo o perfil de um órgão criado apenas para informar sobre a vida administrativa e a movimentação social do Reino.⁵⁹



De 1808 para cá, muitos jornais surgiram com a mesma lentidão com que se implantavam os prelos tipográficos, no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará, Bahia e Pernambuco. O primeiro jornal informativo foi o *Diário do Rio de Janeiro*, publicado pela primeira vez em 1821, com notícias sobre crimes, demandas, movimentos de navios, leilões,

⁵⁹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo, Ática, 1990. p18

O PAULISTA OFFICIAL

1823 - Quinta-feira 21 de Janeiro de 1823 - N.º 11

Alameda de São Carlos, nº 100 - São Paulo - SP

Impressão e distribuição em São Paulo - SP

1. PAULISTA

INDICADOR DO CONTHEMTO

Das 27 de Janeiro de 1823.

— O primeiro número do *O Paulista* foi publicado no dia 21 de Janeiro de 1823. Este primeiro número contém 27 páginas de texto, sendo 12 páginas de notícias e 15 páginas de artigos. O conteúdo do primeiro número é o seguinte: 1.º Uma notícia sobre a chegada do governador da Província de São Paulo, o Sr. D. João de Almeida. 2.º Um artigo sobre a situação política da Província de São Paulo. 3.º Um artigo sobre a situação econômica da Província de São Paulo. 4.º Um artigo sobre a situação administrativa da Província de São Paulo. 5.º Um artigo sobre a situação social da Província de São Paulo. 6.º Um artigo sobre a situação cultural da Província de São Paulo. 7.º Um artigo sobre a situação religiosa da Província de São Paulo. 8.º Um artigo sobre a situação militar da Província de São Paulo. 9.º Um artigo sobre a situação judicial da Província de São Paulo. 10.º Um artigo sobre a situação educacional da Província de São Paulo. 11.º Um artigo sobre a situação sanitária da Província de São Paulo. 12.º Um artigo sobre a situação de segurança da Província de São Paulo.

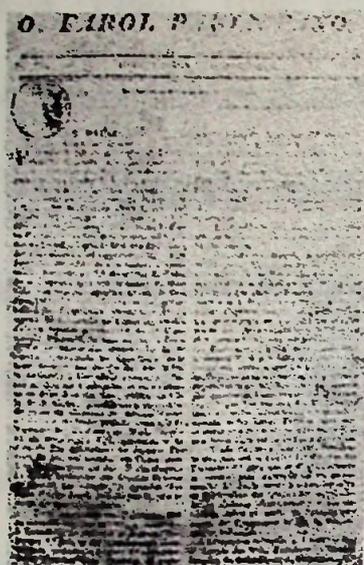
— Segundo, o primeiro número do *O Paulista* foi publicado no dia 21 de Janeiro de 1823. Este primeiro número contém 27 páginas de texto, sendo 12 páginas de notícias e 15 páginas de artigos. O conteúdo do primeiro número é o seguinte: 1.º Uma notícia sobre a chegada do governador da Província de São Paulo, o Sr. D. João de Almeida. 2.º Um artigo sobre a situação política da Província de São Paulo. 3.º Um artigo sobre a situação econômica da Província de São Paulo. 4.º Um artigo sobre a situação administrativa da Província de São Paulo. 5.º Um artigo sobre a situação social da Província de São Paulo. 6.º Um artigo sobre a situação cultural da Província de São Paulo. 7.º Um artigo sobre a situação religiosa da Província de São Paulo. 8.º Um artigo sobre a situação militar da Província de São Paulo. 9.º Um artigo sobre a situação judicial da Província de São Paulo. 10.º Um artigo sobre a situação educacional da Província de São Paulo. 11.º Um artigo sobre a situação sanitária da Província de São Paulo. 12.º Um artigo sobre a situação de segurança da Província de São Paulo.

— O primeiro número do *O Paulista* foi publicado no dia 21 de Janeiro de 1823. Este primeiro número contém 27 páginas de texto, sendo 12 páginas de notícias e 15 páginas de artigos. O conteúdo do primeiro número é o seguinte: 1.º Uma notícia sobre a chegada do governador da Província de São Paulo, o Sr. D. João de Almeida. 2.º Um artigo sobre a situação política da Província de São Paulo. 3.º Um artigo sobre a situação econômica da Província de São Paulo. 4.º Um artigo sobre a situação administrativa da Província de São Paulo. 5.º Um artigo sobre a situação social da Província de São Paulo. 6.º Um artigo sobre a situação cultural da Província de São Paulo. 7.º Um artigo sobre a situação religiosa da Província de São Paulo. 8.º Um artigo sobre a situação militar da Província de São Paulo. 9.º Um artigo sobre a situação judicial da Província de São Paulo. 10.º Um artigo sobre a situação educacional da Província de São Paulo. 11.º Um artigo sobre a situação sanitária da Província de São Paulo. 12.º Um artigo sobre a situação de segurança da Província de São Paulo.

— O primeiro número do *O Paulista* foi publicado no dia 21 de Janeiro de 1823. Este primeiro número contém 27 páginas de texto, sendo 12 páginas de notícias e 15 páginas de artigos. O conteúdo do primeiro número é o seguinte: 1.º Uma notícia sobre a chegada do governador da Província de São Paulo, o Sr. D. João de Almeida. 2.º Um artigo sobre a situação política da Província de São Paulo. 3.º Um artigo sobre a situação econômica da Província de São Paulo. 4.º Um artigo sobre a situação administrativa da Província de São Paulo. 5.º Um artigo sobre a situação social da Província de São Paulo. 6.º Um artigo sobre a situação cultural da Província de São Paulo. 7.º Um artigo sobre a situação religiosa da Província de São Paulo. 8.º Um artigo sobre a situação militar da Província de São Paulo. 9.º Um artigo sobre a situação judicial da Província de São Paulo. 10.º Um artigo sobre a situação educacional da Província de São Paulo. 11.º Um artigo sobre a situação sanitária da Província de São Paulo. 12.º Um artigo sobre a situação de segurança da Província de São Paulo.

Em seguida, São Paulo lança seu primeiro jornal. *O Paulista* fundado em 1823 era uma folha manuscrita que circulava entre 40 assinantes. Em 1827, sai o o *Farol Paulistano*, privilegiando os assuntos da Província e tratando de questões econômicas e administrativas. Em 1929, aparece *O Observador*, jornal combativo denunciando a corrupção e a prepotência dos governantes e transformando-se numa das vozes liberais

aparece *O Observador*, jornal combativo denunciando a corrupção e a



prepotência dos governantes e transformando-se numa das vozes liberais mais fortes da época. Seu diretor, o imigrante italiano Líbero Badaró acabou assassinado por adversários políticos.⁶¹

Em 1849, surge em

São Paulo o primeiro jornal diário, *O Constitucional*, seguido em 1854 pelo *Correio Paulistano*, no mesmo período outros jornais aparecem com publicações satíricas como *o Diabo Coxo*, (1865), *O Cabrião* (1866), empenhados em questões políticas e fazendo crítica



de costumes, ilustrada por caricaturas. Em ambos, fez escola nas artes gráficas brasileiras e litogravura de Ângelo Agostini, introdutor dessa técnica de reprodução entre nós.⁶²

⁶¹ MARANHÃO, Ricardo. Um retrato no jornal - A história de São Paulo na imprensa oficial. (1891- 1994). São Paulo, IOE, 1994 p27

⁶² MARANHÃO, Ricardo. Um retrato no jornal - A história de São Paulo na imprensa oficial (1891 1994). São Paulo, IOE, 1994. p27

Aliado aos cafeicultores em ascensão, é fundado *A Província de S. Paulo*, (que mudou seu título para *O Estado de S. Paulo* após a proclamação da República) sendo o primeiro jornal brasileiro a nascer com estrutura moderna de grande imprensa. Alguns de seus integrantes fundaram, em 1884, o também liberal *Diário Popular* - o primeiro vespertino da cidade. Aquecido o mercado jornalístico, começam a ser fundados jornais em outros



estados brasileiros. Entre os que gozavam de grande reputação estavam o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*. Mais tarde, surgiam novos grupos formando o *Jornal do Comércio*, *Folha de São Paulo*, etc..

Apesar do “surto” verificado no início do nosso século, foi de 60 anos para cá que a imprensa brasileira tomou forma nitidamente empresarial. Para tanto, muitos personagens concorreram com o seu bri-

lho, entre os quais devemos destacar pelo tino administrativo o Dr. Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que formou a cadeia dos *Diários Associados*, empreendimento sem par em todo o continente sul-americano.



Ao lado do progresso material do jornalismo brasileiro era preciso regulamentar o exercício da atividade jornalística, principalmente no que se referia à regulamentação da profissão de jornalista, à criação de escolas de jornalismo e ao estabelecimento de um salário justo que possibilitasse a saída dos homens de imprensa da fase do diletantismo. E foi então Getúlio Vargas que disciplinou as funções e criou os setores. Os grandes empresários passaram também a preocupar-se com a reprodução da mão-de-obra e sua qualificação. Por isto, Casper Libero, diretor de *A Gazeta*, fundou uma escola de jornalismo e Júlio de Mesquita Filho, de *O Estado de São Paulo*, por iniciativa própria, começou a pagar bem os seus profissionais, sendo seguido por outros proprietários de jornais. Todavia quem melhor remunerou os profissionais de imprensa, de modo geral, foram Samuel Wainer e Nabor Caires de Brito, como responsáveis pelo jornal *Última Hora* fundado em 1951.



Figura 10 Samuel Wainer e João Alberto

A partir do momento em que essas instituições se renovavam e se consolidavam, o mercado criava condições para estimular investimentos em publicações semanais, quinzenais e mensais de grande tiragem. O

marco contemporâneo dessa mudança ainda é *O Cruzeiro*. Para a história do fotojornalismo brasileiro, esta revista foi o marco, por que privilegiava a fotografia como elemento do seu discurso de narração, numa época em que a televisão inexistia nos meios de comunicação de massa. *O Cruzeiro* abriu espaço para que importantes fotógrafos explorassem e desenvolvessem um trabalho que até hoje serve de parâmetro para a prática do fotojornalismo no Brasil.⁶³

A partir dos anos 50, formam-se editoras, algumas originárias de parques gráficos estritamente comerciais e outras ligadas a cadeias jornalísticas, que associam capitais nacionais e estrangeiros, para imprimir livros e revistas ilustradas, criando títulos de circulação nacional.

Em 1952, o lançamento da revista *Manchete* pela Bloch indica a tendência de tratar o jornalismo como um fenômeno editorial, o que vai adquirir contornos mais precisos nas décadas seguintes, com o lançamento, em 1965, pela Editora Abril de uma revista que revolucionou o jornalismo brasileiro: *Realidade* era tão inovadora na época em qualidade editorial e em recursos visuais que gerou incômodo e irado editorial dos Diários Associados; “*Realidade não pode ser uma revista brasileira. Onde já se viu uma revista dessa qualidade ser feita no Brasil ?*”⁶⁴

⁶³ MAGALHÃES, Angela, PEREGRINO, Nadja. Jose Medeiros- 50 anos de fotografia. Rio de Janeiro, Funarte, 1986. p9

⁶⁴ BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira. São Paulo, Ática, 1990. p383

AS IMAGENS NA IMPRENSA BRASILEIRA

A ILUSTRAÇÃO NOS JORNAIS BRASILEIROS

No final do século XIX e início do XX, a caricatura é introduzida no jornalismo impresso brasileiro, ocupando e assegurando um espaço nobre projetando-se como desenho e charge política, antecipando-se à fotografia.⁶⁵

Oficialmente, a primeira caricatura brasileira publicada na imprensa é de autoria de Manuel de Araújo Porto Alegre, inserida no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1837, com o título de “*A campanha e o cujo*”, criticando um anúncio do *Correio Oficial* para a contratação de um redator por três contos e seiscentos réis.⁶⁶

Enquanto aguardava o aperfeiçoamento das técnicas de impressão para a introdução da fotografia na imprensa, em jornais como *Diabo Coxo* (1865), *O Cabrião* (1866), a caricatura já compunha o formato editorial obrigatório de jornais e revistas, cumprindo o seu papel, ao ilustrar com a maior fidelidade possível a visão satírica, a ironia e o deboche das mudanças ocorridas na sociedade imperial e republicana.⁶⁷

⁶⁵ BAHIA, Juarez. *Jornal História e Técnica, História da Imprensa Brasileira*, São Paulo, Ática, 1990. p122

⁶⁶ BAHIA, Juarez. 1990, p122

⁶⁷ BAHIA, Juarez, 1990, p123

Trazidos ao Rio de Janeiro por Abade Compte, em 16 de janeiro de 1840, portanto cinco meses após o seu primeiro lançamento em Paris, os *daguerreótipos* foram bem aceitos pela nossa sociedade imperial, que ainda cultuava valores e padrões estéticos da nobreza européia, anterior à Revolução Francesa, e com a visão limitada de mundo, reflexo direto de uma nação agrária e escravocrata, que só poderia receber este novo invento como “moda chique”.⁶⁸

Em 1900, a Revista da Semana do Rio de Janeiro publica a primeira foto na imprensa brasileira.

O Jornal do Brasil se preparava para isto desde 1888, montando uma das primeiras “clicherias” da imprensa diária; publicando sua primeira foto em 1904. A fotografia encontrou nas revistas brasileiras uma utilização em grande escala a partir de 1900.

Após a introdução da fotografia na imprensa brasileira, é reduzido o espaço do desenho, o que não afeta o desenho, que continua a priorizar a caricatura, a charge e o cartum.

Os assuntos editoriais determinavam as ilustrações, dava-se ênfase aos enfoques sociais - aniversários, casamentos, banquetes, políticos (retratos de homens públicos), artísticos (cantoras ou artistas da época) e esportistas (times de futebol), etc.. Algumas páginas eram re-

⁶⁸ ALVES, Enio Leite. O fotojornalismo nos momentos de crise: a morte de Getúlio e Tancredo. Dissertação, São Paulo ECA/USP, 1990. p85

servadas para retratar paisagens, e em junho de 1923, a revista Frou-Frou trazia um longo artigo... sobre... “A arte na Fotografia...” e convocava seus leitores a enviarem fotos para publicação...”⁶⁹

A retomada da industrialização, gerada pela recuperação da crise de 29, e o processo de urbanização resultante fizeram crescer a importância das classes populares. Com o término da Segunda Grande Guerra em 1945 e a redemocratização do País, a presença dessas classes passaria a ter mais peso no jogo do poder. De qualquer modo, a partir de 1945, nenhum político que tivesse a intenção de ser bem sucedido poderia ignorá-los. Assim, todas as tensões vividas pela sociedade desde então estariam permeadas pela problemática da incorporação das classes populares.

Nesse sentido, a fotografia de imprensa passa a representar efetivamente um instrumento de condução de interesse e de intervenção na vida social, apesar do nível cultural do fotógrafo apresentar uma caminhada inversamente proporcional ao país, frente às conquistas da técnica fotográfica a partir da década de 30.⁷⁰ Contudo, o desenvolvimento tecnológico dos sistemas de impressão surge no mercado jornalístico mundial com a mais nova mão-de-obra especializada: o Repórter Fotográfico, a quem caberá

⁶⁹ ALVES, Enio Leite. O fotojornalismo nos momentos de crise: a morte de Getúlio e Tancredo. Dissertação, São Paulo ECA/USP, 1990. p86

⁷⁰ ALVES, Enio Leite. O fotojornalismo nos momentos de crise: a morte de Getúlio e Tancredo. Dissertação, São Paulo ECA/USP, 1990. p88

registrar, com suas câmaras, momentos que retratarão para sempre a história da sociedade.

ASPECTOS HISTÓRICOS DO FOTOJORNALISMO

A imagem sempre acompanhou os passos do homem no curso da história, visando estabelecer uma relação entre ele e o mundo.

Philippe Dubois, professor da Universidade de Liège, mestre de conferências na Universidade de Paris e especialista em cinema, vídeo e fotografia, considera o Santo Sudário: (...) *“um pano que é objeto de tantos comentários análises de polémicas, de crenças, de desejos, essa mortalha que teria revestido o corpo*

de Cristo agonizante e teria conservado sua marca é no fundo, a primeira ‘fotografia de crime’.” ⁷¹



Figura 11 Reprodução fotográfica do Sudário de Turin "O Rosto" - do livro de Philippe Dubois - O ato fotográfico - p226

⁷¹ DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. trad. Marina Appenzeller, São Paulo, Papirus, 1994, p223

Esta revelação acontece somente em 1898, após o desenvolvimento da fotografia, quando o cavaleiro Secondo Pia é encarregado da missão de fotografar o Sudário. No momento da revelação no quarto escuro, Pia viu o que ninguém até então jamais vira: um rosto que o enca-

rava. Este

fotógrafo

descreve:

(...) *“um rosto inesperado que quase o fez desmaiar”*⁷².

Na Europa, no

período de

1853 a 1856, Roger Fenton fotografava a guerra da Criméia, ocorrida na Rússia.

Sua expedição fora financiada sob a condição de que os horrores da guerra não fossem captados, para não assustar os familiares dos combatentes. Três meses após participar da guerra, retorna a



Figura 12 Foto de Roger Fenton, 1855, Guerra da Criméia

⁷² DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. trad. Marina Appenzeller, São Paulo, Papirus, 1994, p223

Londres com 360 placas, com imagens dando uma idéia muito falsa da guerra, pois somente apresentou fotografias de soldados bem instalados por detrás da linha de fogo.⁷³



Figura 13 Foto de Timothy O'Sullivan, Guerra Civil Americana 1863

Por outro lado, os Americanos empenhados na luta pela sua emancipação foram vigorosos na ampliação jornalística da xilogravura, pois a América contava com o seu primeiro e mais arrojado repórter fotográfico de guerra, Matew B. Brady,⁷⁴ que registrou com sua câmara fotográfica a guerra Civil Americana, mas suas fotografias serviam uni-

⁷³ FREUND, Gisèle. 1974

⁷⁴ JEHOVAH, F. 1965, p35.

camente para os gravadores de xilogravura “(...) não fugissem à verdade”, quanto ao desempenho de uma luta áspera e cheia de imprevistos.



Figura 14 Foto de Matew B. Brady - Guerra Civil Americana 1865

Porém, as fotografias de Brady, que aventurou-se na guerra; não foi financiado por ninguém a não ser por si mesmo e com intenções comerciais de vender as fotografias depois da guerra. Assim sendo Brady e seus vinte auxiliares, entre eles Alexander Gardner e Timothy O'Sullivan, demonstraram os horrores da Guerra Civil Americana.

Enquanto os diretores de jornais aguardavam um meio mais rápido e de menor custo para a impressão das imagens em seus jornais, amplia-se o número de profissionais na área da fotografia estendendo-se por todas as partes.

No período entre 1928 e 1933 Erich Salomon foi um dos que mais se destacou como fotojornalista. Foi o primeiro a conseguir registrar imagens sem que os fotografados o vissem (fotos sem pose ou “desapercebidas”), inventando assim a fotografia “*cândida*”. Descreveu também, em seu livro, conceitos referentes ao fotojornalismo e ao fotojornalista que são válidos até hoje. Erich Salomon coloca sobre o fotojornalista que: “*atividade do fotógrafo de imprensa que queira ser mais do que um artesão, é uma luta contínua por sua imagem. Do mesmo modo que o caçador vive obcecado por sua paixão de caçar, igual vive o fotógrafo com a obsessão pela foto única que aspira obter. É uma batalha contínua (...) “O fotógrafo deve ter uma paciência infinita, não podendo nunca ficar nervoso durante os acontecimento.”*”⁷⁵

Nos anos 50, as revistas voltadas aos escândalos da sociedade originaram-se na Itália. Surge, então, os *paparazzi*. Profissionais que eram especializados em fotografar e surpreender a privacidade das pessoas, principalmente as famosas, como políticos, artistas e outros, provocando na imprensa sensacionalista verdadeiro furor, que se mantém exclusivamente de fotos que envolvem histórias de amor e escândalos políticos, pagando-se muito bem pelas imagens. Há alguns anos artistas como Liz Taylor, Brigitte Bardot, Zsa-Zsa Gabor e homens de negócios e ricos como, Patiño, rei do

⁷⁵ FREUND, Gisèle 1974. p105

estanho, Aristóteles Onassis; as princesas, como Soraya, Margareth da Inglaterra, Grace Kelly, esposa do príncipe Rainiero, Farah Diba e os *playboys* da época eram constantemente abordados pelos *paparazzi*. Federico Fellini mostra como atuam esses fotógrafos em seu filme “La Doce Vita”.

Na década de 70, a grande vítima dos *paparazzi* foi Jackie Kennedy Onassis, através da *Playmen*, revista erótica italiana para homens, publicou 14 fotos que causaram verdadeira corrida às bancas onde foram vendidos 750.000 exemplares em 24 horas. Apesar de todas as preocupações tomadas para impedir que os *paparazzi* se aproximassem da Ilha de Scorpios onde Onassis possuía uma propriedade imensa, protegida por guardas armados e uma frota de lanchas, fotógrafos com roupas de mergulho e precavidos de teleobjetivas conseguiram surpreender Jackie nua, tomando banho de sol.⁷⁶

Nesta década de 90, encontra-se sob a mira das câmaras dos *paparazzi* a princesa Diana da Inglaterra, que constantemente tem sua privacidade invadida por esses profissionais.

No Brasil, o fotojornalismo passa a ter melhor expressão logo após a Segunda Grande Guerra. A progressiva valorização da fotografia documental moderna foi desenvolvida simultaneamente nos Estados Unidos.

⁷⁶ FREUND, Gisèle, La fotografia como documento social. Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. p 163/164

⁷⁷ ALVES, Enio Leite, 1990. p77

A vinda de fotógrafos europeus, refugiados de seus países de origem, que escolheram o Brasil para recomeçar vida nova - como o caso de Jean Manzon - foi importante, pois eles introduziram aqui novos conceitos, pressionando a adoção dos mesmos.

Conforme Enio, o fotojornalismo começa a reagir fortemente no Brasil após a vinda das Indústrias Automobilísticas, no início da década de 60.⁷⁸ Mas é importante ressaltar que não foi somente após a chegada destas indústrias, pois tivemos fotojornalistas renomados e reconhecidos internacionalmente, os quais ainda serão citados neste trabalho.

Os trabalhos desenvolvidos pelos repórteres fotográficos, além de publicados pela imprensa, têm por fim rodar o mundo através de mostras fotográficas, como acontece com Werner Bischof, que em pouco mais de uma década de atividade como repórter fotográfico, percorreu



Figura 15 Werner Bischof

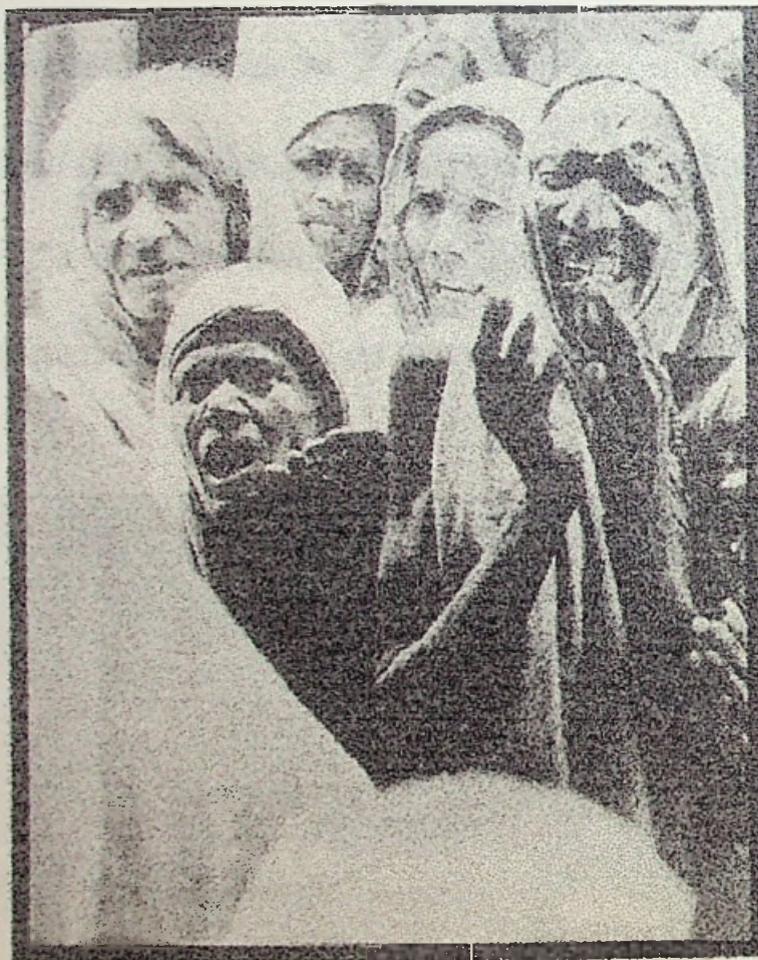
os quatro cantos do planeta, guardando na memória de sua objetiva um pedaço da História do século XX - não através de suas grandes persona-

⁷⁸ ALVES, Enio Leite, 1990. p89

lidades, mas de rostos anônimos frequentemente devastados pelos horrores da guerra e da fome.

Bischof, dono de um espírito aventureiro, que o levou a encontrar a morte prematura e tragicamente - 38 anos, quando em maio de 1954, o jipe em que se encontrava despencou de um penhasco em plena Cordilheira dos Andes, onde dava seqüência a um ensaio fotográfico.

No início da década de 50, começou a espalhar seus trabalhos por algumas das revistas mais famosas do mundo, como a LIFE e a PARIS-MATCH. O



seu ensaio fotográfico

Figura 16 Foto scaneada da revista VEJA⁷⁹ - Indianas famintas, fotos tiradas em 1951 por Werner Bischof

sobre a fome na Índia, publicada na LIFE, causou tamanha repercussão que acabou servindo como instrumento de pressão para que o Congresso

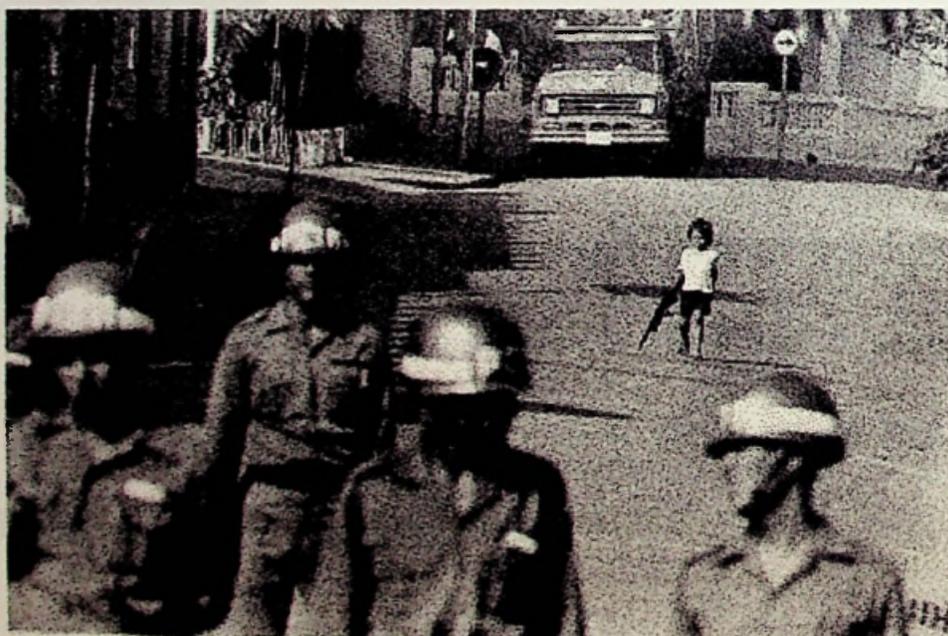
⁷⁹ Revista Veja. Olho do Repórter, Reinaldo Gama, São Paulo, Abril, Edição nº 1194 - 07/08/1991, p 104/105.

bou servindo como instrumento de pressão para que o Congresso Americano votasse o envio maciço de trigo aos indianos. Era impossível ficar alheio àquela sucessão de rostos femininos ressequidos e deformados pelo choro.

Cabe também destacar os trabalhos de Juarez Bahia, Nelson Werneck Sodré, Freitas Nobre, Cremilda Medina e outros que fizeram do conteúdo jornalístico o foco de suas pesquisas. Na área de fotojornalismo, estão disponíveis coletâneas organizadas por grandes empresas como *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Editora Abril* e outras que destacam trabalhos de repórteres-fotográficos da magnitude de Juca Martins, Walter

Firno e José
Medeiros

que é um
dos únicos
que tem
parte de sua
biografia



transcrita

Figura 17 Foto de Juca Martins - Intervenção em sindicato, São Bernardo, 1980

pelo apoio

da Funarte, parte de sua biografia transcrita pelo apoio da Funarte.

José Medeiros foi repórter fotográfico da revista *O Cruzeiro* de 1946 a 1962, diretor de fotografia de cinema desde 1965.

Medeiros dedicou especial atenção à documentação do negro, do índio e dos personagens políticos e sociais da vida brasileiro. Da sua extensa documentação sobre candomblé, na Bahia, resultou a publicação de *Candomblé* - 1957, hoje totalmente esgotado. As imagens



Figura 18 Foto de José Medeiros - Candomblé



Figura 19 José Medeiros

sobre a loucura demonstram a paixão de José

de Medeiros pelos grupos marginalizados.

Medeiros sempre procurou manter uma ligação estreita com as pessoas que fotografava, buscando ir além dos aspectos estéticos e formais da composição foto-

gráfica, livre de uma postura fria e distante da realidade.⁸⁰

⁸⁰ FUNARTE, Instituto Nacional da Fotografia. José Medeiros; 50 anos de fotografia, Rio de Janeiro, 1986, p 7

Na biografia de Medeiros, foram resgatados alguns trabalhos que correspondem à sua produção entre os anos de 1946 a 1962, ligados totalmente às reportagens fotográficas que fez para a revista *O Cruzeiro*.



Figura 20 Foto de José Medeiros, Grande Otelo. Teatro Negro na antiga UNE, 1944

Na realidade da história do fotojornalismo brasileiro, a revista *O Cruzeiro* foi o eixo central do fotojor-

nalismo, seguindo mais tarde pela mesma política, a revista *Realidade* na década de 60 e mais avante o *Jornal da Tarde* nos anos 70.

Temos outros profissionais que se destacaram na década anterior aos anos 60, que não podem ser omitidos pela forma como iniciaram suas carreiras como repórteres fotográfico.



Gil Passarelli⁸¹, que até 1976 era considerado um dos mais antigos fotógrafos da imprensa paulista, conforme publicação da Folha de São Paulo (Folha Ilustrada) no dia 19 de agosto de 1976. Passarelli in-

⁸¹ Folha de São Paulo, 40 anos de máquina em punho, um instante de drama. São Paulo, 19/08/1976. p35

gressou no jornal como *office-boy* na redação, passando a *chefe de portaria* (protocolo) com dois auxiliares. Ocupando essa função, começou a colaborar como *redator*, encarregando-se de redigir as notas das colunas sociais, que tinham como titular Egas Muniz, que recompensava Gil dando-lhe convites para bailes e festas de aniversário, batizados e outros acontecimentos sociais.

Paralelamente a essas atividades, Gil tinha uma (...) *"vontade imensa de ser repórter fotográfico e poder entrar num campo de futebol, fotografar jogadores e conseguir instantâneos dos jogos"*

Segundo a reportagem sobre Gil, *"(...) foi essa mesma vontade que o incentivou a conversar com o redator chefe da época, Arne Eng, que terminou por solicitar a Sérgio Leite, chefe dos fotógrafos, que ensinasse a Gil tudo sobre o manejo de máquinas fotográficas."*⁸²



Figura 21 - Gil Passarelli

⁸²Folha de São Paulo. 40 anos de máquina em punho, um instante de drama. São Paulo, 19/08/76. p35

Diz ainda Passarelli que, “(...)em sua época, fim da década de 30, repórter fotógrafo só se utilizavam de taxi quando iam cobrir acontecimentos excepcionais, de grande urgência ou repercussão. As viagens eram feitas de trem, ou, conforme as necessidades, até em lombo de animal”⁸³

Gil ainda diz que: “(...)quando iniciou a carreira de fotógrafo aos 19 anos, ainda não havia escolas de formação para esse profissional, e que se fazia necessário um aguçado espírito jornalístico por parte do fotógrafo, para que seu trabalho não saísse tal qual o já conhecido e bitolado trabalho de ateliê.”⁸⁴

Sua maior dificuldade no início foi aguçar esse espírito, “(...)o senso jornalístico já existia nele, a grande luta foi criar um estilo próprio, ter originalidade, imaginação, sem temer em nenhum momento o ridículo a que poderiam levar algumas atitudes. É necessário também muita coragem, muita vaidade e disposição de fazer tudo.”⁸⁵

Passarelli ainda comenta na entrevista “(...)que sua vaidade começa a desenvolver a partir do momento que começa a ver suas fotografias publicadas no jornal e que isso foi o verdadeiro estímulo para o aperfeiçoamento das técnicas, para cada vez mais conseguir melhores fotos e mais furos(...)”, que passou a ser sua meta. Diante des-

⁸³ Folha de São Paulo. 40 anos de máquina em punho, instante de drama, São Paulo, 19/08/1976, p35

⁸⁴ Folha de São Paulo. 40 anos de máquina em punho, instante de drama, São Paulo, 19/08/1976, p35

⁸⁵ Folha de São Paulo. 40 anos de máquina em punho, instante de drama. São Paulo, 19/08/1976, p35

se objetivo conseguiu alguns *furos*, que na época o tornaram conhecido e requisitado. Depois disso, foi convidado para trabalhar na *Revista Globo* mas continuou trabalhando na *Folha da Manhã*.

Alguns momentos da sua carreira foram de glórias e sorte, quando naquela época conseguiu fotografar no exato momento em que a parede de um prédio em chamas desabava.

Passarelli ganhou diversos prêmios, incluindo um da própria direção do jornal, quando fotografou o julgamento de Míriam Bandeira de Melo, figura central de um rumoroso caso de assassinato, que comoveu a cidade de Jundiaí e que durante muito tempo foi notícia. Tempo esse que era terminantemente proibido fotografar na sala da justiça, em fase de julgamento. Com isso a *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite* foram os únicos a exibirem as fotos. (1976, p35)

Outro exemplo de profissional da fotografia jornalística é de Antônio Pizorelli, Piro como era conhecido pela redação, nunca sonhou em ser fotógrafo e muito menos repórter fotográfico, sua vontade era ser jockey, mas o destino o levou junto com sua família, para o bairro Brás, pertinho do Jockey Clube e por ironia do destino, Pizorelli nunca chegou a entrar lá. Como todo garoto pobre, na época da repressão, foi ser “*office-boy*”.

*“Um dia passando defronte a uma oficina de gravura, os olhos do garoto ficaram fascinados com todas aquelas luzes e cores que emergiam do recinto; decidiu então entrar e pedir emprego. Quem o recebeu foi Brasilino Baroni, famoso gravurista, que fazia clichéria para diversos jornais: Diário Popular, Platéia, O Dia e outros mais. Pizorelli ganhando 140 mil réis por mês acumulando dois empregos e dormindo 3 horas por dia ficou com Baroni 1935/36. Até saber que a Folha da Manhã estava precisando de um gravurista.”*⁸⁶

Com admissão na *Folha* ganhando 400 mil réis por mês - pode comprar um sonhado terno azul de ombros cheios. Trabalhou no setor de gravura da *Folha* até 1940. Piro conversava com o secretário Nabor Caires de Brito quando viram pela janela: um preso fugira da Central de Polícia, que ficava no prédio ao lado, e se entrincheirava no telhado - *“Alguém precisava fotografar isto, depressa!”* gritou Nabor. E como não havia nenhum fotógrafo no jornal - todos estavam a serviço na rua - Piro passou a mão numa *“speed”* e começou a bater as fotos. No dia seguinte, suas fotos saíram em seis colunas. E na primeira página.

Depois de algum tempo, e de conversar com o então secretário Herminio Sachetta, o gravurista Pizorelli conseguiu ser transferido para o setor de fotografia do jornal. E ainda hoje (1976) devi-

⁸⁶ Folha de São Paulo. 40 anos de máquina em punho, instante de drama. São Paulo, 19/08/1976, p35

do a sua idade 61, os colegas fotógrafos brincam perguntando “*Piro você fotografou a primeira missa no Brasil?*” ou “*Onde estão os negativos da Proclamação da Independência?*”⁸⁷

Pizorelli não ficou somente com pequenos trabalhos fotográficos, trabalhou mais tarde como correspondente do *TIME LIFE*, para o jornal italiano “*Il Tiempo*” fotografou diversos artistas famosos como Cantiflas, Errol Flyn e Edward Robinson, fotografou também para a *Enciclopédia Britânica*, focalizou presidentes da Republica, de Washington Luiz até o Médici, lembra que na década de 50, passou três dias em São Borja, numa entrevista com Getulio Vargas, que estava decidindo se aceitava ou não a candidatura à presidência. A foto que foi publicada em primeira página: Getulio Vargas balançando-se numa rede, tendo ao lado uma jarra com água. Embaixo a legenda lacônica: “*Sombra e água fresca*” e na entrevista pela Folha Piro diz que, “*Eu acho que foi depois desta foto que a expressão, sombra e água fresca, começou a ser usada*”. Além disso Piro esteve na Suíça fotografando o Campeonato Mundial de Futebol e acompanhando Aroldo Chiorino: foi o primeiro fotógrafo a descer de helicóptero em 1952, na Ilha Anchieta, conturbada por uma revolta dos presos.⁸⁸

⁸⁷ Folha de São Paulo, 40 anos de máquina em punho, instante de drama, São Paulo, 19/08/1976, p35

⁸⁸ Folha de São Paulo. 40 anos de máquina em punho, instante de drama. São Paulo, 19/08/1976, p35

Hoje o que temos no mercado brasileiro são profissionais que iniciaram a carreira como auxiliar de laboratório, motorista, office-boy, escriturário de jornal, talvez até alguém que fez limpeza no laboratório, creio seriamente, que isso tenha levado à sistemática da manipulação da imagem. No entanto, alguém que inicia sua carreira pelo primeiro degrau, provavelmente sem escolaridade, dificilmente poderia discutir ou argumentar com os redatores a maneira que se deveria utilizar tais imagens. .

Segundo Fred Ritchin, em Conferências e Debates no 2º Encontro Internacional de Jornalismo⁸⁹, “(...)Sou daqueles que acreditam que diferentes países produzem, também diferentes culturas fotográficas(...)”, “(...)se as fotos de alguns fotógrafos não forem suficientemente boas, a resposta pode não ser a de que ele não chegou perto o suficiente do acontecimento retratado, como dizia Robert Capa, mas sim de que ele precisa estudar mais matemática.(...)”⁹⁰

Aos magníficos homens das máquinas fotográficas, de Niépce e Hercules Florence ao mais novo repórter fotográfico existente no

⁸⁹ RITCHIN, Fred. Formado em Psicologia pela Universidade de Yale em 1973, fotógrafo, professor, escritor e curador de exposições fotográficas, Foi pesquisador fotográfico de livros na empresa TIME-LIFE de 1973 a 1976, editor da revista Horizon (1977-1978), editor de fotografia de The New Times Magazine e editor executivo da revista Camera Art. Como professor, entre outras atividades, criou o programa dos cursos de Fotojornalismo e Fotos para Documentação do Centro Internacional de Fotografia de Nova York.

⁹⁰ Conferências & Debates do 2º Encontro Internacional de Jornalismo - International Conference of Journalism, tradução e edição dos textos, Ricardo A. Setti. Rio de Janeiro, Printel, 1990, p95

mundo, deve-se grande parte do conhecimento histórico sobre este mundo conturbado.

O PROFISSIONAL DA IMAGEM

Jornalismo de imagem

As imagens, contrariamente às palavras, são acessíveis a todos, em todas as línguas, sem competência e nem aprendizado prévios.

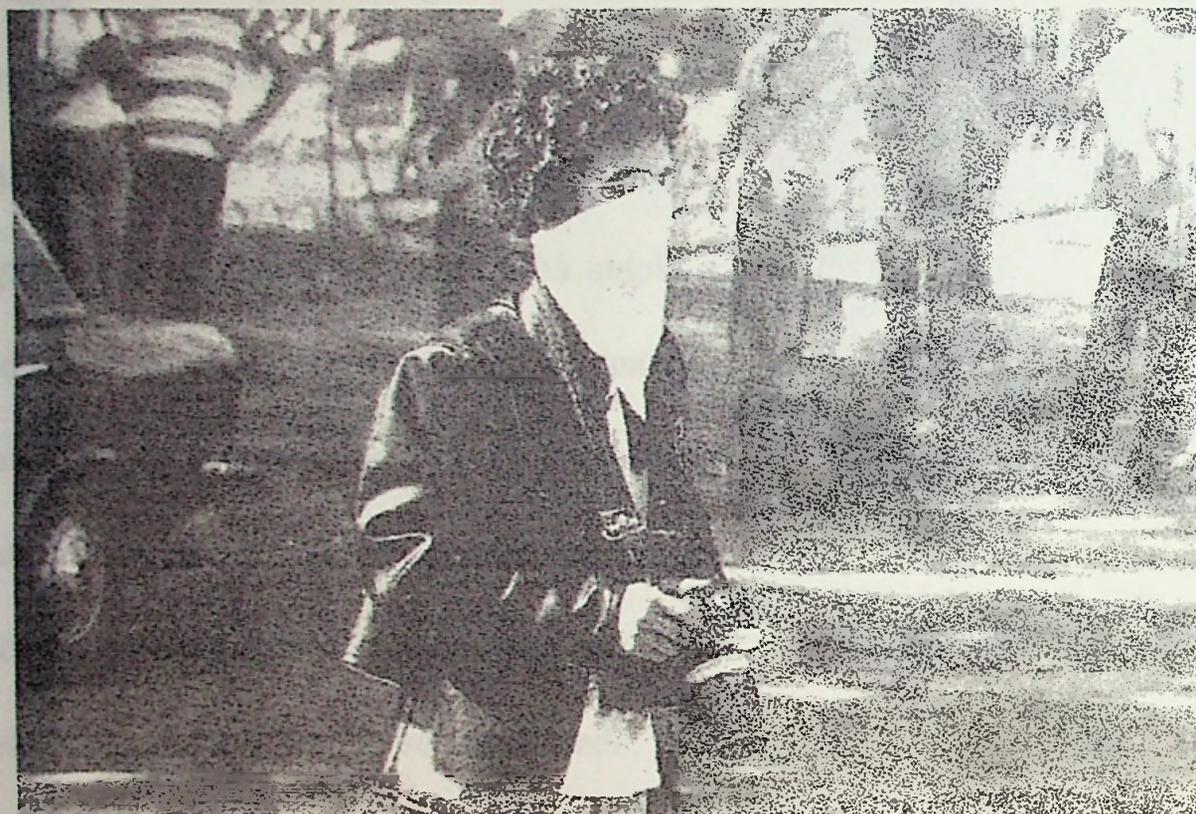


Figura 22 Foto de Juca Martins', Repórter fotográfico, São Bernardo (SP) 1980

Ao fotojornalismo cabe o papel de informar com linguagem própria os acontecimentos sócio-políticos e econômico da sociedade. Sendo um meio de comunicação não-verbal, possui grande credibilidade junto ao público, porque capta o momento do fato. Porém, todo o trabalho executado pelo repórter fotográfico em “criar” e demonstrar um fragmento do tempo e do espaço para informação da notícia, na maioria das vezes, é distorcida pela edição, com o uso conotativo de legendas, que remetem o leitor a fazer suas análises de uma leitura já decodificada pelos

cortes impostos pelo jornalista responsável ou pela necessidade de distribuição de espaço.

A fotografia é, antes de tudo, um signo visual e figurativo, que tenta refletir a realidade representada. Ela objetiva veicular uma informação de assimilação instantânea, pois em seu processo de leitura há amplo e direto desencadeamento das reações emocionais, já que este suprime a fase intermediária da leitura escrita, que aos poucos vai concebendo mentalmente a imagem. A veracidade da fotografia é difícil de ser contestada, pois nos induz a lhe atribuir um poder de credibilidade e confiabilidade muito alto.



Figura 23 Foto de Luiz Teixeira. Greve dos Professores USP?UNESP?UNICAMP, 1988.

Contudo, a maior parte das fotografias são utilizadas como mero elemento ilustrador de textos, desfigurando a função primordial da imagem, que é concentrar a mensagem visual do fato veiculado. Esta prática é perceptível pelo uso indiscriminado das imagens de arquivos, em que o descompasso temporal indica a valorização excessiva da palavra impressa em contraste com o apelo intrínscico da imanência de sua mensagem.

Cumpre nos ressaltar que o emprego da fotografia na imprensa está subordinado a injunções decorrentes da orientação política, filosófica e estética de cada jornal ou revista. Assim sendo, compete ao repórter fotográfico ajustar-se à diretriz do seu órgão.



Figura 24 Repórter fotográfico da EBN.

Foto de Luiz Teixeira

Mais do que qualquer outro meio, a fotografia consegue viabilizar os desejos e as necessidades das diversas camadas sociais que poderiam interpretar, a seu modo, todos os acontecimentos da vida social. A objetiva fotográfica, instrumento aparentemente imparcial, possui a inerente capacidade de refletir e refratar, permitindo, assim, todas as deformações possíveis da realidade, já que o caráter da imagem é deter-

minado pelo modo de ver do seu operador em sintonia com a ideologia do órgão que as veicula.

A fotografia é valorizada porque nos fornece informações, como na citação de José Medeiros, quando fala sobre o repórter fotográfico: *“Repórter fotográfico quer dizer um homem que tem mais do que imaginação visual. Mais do que isto. É ser tudo para todo mundo. Um cientista numa reportagem científica. Um fazendeiro numa fazenda. Ser educado com as pessoas que não o são e simpático com as pessoas decentes. É ser editor, artista, cenarista, fotógrafo, repórter, conferencista, turista, relações públicas permanente, viajante, e antes de tudo corajoso. Sempre pronto, deve ter uma saúde de ferro, fotografar fatigado ou não, deve fotografar bem o que não lhe interessa bem como o que não lhe é simpático. Deve encontrar gente nova todos os dias e ganhar sua confiança e cooperação ou suas fotos serão posadas e sem graça. Deve ser rápido e viajar quando necessário, perder sono, comer quando for possível e ter, mesmo assim, sua imaginação alerta, o seu senso crítico ativo para cada trabalho”*.⁹¹

Zarcilo⁹² ex-editor do jornalismo impresso em Bauru, também comenta que, (...) *A fotografia, como a pintura, deve transmitir a*

⁹¹ FUNARTE, Instituto Nacional de Fotografia. José Medeiros, 50 anos de fotografia, Rio de Janeiro, 1986, p41

⁹² BARBOSA, Zarcillo Rodrigues. Professor de Edição na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” Bauru, jornalista no rádio, na televisão e na imprensa diária, 36 anos na profissão.

própria mente do jornalista-fotógrafo. A imagem visível de uma é apenas um reflexo de algo invisível, e esse algo é a mente do repórter fotográfico”.



Figura 25 - Foto de Luiz Carlos Maruskas - Na busca de "proteção", crianças como Leonardo 7, aprendem a atirar com armas de verdade, 25/11/87 - Folha de São Paulo

Apesar de terem se incorporado ao cotidiano, as imagens da dor, da morte, da violação à integridade humana fornecem material próprio ao estabelecimento de uma comunicação imediata e intensa com o público. Trata-se de um campo delicado onde cabe a tematização ética da veiculação dessas imagens, assim como o questionamento da postura do espectador face a elas. A alta dose de sensacionalismo freqüentemente presente na veiculação da imagem violenta chega a sugerir a dúvida: se a realidade da violência pre-

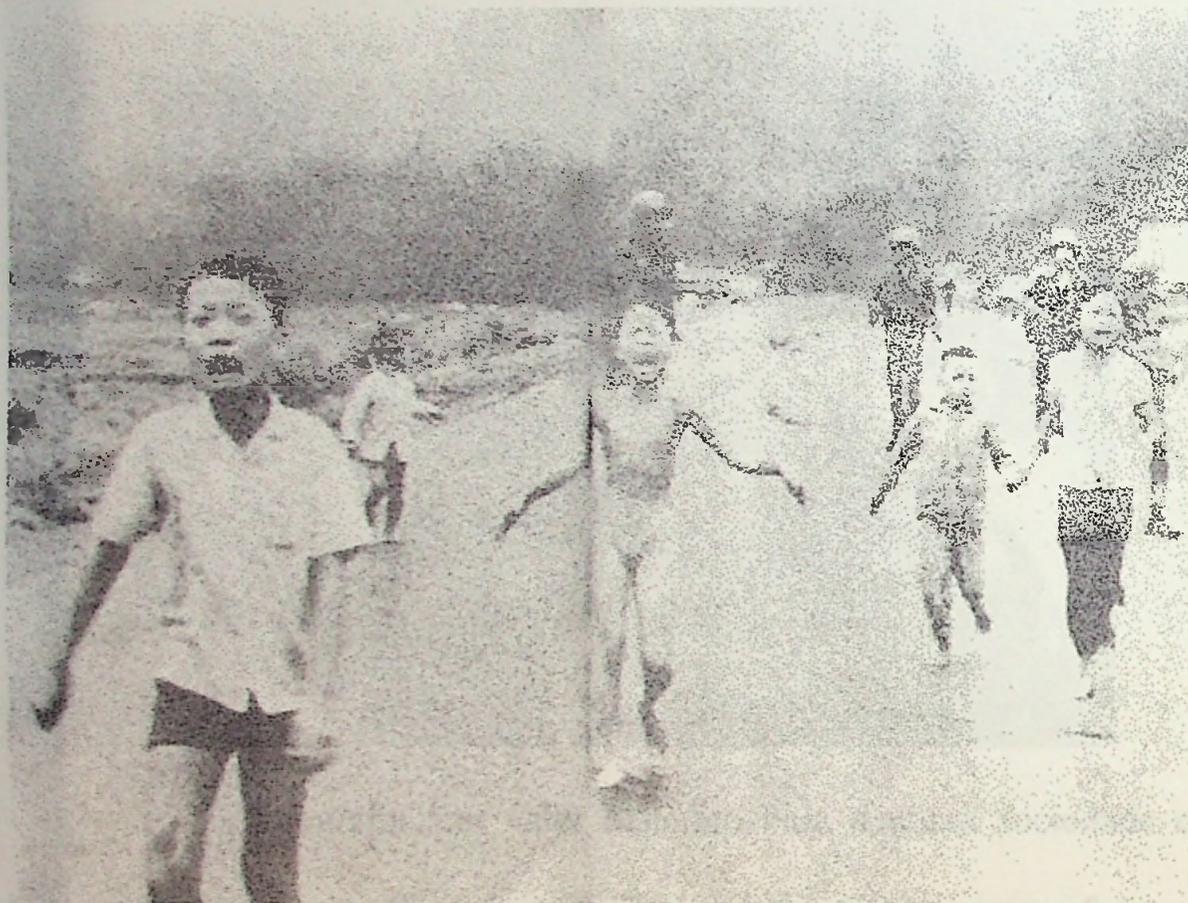
cede às imagens, ou se é a mídia que acaba por fazer germinar a violência real..



Atualmente, as publicações tendem a buscar imagens de grandes conflitos e tragédias que são dramaticamente sensacionais, mas sem tentar investigar casos específicos ou decifrar causas, não contribuindo para a compreensão da imagem em seu contexto social.

Imagens de fotojornalismo que causaram tanto impacto durante a guerra do Vietnã. É forte por seu realismo, mas muitas vezes foi publicada como uma espécie de homenagem a um *voyeurismo* que não tem preocupação de explicar os fatos. Com a mesma sanha com que se assistem a filmes de terror, se comparam jornais e revistas com fatos de

peças pisoteadas em estádios de futebol, massacradas num presídio ou no momento em que antecede sua morte ou mesmo no momento de sua morte. Assim como o filme, ela tem contribuído para que o leitor se acostume com a imagem da violência.



Por isso, embora ainda venda bem atualmente, o fotojornalismo vem sendo ameaçado quanto a sua credibilidade e passa por um período de declínio. Para cumprir seriamente sua função social, há a necessidade de uma reforma estrutural que preserve o que é efetivo e autêntico e expanda sua abrangência de forma a fazer pleno uso de sua capacidade de integridade, exatidão, ambigüidade e inteligência, além de simplesmente transmitir informação. Caso contrário, pode desidratar-se e se

tornar irrelevante, para ser superada por formas mais interessantes, ou atraentes de imagens que se enriquecem cada vez mais com a invenção do movimento.



A fotografia tem valor histórico para a nossa sociedade e cabe ao repórter fotográfico decidir como vai se posicionar para fazer a foto. Como disse José Medeiros : *“Uma reportagem fotográfica é uma operação conjunta de olhos, coração e inteligência. Fotografamos o que vemos e o que vemos depende de quem somos.”*⁹³

⁹³ FUNARTE, Instituto Nacional de Fotografia. José Medeiros, 50 anos de fotografia, Rio de Janeiro, 1986, p41

Missão ou Profissão

Um fotógrafo habilidoso é capaz de fotografar bem qualquer coisa. O repórter fotográfico fotografa qualquer coisa, mas com mais objetividade, procurando através da imagem trazer o máximo possível de informação e plástica, com preocupações sociais, acreditando que sua obra é capaz de transmitir, de alguma forma, um significado mais sólido e de revelar a verdade.

Com isso, o repórter fotográfico encontra-se em uma posição privilegiada no fazer fotografias, mas para atingir essa qualidade é necessário o desenvolvimento de técnicas e conhecimentos especiais.

*“A fotografia tornou-se forte e poderosa, tornou-se arte e idéia, fato e prova, coisa muito além do sonho prosaico de Niepce e Daguerre.”*⁹⁴

Esses profissionais precisam ser diferentes em relação a outros jornalistas. Conforme F. Jeovah em seu livro *Fundamentos do Jornalismo Fotográfico*, (...) *“compete ao repórter fotográfico ajustar-se à diretriz do seu jornal recebendo do chefe da redação as instruções e os setores nos quais vai atuar.*

⁹⁴ FUNARTE, Instituto Nacional de Fotografia. José Medeiros, 50 anos de fotografia, Rio de Janeiro, 1986, p41



De um modo geral, os jornais dividem as reportagens: política, social, artística, policial, esportiva e geral, sendo que o destaque de cada setor depende da direção do jornal. Essas divisões implicam numa especialização da parte do repórter fotográfico, o qual permanecendo muito tempo num setor, acaba por dominá-lo”.⁹⁵

Jehovah e Medeiros possuem o mesmo ponto de vista sobre o repórter fotográfico, dessa forma, algumas exigências são impostas por

⁹⁵ JEHOVAH, F. p33

Jehovah, para quem deseja nessa profissão ingressar - coragem, paciência, presença de espírito, habilidade técnica, boas maneiras e aparência bem cuidada.

Para Pedro Romualdo⁹⁶, repórter fotográfico, *“é um profissional de fotografia, que registra fatos não vistos por outros olhos, capta momentos da fotografia diferente de outros olhos comuns que fotografam. Mas na essência o repórter fotográfico é profissional de fotografia que se dedicou a fotografar e publicar suas fotos para outras pessoas como informação e reforçando a credibilidade da notícia.”*

Já Ernesto José Avelino Rodrigues⁹⁷ entende que *“o repórter fotográfico é a figura mais importante dentro do jornal, porque atualmente com os meios de comunicação evoluindo, tem que ver tudo e pensar tudo, ao exercer a profissão. Um repórter fotográfico deve ser uma pessoa muito bem informada, não pode estar preso a muitas coisas, mesmo ter uma vida particular normal como as outras pessoas, é um tipo assim, quase que um, ‘Morcegão’, uma ‘Coruja’, estar sempre aceso, fazendo tudo, tem que estar a todo momento em alerta, com seu radar ligado procurando saber tudo que está se passando no mundo”*

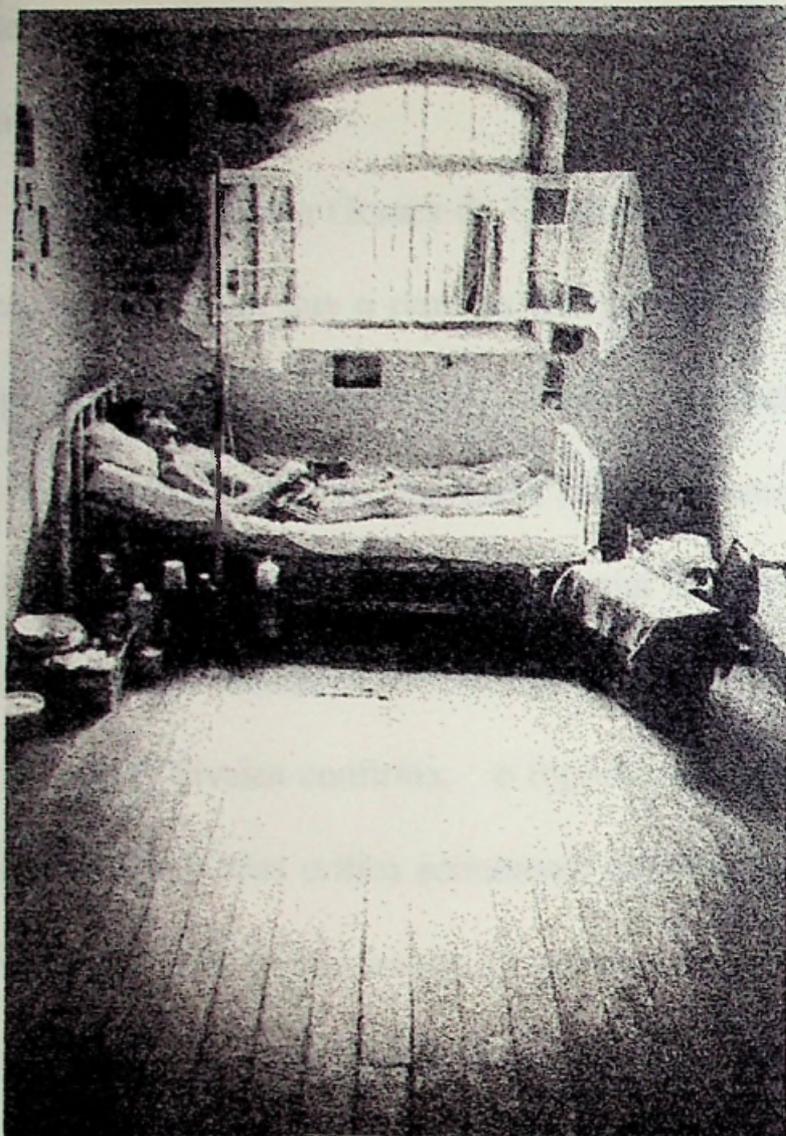
⁹⁶ OLIVEIRA, Pedro Romualdo. Repórter fotográfico no Diário de Bauru na década de 70.

⁹⁷ RODRIGUES, Ernesto José Avelino. trabalha atualmente no Diário de Bauru, mas já passou por diversos jornais do interior, da capital - Diário Popular, em assessorias de prefeituras e revistas. Formado em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” Unesp.

O repórter fotográfico no cumprimento de suas tarefas nem sempre é bem acolhido, É comum surgirem situações embaraçosas, difíceis de serem contornadas e exatamente nesses momentos são postas à prova tanto a coragem como a astúcia do repórter. Por muitas vezes para se distinguir o objetivo da reportagem, o repórter fotográfico tem que arriscar até quase as últimas conseqüências, pois os fatos não se repetem.

Segundo Oswaldo Palermo conceituado repórter fotográfico do Jornal da Tarde, (...) *“o repórter fotográfico pode ser comparado a um soldado do Corpo de Bombeiro: fica sentado esperando o incêndio. A partir do momento que soar o alarme deverá estar preparado com seu material, pronto para fotografar”*. Oswaldo ainda conta a história do colega designado a fotografar um rapaz que ameaçava saltar de um prédio, (...) *“voltou embriagado ao jornal. Quando revelaram o filme, lá estava a seqüência de fotos do salto para a morte”*.

O repórter fotográfico não trabalha com planejamento e ou *“lay-out”*. Tem que captar o que está acontecendo, pensa rápido e não pode parar. Não existe o melhor momento de se fotografar. Todo momento é para ser fotografado. O que existe é oportunidade de se fotografar, com efeito, sentindo o acontecimento em destaque para que isso possa se tornar documento, história e confirmar o fato.



Ivan Lima ,^{98 99} *“Para o fotógrafo de imprensa, a passagem da informação fica mais clara para o leitor, se além de se usar a quantidade de luz e profundidade de campo apropriadas para cada caso e assunto(...),¹⁰⁰ sempre haverá necessidade do repórter fotográfico ter*

⁹⁸ LIMA, Ivan. foi fotógrafo da Folha de São Paulo, Última Hora, Jornal do Brasil e pertence ao PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna do Rio, Fotografia Brasileira Escola, e escreve para a Revistas IRIS de Fotografia. Participou de exposições coletivas em Paris, Cuba, Belém, São Paulo e Rio de Janeiro, graduado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-graduou-se em Leitura de Fotografia para Jornalismo e História Contemporânea pela antiga École Pratique, na Universidade de Paris.

⁹⁹ LIMA, Ivan. A fotografia é a sua linguagem, Rio de Janeiro, Espaço e tempo, 1988.

¹⁰⁰ LIMA, Ivan. 1988, p25

conhecimentos técnicos e um nível cultural respeitável, para obter sucesso em seu trabalho.

O gaúcho Paulo Gomes de Oliveira, em seu livro *Formação Jornalística*, também acha que o repórter fotográfico deve possuir qualidades especiais, entre outras total domínio de seu equipamento (máquinas, teleobjetivas, grande angulares, filmes, químicas fotográficas, iluminação e etc..), não bastando apenas manejar a máquina fotográfica, mas fazê-lo com sensibilidade e consciência.

Ainda Oliveira confirma, o repórter fotográfico precisa ser ágil vibrátil e sensível. Mas critica seriamente que a imprensa gaúcha, se vê, a todo instante, com profissionais da reportagem fotográfica sem os mínimos requisitos para o seu desempenho. Porém, o bom repórter fotográfico é aquele que está constantemente se atualizando, através de leituras, cursos e conferências, inteirado dos acontecimentos de sua cidade, de seu Estado e de seu País, sendo elemento essencial para o cumprimento de sua missão.

Segundo Alves, que considera o fotógrafo como repórter, (...) *“e sua missão deve ser a de um jornalista, e não apenas a de um registrador visual. Não é o registro visual que ele procura, mas uma informação visual, um conceito novo que a linguagem escrita não tem meios de apreender e transmitir. A presença do fotógrafo dentro das*

*redações é fundamental, pois é dele que depende a credibilidade da notícia. Durante a ocorrência de um fato qualquer um pode 'prescentir a presença' de um repórter fotográfico".*¹⁰¹

Já Zarcillo, professor de Edição na FAAC/UNESP e jornalista, opina que: *"o fotógrafo é um brigador. Cada evento importante é uma luta para conquista de um espaço no palco dos acontecimentos."* *"Se o fotógrafo não tiver coragem, vai ter vida curta no jornal diário. Esse tipo de risco, é evidente, tem seus limites. Ninguém pode exigir que o profissional ponha em jogo a sua vida ou a sua integridade física. O repórter fotográfico não pode passar de testemunha ocular à personagem do fato."* (Anexos)

¹⁰¹ ALVES, Enio Leite, 1990. p77

**ASPECTOS HISTÓRICOS E
GEO-POLÍTICOS DO ESTUDO DE
CASO: BAURU**

Imba-úru

No sentido etimológico, Bauru é a Região que foi habitada pelos índios Caingangue ou Coroado - cognome dado em razão das cabeças raspadas à maneira dos frades franciscanos, com uma coroa desenhada no alto, também chamados de *bauruz*, corruptela de *mbaé-uru*, *imbai-yuru* ou *ybá-úru*, palavras tupi-guarani de significado controverso.

A cidade também pode ter sido chamada assim em virtude de ter sido localizada às margens do rio Bauru, das águas turvas, ou perto de uma lagoa escura em função da lagoa que teria existido na região.¹⁰²

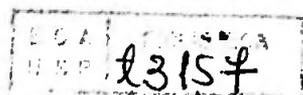
No entanto, atribui-se também à palavra Bauru, na língua dos indígenas que habitavam a região, o significado de cesto de frutas, que foi o mais assimilado pela população local, que assim representa a cidade em festas tradicionais como o carnaval ou em desfiles escolares.

Primeiros habitantes da região, os Caingangue se organizavam em tribos nômades que ficaram, temporariamente, em clareiras abertas à beira dos rios da região.¹⁰³

Antes da chegada das famílias de posseiros e dos implementos da ocupação capitalista: fazendeiros, empresas imobiliárias, ferrovias

¹⁰² MORAES, Renato. Os frutos da Terra. São Paulo, Marprint, 1988, p11

¹⁰³ MORAES, Renato. Os frutos da Terra, São Paulo, Marprint, 1988, p11



etc. - a região de Bauru era, até meados do século XIX, território dos índios Cainguangues.

Havia também na região ou nas proximidades, representante de outros grupos, os Guaranis, os Caiuás, que à altura da metade daquele século já exibiam as marcas dolorosas do contato com a civilização



Figura 26 Marechal Rondon em contato com os índios na região de Bauru - fotógrafo desconhecido

dos brancos, como hóspedes itinerantes dos vários aldeamentos organizados pelo governo da Província.

Quanto aos cainguangues, eram diferentes. Tratava-se da última das tribos paulistas que ainda conseguira preservar sua organização social. Essa independência em relação às “frentes de conquista” que avançavam pelo território, tornaram os Caingangues, no entender do

lor Lima Figueiredo - diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e mais tarde Deputado Federal na década de 50, ponto de interrogação nas pretensões dos magnata que ambicionavam a terra opulenta do oeste paulista.¹⁰⁴

Desde 1880, a aceleração da “marcha para o oeste” impulsionada pela produção do café, aguçara o antagonismo com os Cainguan-gues. Estes, apesar de inevitá-

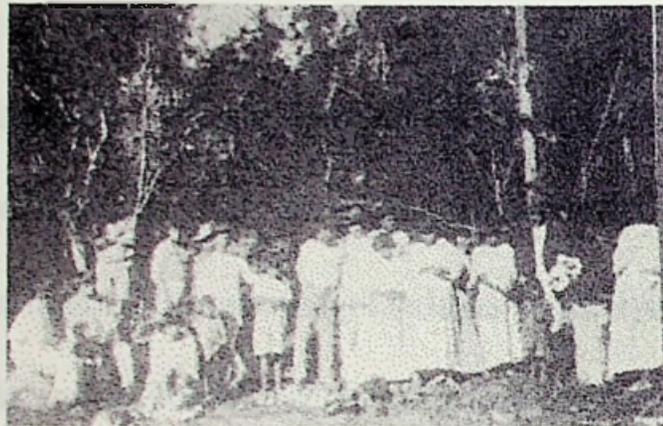


Figura 27 Índios Guarani na região de Bauru.

veis recuos, assumiram uma postura de resistência, na medida em que viam diminuídos os seus territórios de caça e agricultura . Os relatórios da época registram ataques contra propriedades de café na região do rio Batalha e do rio Feio-Aguapei.¹⁰⁵

A resposta imediata dos proprietários é a organização de um dispositivo de força, para garantir a ocupação. São organizadas expedições armadas - chamadas dadas - formadas por tropas de bugreiros. Estes contingentes, recrutando matadores profissionais, tornaram-se verdadeiras “organizações especializadas”, empreitando tarefas a soldo dos grandes

¹⁰⁴ LIMA, João Francisco Tidei de. A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru. Dissertação de mestrado, São Paulo/USP, 19

¹⁰⁵ MORAES, Renato. Frutos da terra. São Paulo, Marprint, 1988. p12

proprietários e dos que especulavam no comércio de terras. Também a empresa construtora da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil utilizava esses dispositivos de força para abrir caminho no assentamento dos trilhos. Os bugreiros eram, assim, o braço armado da ocupação e com um caráter ofensivo e sistemático.

Apesar da desigualdade de forças, a resistência dos Caingangues atrapalhava os negócios no oeste de São Paulo. Os proprietários e comerciantes de terras já tinham negociado ou renegociado as terras que os Caingangues teimavam em defender. No Rio de Janeiro, o Ministério da Viação sugeria até a intervenção do Exército para “bater ou exterminar” os índios. Caso contrário, acrescentava, será necessário suspender as obras de construção da E.F.Noroeste.

Como se vê, os interesses eram poderosos, o que selava o destino da sociedade dos Caingangues. Dentro desse quadro, foi criado, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios, antecessor da atual FUNAI. Os membros do S.P.I. se diziam humanitários e idealistas, afirmavam ter como única preocupação salvar o que restava da sociedade Caingangues, pois a luta armada reduzira brutalmente seus contingentes. Assim, eles foram transferidos para reservas na cidade de Tupã, onde desambientados, poderiam “sobreviver melhor”.

À altura de 1921, os Caingangues haviam se reduzido a 173 pessoas confinadas em dois aldeamentos - Icatu e Vanuire (Tupã,SP).

Com isso a reserva de Araribá ficou vazia. Indigenistas preocupados com a invasão das terras da reserva encontraram um grupo de índios Guarani, que por serem nômades, sempre viajavam em direção ao sol nascente (leste) em busca da “terra sem males”, e foram literalmente detidos na reserva de Araribá. Para se conseguir a fixação do Guarani nas terras da reserva, Marechal Rondon traz do Mato Grosso índios pacificados e aculturados da cultura Terena que trabalhavam com agricultura, conseguindo, assim, fixar e aculturar os Guaranis na reserva de Araribá, onde vivem até hoje, num grupo de setenta famílias numa área de novecentos alqueires, segundo dados fornecidos pela Delegacia da Funai em Bauru.

Bauru Fazenda

Alguns dos pioneiros que se destacaram na colonização de nossa região foram Pedro Francisco Pinto e Sebastião Pereira. Por volta de 1856, novas famílias chegavam, destacando-se Felicíssimo Antônio Pereira e Antônio Pereira do Espírito Santo, que se instalaram na Fazenda da Água do Sobrado e Fazenda das Flores, sendo estas presenças fundamentais para a criação do município de Bauru.

No início da década de 1860, intensificou-se a presença do branco colonizador que aos poucos ia se apoderando das terras indígenas, para dar lugar ao patrimônio de Bauru..

Antônio Pereira do Espírito Santo, em 15 de novembro de 1884, doou a este patrimônio parte de terras de sua Fazenda das Flores, que seria as terras onde se construiria a cidade. A partir daí, de um bairro rural, Bauru começa a tomar forma urbana. Em seguida, o Presidente da Câmara de Lençóis, em 1888, autoriza um “arruador” para demarcar as primeiras ruas da futura cidade e no mesmo período libera uma verba para a construção da capela.

Em data não muito clara, mas entre os anos de 1884 a 1888, o brasileiro natural de Minas José Ferreira de Figueiredo funda a Fazenda Val de Palmas, a mais importante propriedade agrícola de toda a zona.

Em 1895, por influência do major João Batista de Araújo Leite, fazendeiro, o coronel José Ferreira de Figueiredo, monarquista convicto, culto e de larga visão, decidiu plantar de uma só vez 500.000 pés de café. Logo a produção se multiplicaria transformando a fazenda na maior da região, com nada menos do que 350 moradias só para os seus colonos, impulsionando extraordinariamente a agricultura local. Nesta época o café era o principal produto de exportação do Brasil, com a pro-

dução concentrada no Estado de São Paulo, o que detinha poder econômico e destaque político em relação aos outros estados.¹⁰⁶

Bauru, abastada de muitas frutas e caças, ganha o coração do jovem “coronel” Azarias Ferreira Leite, mineiro de Lavras, que em suas idas e vindas convence seu sogro e tio, o também mineiro e capitão João Batista Azarias Leite a abrir fazendas para que em 1888 se fixassem definitivamente em Bauru.



Figura 28 João Batista de Araújo Leite

No ano de 1884, poucos por estas paragens se arriscavam. À escassa população

aventureira, vinham misturar-se trãnsfugas de crimes.¹⁰⁷

Em 1893, Bauru possuía três casas de barro socado, onde residiam Paulino Dondici, italiano nato, José Lopes de Souza e Gabriel Pinto Ribeiro, que eram as pessoas mais representativas do lugarejo, a julgar pela importância que lhe davam as residências de barro socado... os outros, os que constituíam a arraia miúda, habitavam dúzia e meia, mais ou menos, de miseráveis casebres de sapé. Em um desses casebres

¹⁰⁶ PINHEIRO, Breno. Publicação “O Estado de São Paulo - Zona Noroeste”. São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928, p50. .

¹⁰⁷ PINHEIRO, Breno. Publicação “O Estado de São Paulo - Zona Noroeste”. São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928. p149

Manoel Goulart - açougueiro do lugar, que todos os meses, com uma única rez, dava de comer à população inteira.¹⁰⁸

Bauru emancipação

Distrito de paz em 30 de agosto de 1893, pela Lei nº 209, pertencendo ao município de Espírito Santo de Fortaleza, com sede na decadente vila Piatã.

Primeiro de agosto de 1896, o povoado de Bauru foi elevado à categoria de Vila, ainda atrelado politicamente à Fortaleza. Para romper com tal tutela, os quatro vereadores bauruenses, eleitos naquele ano para mandato na câmara de Fortaleza, na época com seis membros, durante a primeira sessão da Câmara, assumem seus mandatos e votam a transferência da sede de Bauru e porque representavam a maioria, decidem pela mudança imediata, mesmo sem aprovação do Senado. A partir daí toda a documentação emitida passava a conter a rubrica Município de Bauru, o que encontrou muitas resistências, que foram vencidas através de intensa campanha política e jornalística.^{109 110}

¹⁰⁸ PINHEIRO, Breno, Publicação "O Estado de São Paulo - Zona Noroeste", São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928, p149.

¹⁰⁹ PINHEIRO, Breno. Publicação "O Estado de São Paulo - Zona Noroeste". São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928, p151.

¹¹⁰ MORAES, Renato. Os frutos da terra. São Paulo, Marprint, 1988, p13.

Documentos e relatos da época apontam Azarias Leite como principal articulador político desta e outras mudanças na trajetória bauruense. Suas amizades e afinidades políticas, em 1896 atraíram o apoio de Cerqueira César - membro da Comissão Central do Partido Republicano Paulista, - de Júlio de Mesquita - do jornal "O Estado de São Paulo" - e do jornal "Correio Paulistano". Até que, no dia 1º de agosto de 1896, foi aprovada a petição apresentada pelo senador estadual Eziquiel Ramos, que reconhecia oficialmente a transferência da sede do município do Espírito Santo de Fortaleza para o povoado de Bauru. Naquele mesmo dia, retornou a comitiva a Bauru, levando junto o arquivo e o cofre da Câmara contendo o saldo existente na ocasião: 3 contos e 800 mil réis. Alguns dias depois chegariam os móveis, transportados num carro de bois.^{111 112}

Nesta mesma data José Alves de Lima, mineiro de Monte Santo que efetuou o transporte dos arquivos e mais os papéis em um carro de bois, escoltado pela população representativa de Bauru, rumou para a nova sede do município, por entre vivas, algazarras e foguetes. José Alves de Lima é escolhido o primeiro prefeito da nova Vila de Bauru, ocupando um mandato curto, já que faleceria 4 meses depois.¹¹³

¹¹¹ MORAES, Renato. Os frutos da terra. São Paulo, Marprint, 1988, p13

¹¹² PINHEIRO, Breno. Publicação "O Estado de São Paulo - Zona Noroeste", São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928, p150

¹¹³ *Ibidem* p151

Bauru entroncamento ferroviário

Com a chegada a Bauru em 1904 e 1905 da Estrada de Ferro Sorocabana e Paulista, respectivamente, o *eldorado* da Noroeste é definitivamente integrado à comunhão nacional. A notícia da terra da promessa corre célere pelos centros civilizados. O espírito aventureiro atraiu os homens fortes, em cujo convívio os maus, os fracos, os tímidos se foram perdendo. Brasileiros de quase todos os pontos do país, mineiros, fluminenses e nortistas vieram para Bauru. O italiano, o espanhol e outros colonos se fixaram nos velhos latifúndios de terras cansadas.¹¹⁴

A Companhia de Estradas de Ferro Noroeste do Brasil, instalada no Rio de Janeiro, mandou fazer um levantamento na cidade de Pederneras para a construção de uma das estações e que, após um incidente entre o prefeito da cidade, Eleazar Braga e os engenheiros da Companhia, foi transferida para Bauru, entregando a construção desta ferrovia a uma empresa francesa.

Entre os contatos políticos de Azarias Leite e o grupo de vereadores, conseguem-se da comitiva de engenheiros enviados pelo Governo Federal para avaliação das propostas para implantação da Ferrovia

¹¹⁴ PINHEIRO, Breno. Publicação "O Estado de São paulo - Zona Noroeste", São Paulo, Porpagadora Pan-Americana, 1928, p50

Noroeste do Brasil - N.O.B. um parecer favorável à opção por Bauru como ponto de partida desta ferrovia.

Em sua chegada, os engenheiros e funcionários da N.O.B., instalaram em bairros como a Vila Falcão, nas proximidades das oficinas da ferrovia, o que levou o comércio, que se localizava na rua Araújo Leite, a se transferir e se desenvolver nas ruas Batista de Carvalho, Primeiro de Agosto e Rodrigues Alves.¹¹⁵

As ferrovias surgiram da necessidade dos fazendeiros de café escoarem a sua produção agrícola diminuindo os gastos de transportes, o que tornou possível rebaixar o custo do café nas exportações e contribuiu também para o melhor aproveitamento do produto que antes perecia em fazendas mais distantes.

A vinda das ferrovias para o interior acelerou o progresso das cidades por onde passava de forma irreversível, transformando muitas vilas em municípios que se tornaram grandes centros do estado. Um exemplo dessa transformação é a cidade de Bauru, que na época da chegada das ferrovias com estações e oficinas era um pequeno vilarejo, embora já contasse com sua autonomia administrativa e força política na região oeste paulista.

¹¹⁵ PINHEIRO, Breno. Publicação "O estado de São Paulo - Zona Noroeste", São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928, p154.

Até 1930, as ferrovias contaram com o monopólio dos fazendeiros de café, sendo que em 1910, dezesseis das vinte ferrovias existentes em São Paulo eram propriedades nacional privadas; apenas duas pertenciam ao governo federal, uma ao governo estadual e uma ao capital estrangeiro.

Em 1920 de acordo com a “Seccão de Estatística Demográfica - Sanitária do Estado”, Bauru possuía 20.386 habitantes.¹¹⁶

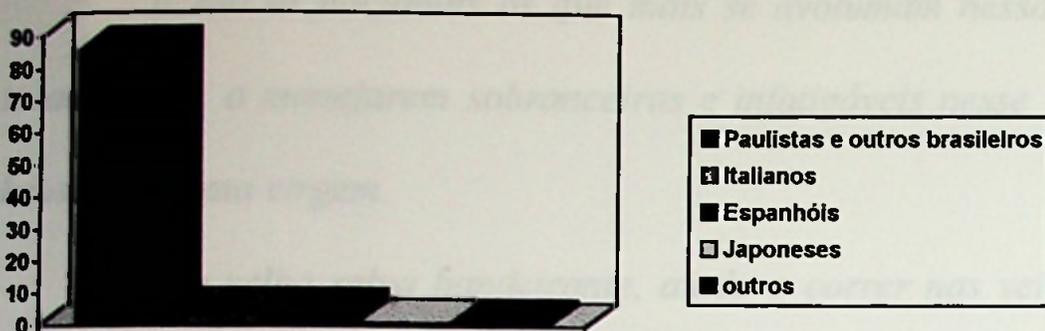
Em 1925, imensa foi a evolução da região, que contavam com um aumento formidável de sua produção, que proporcionou o aumento da riqueza e por conseqüência de sua população, que teve um prodigioso aumento de quase 25%. De acordo com a estatística, Bauru nesta época teve sua população aumentada para 25.350 habitantes, o que segundo o cálculo de progressão aritmética isso representa um aumento de 992,8 habitantes por ano.¹¹⁷

Quanto à nacionalidade de origem da população em Bauru de acordo com os dados do “Anuário Demográfico - Sanitário” em 1925 era:¹¹⁸

¹¹⁶ PINHEIRO, Breno. 1928, p21

¹¹⁷ PINHEIRO, Breno. 1928, p21

¹¹⁸ PINHEIRO, Breno, Publicação “O Estado de São Paulo - Zona Noroeste” . São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928, p50 / 51



- Paulistas e outros brasileiros..... 85,7 %
- Italianos..... 4,2 %
- Espanhóis..... 4,2 %
- Japoneses..... 1,0 %
- Outros..... 1,8 %

Ainda quanto a esse fato, o Deputado Estadual Dr. Alfredo

Ellis, 1928, diz que: *“É nos bem grato, e falha muito docemente ao nosso espírito de nacionalismo essa percentagem de brasileiros (85,7 %), que vem desmentir flagrantemente essa negra lenda de que somos inferiores ao imigrante estrangeiros.*

É nas nossas zonas novas como a Noroeste que se verifica o contrário dessa lenda mentirosa. No descobrimento dos sertões, essa abertura da sucessão do íncola aniquilado é que se patenteiam o espírito de audácia, de aventurosidade, o ânimo ardido e indomável dos lutadores, a eficiência do trabalho, a grandiosidade dos horizontes. Os tímidos não se aventuram à habitação no inventário do bugre.

E são os nacionais os que mais se avolumam nessa conquista ao sertão, a manejarem sobranceiras e infatigáveis nesse “ruar tenebroso” da mata virgem.

É a velha selva bandeirante, ainda a correr nas veias do paulista, sempre o primeiro na arrancada, sempre o primeiro na conquista” ¹¹⁹

¹¹⁹ PINHEIRO, Breno, 1928, p50

**BREVE HISTÓRICO DA IMPRENSA
DE BAURU**

Imprensa bauruense

Decorrente da urbanização gerada pelo avanço das ferrovias, Sorocabana, Paulista e posteriormente a Noroeste e pela cafeicultura, ocorre crescimento nas necessidades sociais representadas pela inauguração da transmissão e distribuição de energia elétrica, água e esgoto, telefonia, surge também o primeiro jornal.

No levantamento efetuado na Universidade do Sagrado Coração, mantenedora do Núcleo de Pesquisa e Documentação de Bauru e Região na cidade de Bauru, consta que, em 1905 com a chegada da ferrovia e a visita do Presidente do Estado Jorge Tibiriçá - título dado pela Antiga República ao governador da Província, hoje Governador do Estado - a cidade vibrou ao incentivo do fato histórico cogitando-se então *O Progresso de Bauru*.

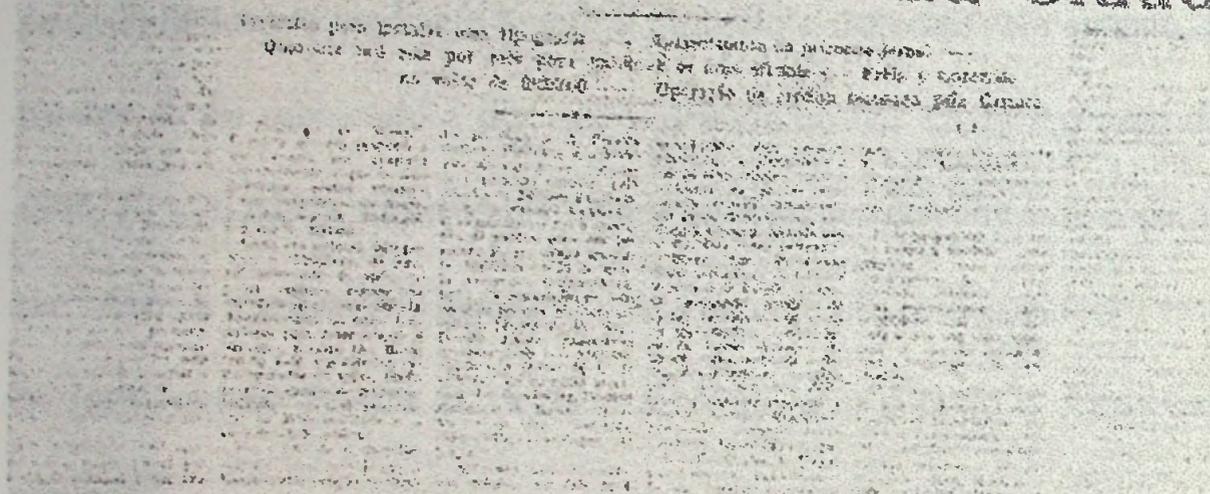
O Progresso de Bauru - Órgão Defensor dos Interesses da Vila, teve como seu Diretor José Antônio Pereira Jr.

Em 01 de maio de 1905, começou com determinismo a criação do primeiro jornal da vila Bauru.

Em *O Progresso de Bauru*, consta que seu formato era pequeno com circulação semanal e seus primeiros números tenham sido im-

pressos na cidade de Avaré, os outros em São Manoel, ora em Botucatu.¹²⁰

"O PROGRESSO DE BAURU" precursor da Imprensa da Cidade



Era seu proprietário José Antônio Pereira Jr.. O gerente Horácio do Vale, velho morador do lugar, onde exerceu cargo de responsabilidade, como o de procurador da municipalidade e autoridade policial.

Mas, logo as dificuldades financeiras começaram a se abater sobre a empresa, que então se viu na contingência de pleitear a colaboração da municipalidade.

Para tratar do assunto e de outras matérias, a Edilidade se reuniu no dia 31 de julho de 1905, em sessão extraordinária não aprovando a proposta, mas vinte e um dias após em nova sessão, a proposta feita

¹²⁰ Jornal da cidade. Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p2

pelo Sr. José Antônio Pereira Jr. é aceita. Aproximando-se ao final do ano de 1905 é novamente enviada nova petição à Câmara Municipal solicitando ajuda financeira para a troca dos equipamentos gráficos e em 21 de dezembro de 1905 foi emitido parecer favorável pela Comissão Financeira do município mediante hipoteca do prelo e materiais. No entanto, o parecer só foi submetido à discussão plenária no dia 12 de fevereiro de 1906. E, sem aduzir motivos a Câmara rejeitou por unanimidade o parecer. Após a rejeição da Câmara *O Progresso de Bauru* desapareceu tendo José Antônio Pereira Jr. deixado a cidade com o prelo e o material gráfico.¹²¹

Ainda nas pesquisas realizadas, com o desaparecimento do *O Progresso de Baurum*, ficando a cidade ficou sem o porta-voz das ansiedades populares. Assim Domiciano Silva, advogado, político, comerciante e com influência na sociedade, teria condições de montar o jornal e dar-lhe estabilidade.¹²²

Por suas mãos surgiu então “O BAURU” cujo primeiro número foi distribuído no dia 16 de dezembro de 1906, jornal destinado à luta pelo progresso da cidade, com redação e oficina na rua Araújo Leite.

¹²¹ Jornal da Cidade. Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987 p2

¹²² Jornal da Cidade. Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p2

No decurso do primeiro ano de circulação do órgão, Domiciano Silva conseguiu dar-lhe a sonhada estabilidade com a compra de uma oficina tipográfica, e, conseqüentemente as honras de primeiro jornal, embora sendo o segundo, porque fora fundado por gente de Bauru e conseguira ultrapassar o teste dos 365 dias.

Em 1908, a política municipal em plena efervescência se dividia em dois grupos, um chefiado por Azarias Leite e outro por Gerson França. O aparecimento do jornal provocava inquietude na facção que não dispunha de tão influente meio de comunicação e propaganda.



Domiciano e

Figura 29 Sr. Gabriel Ruiz Pelegrina - detentor do exemplar nº 1 do jornal "O Bauru"

Leôncio já tinham consegui-

do dar estabilidade ao jornal, quando as contendas de natureza política levaram à suspensão de "O Bauru" - a cidade mais uma vez fica sem jornal.

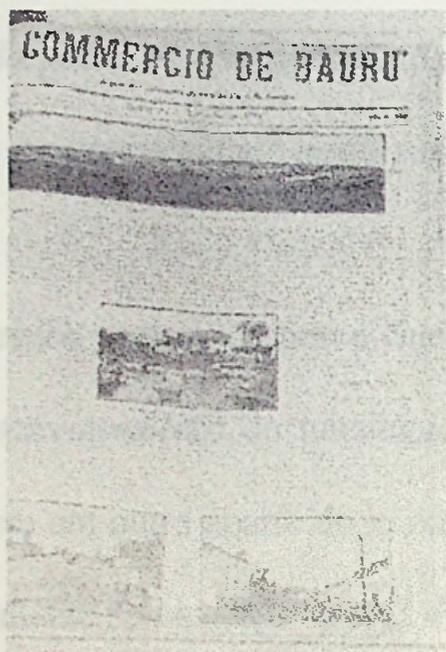
Bauru, no entanto, já não podia ficar sem jornal porque tinha muito o que divulgar a sua população. Assim, logo iniciou-se na cidade um movimento visando ao relançamento de *O Bauru*. Encontrado nas fontes pesquisadas, acabou-se descobrindo em Almerindo Cardarelli o cidadão ideal para fazer *O Bauru* voltar à circulação não só pela sua potencialidade intelectual como pelo seu relacionamento na cidade.

Convencido pelos amigos Almerindo, assume a direção do



jornal e o colocou novamente em circulação e se manteve na ativa por mais duas décadas, até meados de 1920.

Surge a partir de 1909 o jornal *A Cidade de Bauru*, substituído em 01 de fevereiro de 1914 pelo jornal *A Gazeta de Bauru* o advogado Eduardo Vergueiro de Lorena, ex-Promotor Público da comarca, prefeito várias vezes do município e ex-Deputado Estadual, adquiriu o acervo da *Gazeta de Bauru* e lançou com nova estrutura outro órgão com a denominação de *O Comércio de Bauru*.



Para dirigi-lo, Lorena aliou-se politicamente ao jovem advogado Octávio Pinheiro Brizolla, entregando-lhe a direção do jornal, que permaneceu na direção até 13 de junho de 1915, afastando-se a fim de cuidar de seus inúmeros serviços profissionais.

Mas, em seu número inaugural confessava: *“Iniciamos com o presente número, a publicação da nova phase de nossa folha, sob o patrocínio do título que nos serve de epígrafe.*

“O nosso programa, é em syntese, o mesmo que preside a imprensa voltada à causa do interesse e do bem estar público e a nossa do partido, tendo seus ideais firmados nos mais elevados princípios da verdadeira democracia e do verdadeiro civismo.”

No dia 14 de fevereiro de 1915, circula seu primeiro número, com quatro páginas, e a redação na rua Batista de Carvalho nº 65, impresso na Tipografia Comercial, tendo como diretor Dr. Pinheiro Brizolla, advogado: e diversos colaboradores, voltado ao interesse do comércio, da lavoura e o desenvolvimento do município de Bauru: *“Sem ligações de ordem partidária em absoluto torvelinho da política, aparece “O Comércio de Bauru” cheio de fé e esperança na prosperidade desta zona tão extensa quanto promissora.”*

Tinha em sua primeira página “Echos e Sueltos” , coluna que se preocupava com o desenvolvimento do município, fazia-se por criticar aos políticos da cidade, em um outro aparte do jornal, a “Noroeste do Brasil”, divulgava constantemente seu avanço através do colaborador Zé da Matta, que divulgava, Cartas do Sertão, que eram de pessoas que trabalhavam na construção da ferrovia.

O Comércio de Bauru no seu primeiro ano de existência - 14 de fevereiro de 1916 - publica em primeira página, cinco fotos dos redatores e responsáveis pelo jornal - Dr. Heitor de Campos, Argemiro dos Santos, Gamaliel de Almeida, Eurico Maia e João Maringoni - o Dr. Pinheiro Brizola, fundador, retirou-se da sociedade do jornal antes de completar um ano, mas com elevada prestação de serviço enquanto lá permaneceu.

Em seu segundo aniversário, *O Comércio de Bauru* publica em primeira página diversas fotos, das ruas principais e da Praça Rui Barbosa, mas desta vez com vistas parciais da cidade em 6 col x 5 cm e outras três em 3 col. x 7 cm.

Na década de 10, surgem em Bauru vários jornais com ideologias diferenciadas. Mas no levantamento efetuado não se encontrou estes exemplares, preferimos não citar todos, mas foram localizado entre os existentes comentários sobre diversos semanários daquela década. Parece-nos que, num determinado período, Bauru chegou a possuir diversos semanários ao mesmo tempo, e entre eles destacou-se "*O Tempo*" lançado como mais um semanário em 12 de maio de 1910. Fundado por Carlos Marques da Silva, prefeito do município duas vezes, vereador e ao mesmo tempo comerciante - proprietário de uma das primeiras livrarias da cidade. O jornal foi lançado com firme propósito de se contrapor politicamente ao outro jornal "*A Cidade de Bauru*". Não foi localizado o seu tempo de circulação, mas sabe-se que em 1923 "*O Tempo*" reaparece, desta feita sob propriedade de José Lúcio da Silva, mas com existência curta ¹²³

Em 26 de março de 1916, nasce o semanário "*O Dilúculo*", de propriedade do Dr. Manoel Sandim, com a oficina na rua Primeiro de

¹²³ Jornal da Cidade, Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p11

Agosto nº 16 tendo como gerente o Sr. Amadeu N. Lopes, jornal direcionado à indústria, ao comércio e à literatura, com o seguinte editorial:

“Sem pretensões a um lugar de destaque, sem os adornos da retórica, nós apresentamos hoje modestamente aos amáveis leitores. Divorciados por completo das paixões políticas, afastando do nosso caminho os ataques pessoais, pretendemos unicamente disseminar o amor pelas coisa de utilidade, de progresso e que possam instruir. Não temos predileção para qualquer ramo de progresso.

Com esses princípios, cremos ter feito jus a amabilidade dos nossos leitores.

Aos ilustres colegas de imprensa, pedimos receber-nos com benevolência o que antecipadamente agradecemos.”

O Dilúculo, após sobreviver por um período de oito meses, dentro de sua linha ideológica, de poesias e literatura, sem envolvimento político, a partir de 22 de outubro de 1916 cede espaço em sua primeira página à prefeitura para defender-se de críticas efetuadas no jornal, “O Comércio de Bauru” de nº 89 de 15/outubro/1916, com a matéria intitulada: “A ESCOLHA DOS VEREADORES” - matéria denunciando a Câmara Municipal e a Prefeitura sobre suas finanças e a aprovação da Lei Municipal sobre *água e esgoto e higiene pública... finanças debilitadas,*

*trabalhos orçamentários que precisam ser estudados...e da cobrança dos impostos...num período próximo às eleições municipais.*¹²⁴

O Dilúculo cede o espaço em defesa à Prefeitura e Câmara Municipal, publicando:

Seção Especial

Prefeitura Municipal de Bauru

*Trata-se simplesmente de uma reclamação contra o proceder absolutamente inoportuno do Sr. José Aiello, que embora contribuinte municipal exerce funções de correspondente consular italiano em Bauru. Contribuiu para a distribuição em 14/setembro de 1916 de um boletim sedioso, no qual a frente de vários outros, incitava a população a rebelar-se contra a Lei Municipal sobre Água e Esgoto.*¹²⁵

O Dilúculo trinta dias após as suas primeiras publicações com envolvimento político, em 22 de outubro de 1916, passa a dar constantes notas de denúncias e a defender-se do ataque do outro jornal. Em um período de menos de trinta dias desse seu envolvimento, resolve publicar o último O Dilúculo, jornal de nº 34 em 12 de novembro de 1916, renascendo na semana seguinte com um novo nome Correio de Bauru - órgão dedicado aos interesses do Município - Ano I , nº 1 - 19 de

¹²⁴ Jornal da Cidade. Imprensa um poder sempre vigilante. Suplemento, Bauru, JC. 04/11/1987, p11

¹²⁵ O Dilúculo, 1916, p1

novembro de 1916, com o mesmo diretor Dr. Manoel Sandin e em sua primeira página dizendo:

“O generoso acolhimento que a população desta florescente cidade..., nos tem dispensado nos oito meses em que “O Dilúculo” vem sendo editado, animou-se a empreender melhoramentos de cuja falta a nossa folha já se ressentia, e, hoje mais confiantes na empresa que abraçamos, vimos renovando a nossa profissão de fé, pedir aos bondosos leitores do “O Dilúculo” a mesma benevolência para o “Correio de Bauru” nome que de hoje em diante circulará a nossa folha.”

126



Em 1925, Bauru viria a conhecer o seu segundo jornal diário, exatamente no dia 28 de agosto após o 28º Aniversário da cidade, circulou o número inicial do *Diário da Noroeste*, tendo como fundadores João

Maringoni, Paulo Amaral e o jornalista lusitano José Maria Jorge de Castro. Em seu primeiro editorial: *“É impossível esquemar-se. O Progresso da Noroeste. Dificilmente o diriam os números e as palavras não podem representa-lo. É uma vertigem...Nós surgimos arena do jornalismo para acompanhar todo esse progresso fixar-lhe os aspectos propagandeá-lo e engrandecê-lo.”* ¹²⁷

Os empastelamentos da imprensa bauruense.

Como em muitas capitais e cidades, a imprensa de Bauru também foi alvo de violência das disputas políticas, perdendo em empastelamentos quatro de seus jornais mais influentes em seu tempo.

O primeiro foi vítima da animosidade entre os partidos do Marechal Hermes da Fonseca e do civil Rui Barbosa, ambos concorrentes à Presidência da República no pleito de primeiro de março de 1910.

Nesta época, sobressaíam-se como chefes políticos no município, além dos coronéis Azarias Leite (hermista) e Gerson França (civilista), outros como o prefeito Álvaro de Sá, Nelson Gustavo e outros. À medida que a eleição se aproximava mais aumentava a tensão entre as duas facções, falando-se abertamente que haveria “ataques, assaltos e mortes” ¹²⁸

¹²⁷ O Progresso da Noroeste. Editorial, Bauru, 1925, p1

¹²⁸ Jornal da Cidade. Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p10

Realmente, cerca de 13 horas do dia do pleito, os conflitos começaram quando na 2ª seção eleitoral a mesa entendeu de recusar o



Figura 30 Empastelamento do jornal "Correio de Bauru"

voto de um eleitor que pretendia votar em Hermes.

O incidente ganhou proporções, varias pessoas foram feridas a bala e a eleição da seção foi anulada, mas às 22 horas quase duzentas pessoas armadas de carabinas percorreram a rua da estação dirigindo-se ao largo da matriz, hoje Praça Rui Barbosa, gritando "Vivas e Morras..." Dali dirigiram-se à redação do jornal *A Cidade de Bauru*, pertencente ao heremista Nelson Noronha de Gustavo, arrombaram suas portas e destruíram tudo diante do destacamento policial, insuficiente para conter os manifestantes civilistas.¹²⁹

¹²⁹ Jornal da Cidade. Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p10

Dois e um só dia

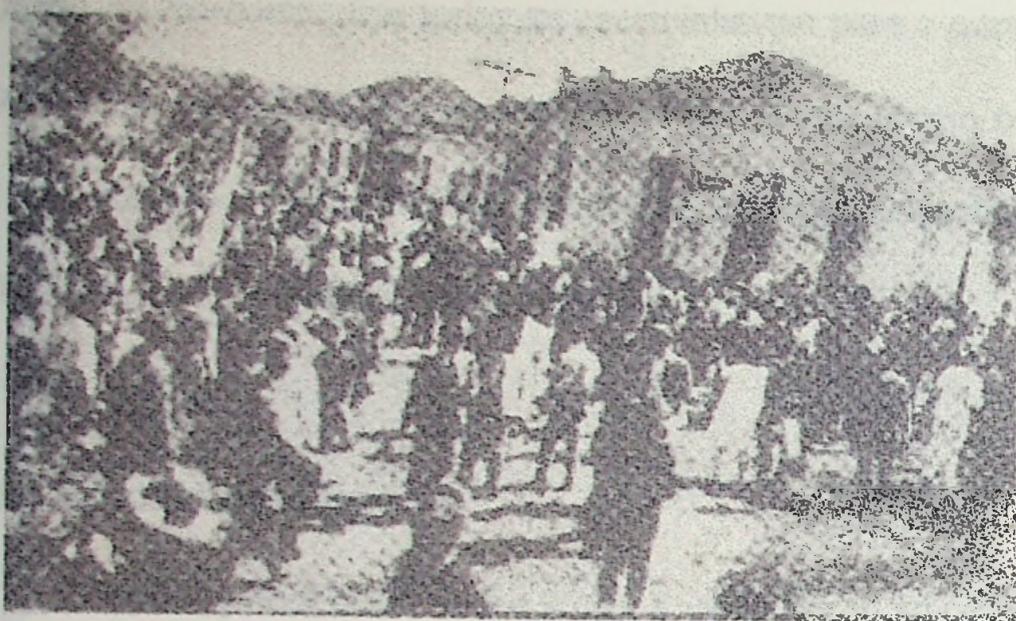


Figura 31 Destruição do "Diário da Noroeste"

Em 1930, após longa trégua de vinte anos na violência contra a imprensa, ocorrem na cidade dois empastelamentos num só dia, 24 de outubro, final da revolução liderada por Getúlio Vargas à frente da Aliança Liberal. As forças getulinas tinham vencido a revolução e deposto o Presidente da República Washington Luiz. A notícia chegara a Bauru pela madrugada e logo de manhã adeptos da revolução se reuniram na Praça Machado de Mello, cantando a vitória, dando vivas ao Getúlio e à Aliança. Iniciaram passeatas pelo centro e quando atingiram a rua Virgílio Malta desceram-na até a esquina da rua Primeiro de Agosto, visando à redação do jornal *Correio de Bauru*, pertencente a Manoel Ferreira Sandim, depredado inapelavelmente.¹³⁰

¹³⁰ Jornal da Cidade. Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p10

Quando nada mais havia a destruir, um dos manifestantes gritou: *Diário da Noroeste...!* e todos se encaminhavam para a esquina da Av. Rio Branco, onde funcionava este outro jornal, que, como o de Sandim, fora hostil à Aliança Liberal durante a revolução. Não houve contemplação. A quebra foi total, sem interferência policial.¹³¹

O Último Empastelamento

O último jornal bauruense a sofrer a violência do empastelamento sumário foi *A Tribuna Operária*, do jornalista Carlos Guewe, que durante a Revolução Constitucionalista de 32 se colocara contra o movimento liderado por São Paulo. No dia 29 de setembro daquele ano, voltando dos campos de batalha, ex-combatentes bauruenses dirigiram-se à quadra sete da rua Batista de Carvalho, onde funcionava o jornal, e o incendiaram.¹³²

Outro jornal da época “*O Jornal*”, noticiando a destruição de *A Tribuna* explicou que o empastelamento acontecera porque, além de postar-se contra a revolução o matutino vinha se excedendo em ataques de linguagem desabrida contra o clero e os sentimentos religiosos e patrióticos do povo paulista.¹³³

¹³¹ Jornal da Cidade. Imprensa sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987 p10

¹³² Jornal da Cidade. Imprensa sempre vigilante. suplemento. Bauru, JC, 04/11/1987, p10

¹³³ Jornal da Cidade. Imprensa sempre vigilante. suplemento. Bauru, JC, 04/11/1987, p10

Logo no nascedouro, o novo diário passou a liderar campanha em favor da equação de terrível problema que afligia toda a população, não só de Bauru como do Estado e do País, o problema da hanseníase. O movimento visava à construção de um hospital de hanseníase.¹³⁴

Ainda no decorrer do ano 1925, além do aparecimento do *Diário da Noroeste*, a cidade contou, embora por curto espaço de tempo, com outro órgão de imprensa. Denominou-se *O Trabalho* e era dirigido e gerenciado por José Lúcio da Silva que fora gerente das oficinas de *O Tempo* de Carlos Marques da Silva.

Em 1933, quando Paulino Rafael sustava a circulação da sua *Gazeta da Noroeste*, José Lúcio da Silva colocava nas ruas as primeiras edições da sua *Folha do Povo* - 1934 - de periodicidade semanal. José Lúcio e Paulino resolveram reunir as tipografias e transformar a *Folha* em bi-semanário. Em 1937, por ocasião da verdadeira alta durante a campanha para a sucessão de Getúlio Vargas na presidência da República começou a circular diariamente.

A redação situava-se na Av. Rodrigues Alves 7-63 - mas em 1938 dividiram-se quando Paulino Rafael e José Lúcio decidiram parar suas gráficas. Paulino fundou outro jornal "*Folha de Bauru*" - 1938, que

¹³⁴ Jornal da Cidade. Imprensa, sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987, p11

adquirida em 1945 por Nicola Avalone Jr, Emilio Viegas e José Gomes de Araújo, resultou no *Diário de Bauru*.

A IMPRENSA DE BAURU HOJE

DIÁRIO DE BAURU

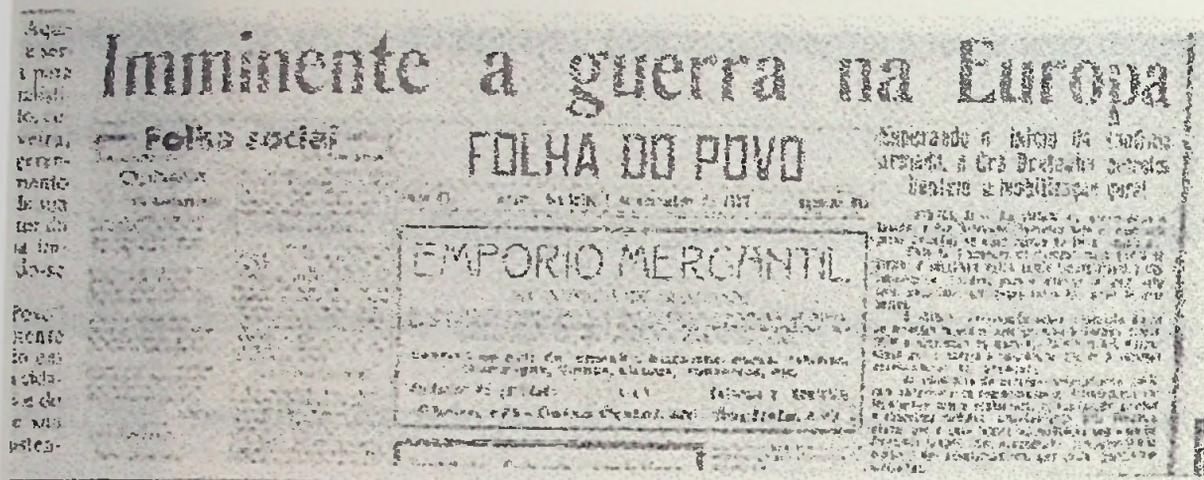
Dos inúmeros jornais que circularam em Bauru, considera-se *O Diário de Bauru*, o mais antigo, por estar circulando ininterruptamente desde o primeiro número criado em 01 de janeiro de 1946, impresso no mesmo local onde estava instalado seu antecessor. Algum tempo depois mudou-se para as dependências da Rua Batista de Carvalho nº 5-41. Fundado por Nicola Avalone Júnior - o Nicolinha - como se popularizou no final da década de 50, os Anos Dourados; o Brasil da era de JK, do Getulismo, do populismo de Jânio Quadros e de Adhemar de Barros. É nesse período que a Cidade Sem Limites - slogan que Nicolinha garante ser o autor - viveu dias agitados.



Figura 32 Dr. Nicola Avalone Junior - O Nicolinha

Foi prefeito e se elegeu deputado estadual por mais de um mandato.

Tão logo a Folha de Bauru passou a ser Diário de Bauru foi-lhe introduzida nova roupagem e o jornal surgiu disposto a competir com seus confrades *Correio da Noroeste* e *Folha do Povo*, que já circulavam desde a década de 1930 ¹³⁵



Para conseguir uma estrutura sólida no conceito dos bauruenses, o jornal patrocinou juntamente com a empresa de seu diretor Avalone inúmeras promoções nas quais se destacou a vinda de famosos nomes do cenário artístico nacional, como Emilinha Borba e Ivon Cury. Na parte esportiva, o jornal promoveu e patrocinou vários campeonatos de futebol infantil, sendo que num deles aconteceu a revelação de Edson Arantes do Nascimento - o rei Pelé. ¹³⁶

Criou-se no jornal uma bem montada coluna social e um bom noticiário esportivo. Mas o que deixou transparecer era o seu principal objetivo, de dar cobertura de caráter político a seus diretores, com inten-

¹³⁵ Jornal da Cidade, suplemento, Imprensa, um poder sempre vigilante. Bauru, JC, 04/11/1987 p16

¹³⁶ Jornal da Cidade, suplemento, Imprensa, um poder sempre vigilante. Bauru, JC, 04/11/1987 p16

ções de postular cargos eletivos. Tanto assim que nas eleições de 1951 concorreram ao cargo de prefeito Avalone Jr. e de vereador Gomes de Araújo. Apenas este último foi eleito. Mas na eleição seguinte, em 1955, as posições políticas desses dois diretores do jornal foram invertidas. Enquanto Avallone era eleito prefeito, Gomes conseguia apenas uma terceira suplência na Câmara.

Avalone continuando no seu caminho político consegue, quando prefeito, ser eleito um dos primeiros suplentes de Deputado Estadual, cujo cargo foi ocupado por ele a partir de 11 de julho de 1959, em caráter efetivo. Na eleição de 1962, ainda com grande apoio publicitário de seu jornal, Avalone foi eleito para Assembléia Legislativa Estadual, e também para o mandato seguinte, legislatura que não completou por ter sido cassado pela revolução de 64.

Em entrevista gravada com o ex-Diretor do Diário de Bauru, Zarcillo Rodrigues Barbosa, o qual chegou em Bauru, vindo da cidade de Marília



Figura 33 Zarcillo Rodrigues Barbosa - com a mão no queixo

em 1964, para trabalhar como chefe de reportagem na sucursal do jornal *Última Hora*, era um jornal pró João Goulart, o qual após o golpe militar de 64 foi fechado.

Em seguida, Zarcillo foi contratado pelo então Deputado Estadual Nicola Avalone Jr. como redator-chefe, tornou-se depois diretor-responsável pelo jornal até 1983, quando saiu do jornal.

Em fontes pesquisas na USC, consta que o Diário de Bauru, foi vendido em 1975 para Dolorio da Silva e José da Silva Martha, portanto essa informação deixa de ser verdadeira, conforme entrevista com Zarcillo. Em 1964, Nicola Avalone Jr.



Figura 34 Fachada do Diário de Bauru - 1974, foto de Luiz Teixeira

perdeu a eleição para prefeito na cidade e em virtude

de problemas de ordem financeira durante a campanha e não podendo manter o jornal, pois era um jornal político que dependia de subsídios

deste político, onde este era o maior beneficiário do jornal. Então, o jornal foi vendido para um grupo de empresários de Bauru, Dolirio Silva proprietário da Empresa Reunidas de Transportes, Luiz Carlos Pagani - diretor presidente da Empresa Bauru-Diesel (Mercedez-Bens), Luiz Augusto Raniéri, o Dudu, como era conhecido, proprietário da Escola Liceu Noroeste uma das mais antigas escola particular de Bauru e também para Hugo Cavichini Pires, também empresário. Ainda segundo Zarcillo esse grupo adquiriu o jornal como uma forma de defesa contra a possibilidade de monopolização dos meios de comunicação da cidade pelo então Dr. Alcides Franciscato - empresário e proprietário da Empresa Expresso de Prata, que havia entrado na política e para propagar o seu nome montou um jornal com equipamentos mais modernos e contratou empresas noticiosas para fazer um jornal muito melhor que o Diário de Bauru, que estava em decadência.

Também os outros meios de comunicação existentes em Bauru, rádio, televisão (antigo canal 2, hoje pertencente à Rede Globo), e graças ao patrocínio do Expresso de Prata eram todos pró Alcides Franciscato que pretendia se eleger prefeito de Bauru, como de fato aconteceu.

Com o passar do tempo Dolirio Silva acabou tornando-se o unico proprietário do Diário de Bauru, pois os outros empresários que fa-

ziam parte perceberam que o jornal não era um bom negócio e não dava retorno e ainda os obrigava a ter que fazer grandes investimentos para a manutenção e melhoramentos.

Entretanto, na entrevista gravada com Zarcillo Rodrigues Barbosa pode se esclarecer a participação de José da Silva Marta. Este somente entrou na sociedade do Diário de Bauru em 1975. O que realmente aconteceu em 1975 foi a transmissão documental da propriedade do Diário de Bauru para Dolirio Silva e nessa ocasião se associou a Dolirio para custear no projeto de compra de rotativas e máquinas para implantar o sistema off-set, mas o empresário José da Silva Marta entrou na sociedade com a pretensão de utilizar esse meio de comunicação como divulgação da sua candidatura a prefeito de Bauru. O que de fato ele foi candidato a prefeito de Bauru, e chegou a pagar algumas prestações do projeto de implantação do sistema off-set, mas depois perdeu a eleição e também alegando motivos financeiros deixou a sociedade, passando a sua parte para Dolirio Silva que ai ficou dono absoluto do Diário de Bauru até 1983, quando vendeu o jornal a Moussa Tobias e a Gerson Trevisan, e também quando Zarcillo desliga-se do jornal.

O Diário de Bauru até 1974 manteve uma impressora rotoplana, formato tabloide, de origem Suíça marca Buller - 1914, com com-

posição a quente - Lynotype e Intertype. Para imagens contava com câmaras fotográficas e uma clichéria eletrônica.

A redação do jornal era composta pelos jornalistas, Zarcilo Rodrigues Barbosa - editor, João Carlos de Almeida, hoje proprietário da revista Astral - editor de esportes, Jair Aceituno, hoje correspondente do Estadão - redator, Eliane Lemos - repórter, Erlington Goulart - repórter esportivo, Flávio de Angelis - colunista social, e os repórteres fotográficos Luiz Augusto Teixeira Ribeiro e Pedro Romualdo.

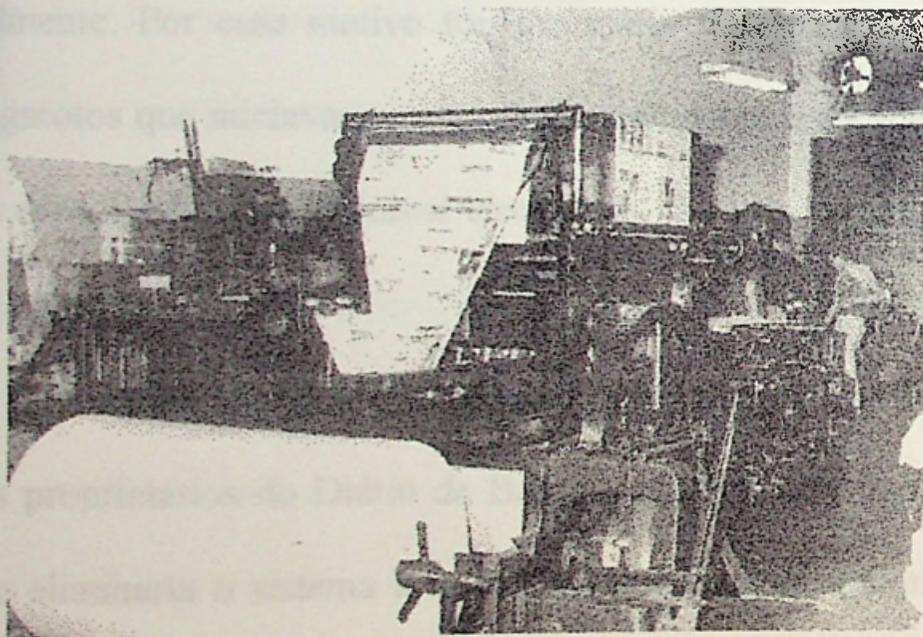


Figura 35 Impressora rotoplana adquirida pelo Diário de Bauru em 1973.

Os diretores Dr. Flávio de Angelis, Zarcilo Rodrigues Barbosa e o superintendente do jornal Dr. Antônio José Miziara decidiram substituir a impressora de tamanho tabloide para standard, rotoplana 1904, equipamento este que quase levou o jornal a falência, pois levou mais de seis meses para conseguir lançar o novo formato do jornal, com-

prado do Diários Associados de um de seus jornais que havia fechado no Nordeste.

Novamente, o Diário de Bauru retorna a investir em seu parque gráfico, comprando então da T.Janer - empresa multinacional distribuidora de máquinas impressoras, fotocomposição e papel imprensa - uma Solna 132, plana, sistema off-set - composição a frio. Esse equipamento, entretanto, limitava sua tiragem e número de páginas, porque só imprimia duas páginas por vez, além de ter que fazer as dobras das páginas manualmente. Por esse motivo foi necessário contratar um grande número de garotos que iniciavam seus trabalhos de dobra e encadernação às 4h00 da madrugada, para o jornal circular às 8h00 da manhã, nunca antes desse horário.

Estes contratemplos fizeram com que o diretor Zarcilo convencesse os proprietários do Diário de Bauru a adquirir uma impressora rotativa que eliminaria o sistema artesanal da dobra, Com a eliminação dos problemas o DB, como ficou conhecido, passou a ser distribuído junto com seu concorrente, Jornal da Cidade. ZB, como era chamado o diretor do Diário de Bauru, importou dos Estados Unidos uma impressora rotativa Harris Control, com quatro unidades de impressão, junto com sistema de fotocomposição Lynocomp considerado na época a última geração em tecnologia. Entretanto, faltou mão de obra especializa-

da para operar a rotativa e o proprietário do jornal se viu obrigado a arrendar a impressora à Editora Monsanto de São Paulo pertencente ao Sr. Antônio Teixeira, que tercerizava serviços de impressão da Editora Abril S/A.

A Monsanto, para cumprir seus compromissos com a Abril, que exigia qualidade dos serviços prestados, sendo utilizado papéis de primeira linha como sulfite ou couchê com gramaturas - espessura do papel - maior que a de papel jornal. Para rodar o Diário de Bauru, não tinha o cuidado de regular os rolos de impressão para o papel imprensa, produzindo assim um periódico de má qualidade gráfica. Com isso, o D.B. perdeu grande parte de seus assinantes, caindo de cinco mil para uma tiragem insignificante de 1500 exemplares diários.

Nesse período, o jornal não deixou de ser bastante crítico para com os políticos da cidade. Com a situação financeira abalada, o Sr. Dolírio da Silva, então proprietário do Diário de Bauru, vende a Harris Contrel alegando problemas financeiros, para um grupo de São Luiz do Maranhão.

O DB retorna para a impressora Solna 132 e ao processo artesanal de dobras.

O jornal foi vendido sucessivas vezes a grupos vinculados a partidos políticos que, por diversas vezes, quase decretaram sua falência.

Em 1983 um grupo de empresários assume o jornal com o propósito de fazê-lo porta-voz do Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, tendo como seu presidente nesta cidade o senhor e empresário Moussa Tobias e Gerson Trevisam.

Ainda em difícil situação financeira, mas tentando reerguê-lo, o grupo traz da cidade de Rio Claro - SP, o jornalista e representante da CBI - Consórcio Brasileiro de Imprensa, Sr. Paulo Jodate David e Hércio Gerardi de Lima, com larga experiência jornalística e administrativa, dando-lhes total autonomia administrativa. Os contratados formaram um departamento comercial de elite, conseguindo com isso melhorar a situação financeira e readquirir a credibilidade do seu periódico.

Hoje este jornal com uma tiragem inexpressiva - 2000 exemplares diários - não consegue aproximar-se do seu concorrente Jornal da Cidade, ainda pertencente ao Grupo de Alcides Franciscato, com tiragem de até 30.000 exemplares diários.

JORNAL DA CIDADE

A história do Jornal da Cidade dá início em 1966 quando o presidente Humberto Alencar Castelo Branco, assina a cassação de mandato dos direitos políticos do deputado e jornalista bauruense Nilson Costa o que surpreendeu e levou à perplexidade a opinião pública. Encon-

trava-se na cidade de Bauru o governador do Estado Carlos Alberto de Carvalho Pinto que, ao tomar conhecimento da cassação de Nilson, cancelou o comício que realizaria naquela noite. Acompanhado de Israel Dias Novaes, Alcides Franciscato e mais alguns amigos, deslocou-se para a residência do parlamentar cassado a fim de hipotecar-lhe solidariedade.

Retirando-se as autoridades, permaneceram somente quatro pessoas, além de Nilson Costa: Alcides Franciscato, Halin Aidar, Antônio Bueno dos Santos e Benedito Gelonese. Surgiu então a idéia de fundar-se na cidade um jornal que revolucionasse a Imprensa interioriorana pela feição gráfica, pelas suas dimensões, pela ampla circulação, pelo conteúdo amplo e diversificado das matérias e destacadamente, pela independência de sua linha.

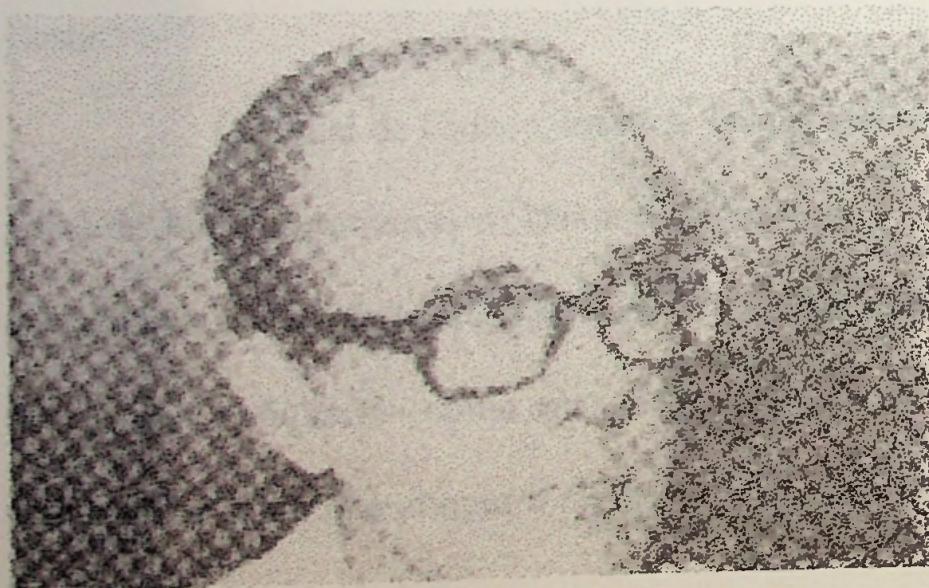


Figura 36 Nilson Costa, Diretor do Jornal da Cidade

Nilson Costa, afastado da Assembleia Legislativa do Estado e aposentado de suas funções na Noroeste do

Brasil por força do AI-1, foi o escolhido desde logo para a direção do jor-

nal, que teria também no cabeçalho o nome do deputado Israel Dias Novaes.

Primeiramente, foi a formação de uma sociedade, de caráter civil, para a sustentação financeira inicial do órgão e aquisição de maquinário. Na época, devido ao alto custo para se montar o jornal, além de Alcides Franciscato que era o maior cotista, chamou-se outros empresários integrando-os como associados - pequenos cotistas - Hugo Cavichini Pires, Alencar Ferreira da Costa, Guilherme Ferraz, Antônio Martins, Luiz Carlos Pagani, Duílio Biojoni, Francisco de Paula Nogueira, Sérvio Túlio Coube, Nacib Salmem, José Carlos Soares, Ivaldo Crivelli, Nelson Neme, Dinaltes Rodrigues Martins, José da Silva Martha Filho, Jairo Gamboji de Barros, Geraldo Helvécio de Mello, Aurélio Aredes e Nilson Costa

O Jornal da Cidade instalou seu maquinário com o acervo da Folha de Jaú que pertencia à Usina da Barra S/A - Grupo Ometo -, daquela cidade. Arcando com pesados ônus para subvencionar aquele matutino, sempre deficitário - como quase todo jornal do interior - e ainda mais com a grave crise que atingiu a região de Jaú, seus proprietários decidiram encerrar as atividades.

No mês de abril de 1967, a máquina impressora plana e duas Linotipos começaram a ser transportadas de Jaú para Bauru adaptando-se

ao prédio da antiga fábrica de espelhos da rua Primeiro de Agosto quadra quatro.

Quando então, o Jornal da Cidade circula pela primeira vez em 01 de agosto de 1967 - data de aniversário da emancipação política do município de Bauru, a edição de lançamento com 7.500 exemplares sendo com três cadernos e cinquenta e duas páginas, sendo que trinta e nove continham publicidade, tendo como diretor responsável Israel Dias Novaes.

Sua primeira página da edição número um do J.C. tinha como manchete - *Bauru comemora 71 anos e prefeitura faz programa* - uma segunda matéria com uma foto do Presidente da República Mal. Costa e Silva que envia mensagem ao Jornal da Cidade através de seu representante :

“O Senhor Presidente da República impossibilitado de comparecer às solenidades de inauguração desse jornal, face a outros compromissos já assumidos, incubiu-me de agradecer o atencioso convite. Cordiais Saudações. Ass. Carlos Costa - Secretário Particular do Presidente da República.”

Ainda na primeira página a mensagem do jornal ao seu público :

“Surge este jornal numa singularissima hora da vida brasileira, que também de perplexidade e contradição em todo o mundo. Um pequeno jornal, cômico das suas limitações mas esperançoso de transpô-las. Um jornal provinciano, mas que se considera como tal apenas sob aspecto geográfico: de que maneira efetivamente considerar Bauru, cujo fervilhamento se pretende refletir como um burgo retardatário? Além do mais, com os novos meios de comunicação, quem hoje é província? No bojo dos desentendimentos em que a prática generalidade do mundo se debate, é certo que se elabora um espírito novo cuja exata definição a ninguém é dado prever. Aí está o renascimento na igreja expresso na lúcida e terrível palavra das Encíclicas, na qual se traduz a redescoberta da Mensagem de Cristo em pontos inesperados, fumegam vulcões de controvérsias e os tiros de guerra - o fulminante arrasador - e o lento martirizante, disputam os títulos da imprensa e a primazia na preocupação universal.

Nosso país, formidável parcela desse mundo em ebulição, tem registrado, com nitidez de sismógrafo, esses espasmos de “uma civilização posta a prova”. Os anos brasileiros recentes, sobretudo significaram transformações em profundidade, para as quais sequer se julgava a estrutura nacional preparada. Tudo aconteceu ultimamente no Brasil. Tivemos a aventura dita esquerdarizante, mas na verdade popu-

larêscas e destinada e que só conseguiu articular o próprio extermínio, através da mobilização das forças de disciplina tradicional e da ordem brasileira. A nenhuma resistência encontrada demonstrou a fragilidade de um governo supostamente proposto a revogações essenciais mas na verdade, incapaz de vulnerar a área epidérmica da agitação e da desordem. A reorganização nacional, as revisões operadas pelo governo de 64, ao disciplinamento de um país, com o estabelecimento de uma mentalidade nacional de um Brasil como um todo harmônico, uma "caixa comum de progresso", que pareceu assimilar a fase heróica da revolução, sucedeu a atual, a de retomada do desenvolvimento, posta a casa em ordem e firmadas as condições habilitadoras. É inegável a generosidade das perspectivas. Um governo otimista, disposto a grandes gestos, a queimar etapas, anuncia e prepara a hora de grandeza do "Brasil através do agionamento" tecnológico-científico e da democracia interna em toda a sua amplitude, condições do progresso comum.

Nessa hora, nasce em Bauru um pequeno jornal.

Não importa considerar as dificuldades que os meios de comunicação em geral atravessam.

Quando tantos se fecham, este se abre. Aqueles que, trabalhados por um pessimismo já agora extemporâneo lembram essa circunstância como argumento dissuasório, acentuamos que também nisso

representamos Bauru,. Quando a região, na neblina do século desafiava os colonizadores, repelindo-os inclusive pela força da arma indígena, muito houve que abdicaram dos seus propósitos de instalação, julgando a terra irredutivelmente inóspita. Da renitência de poucos nasceu Bauru, de sua obstinação. Mas uma vez se demonstrou que a vitória por direito, deve caber aos pertinazes e aos obstinados. Aquele que espera da sorte e nos caprichos desta deposita o destino, não a merece ou a recebe sem o acompanhamento moral, a categoriza.

Nasce esse jornal para ficar. Não é uma folha ao vento, entregue à intempérie. Como condição de permanência, sabe que terá de se traçar diretrizes e princípios. Os primeiros contem-se no seu título e na data inaugural, "Jornal da Cidade" significa exprimir pensamentos isolados e avulsos ou opiniões e interesse de grupos. Pretende ser o jornal da cidade. Se o que convier a toda Bauru merecerá o apoio, nada que interessando a alguns desfavoreça a coletividade encontrará abrigo na sua linha superior. Jornal político no alto e nobre significado do vocábulo, sua causa é a cidade, como parte do Estado e este como expressão do Brasil.

Sendo assim Bauru a nossa sede, como capital da Região, cidade que orgulha o país pelo vigor de sua atividade, cabe-nos, nesta apresentação de figura e propósitos, estender a gente de Bauru, sem

discriminação, que não alimentamos a nossa mensagem de esperanças. Aos cidadãos investidos de autoridade, aos trabalhadores, aos estudantes, a mulher bauruense, aos intelectuais - saudamos fraternalmente no momento em que nos colocamos a seu serviço. Também aos confrades da tradicional imprensa escrita e falada, como da nova comunicação da imagem, asseguramos a decisão de colaborar no esforço que há tanto tempo vem alentando a sua ação: o esforço pelo progresso de Bauru e da região, dentro da grande tese de engrandecimento do país.

Este, o nosso programa, esta, a nossa razão de ser. ¹³⁷

Em 19 de novembro de 1972, o jornal implanta o sistema off-set, sendo o primeiro a utilizar esse processo em jornal no interior paulista, simultaneamente, inaugurava seu prédio próprio, na rua Xingú, 4-44, deixando para o passado suas velhas linotipos, substituindo-as por máquinas eletrônicas de composição e reprodução, computadorizadas ao nível mais moderno no gênero.

Aceito pelo público aumenta sua tiragem e se equipa com receptores e transmissores de telex e radiofotos nacionais e internacionais das agências de notícias, graças aos quais ganhou condições para se ex-

¹³⁷ Jornal da Cidade. Editorial, 1º de agosto de 1967, p1

pandir no vasto campo do noticiário do País e Exterior. Conveniando com agências distribuidoras de notícias e comentários estrangeiros.

O Jornal da Cidade ocupa um lugar de destaque na região. Hoje, investindo em tecnologia, JC informatiza sua redação e preocupa-se para ser impresso em cores.

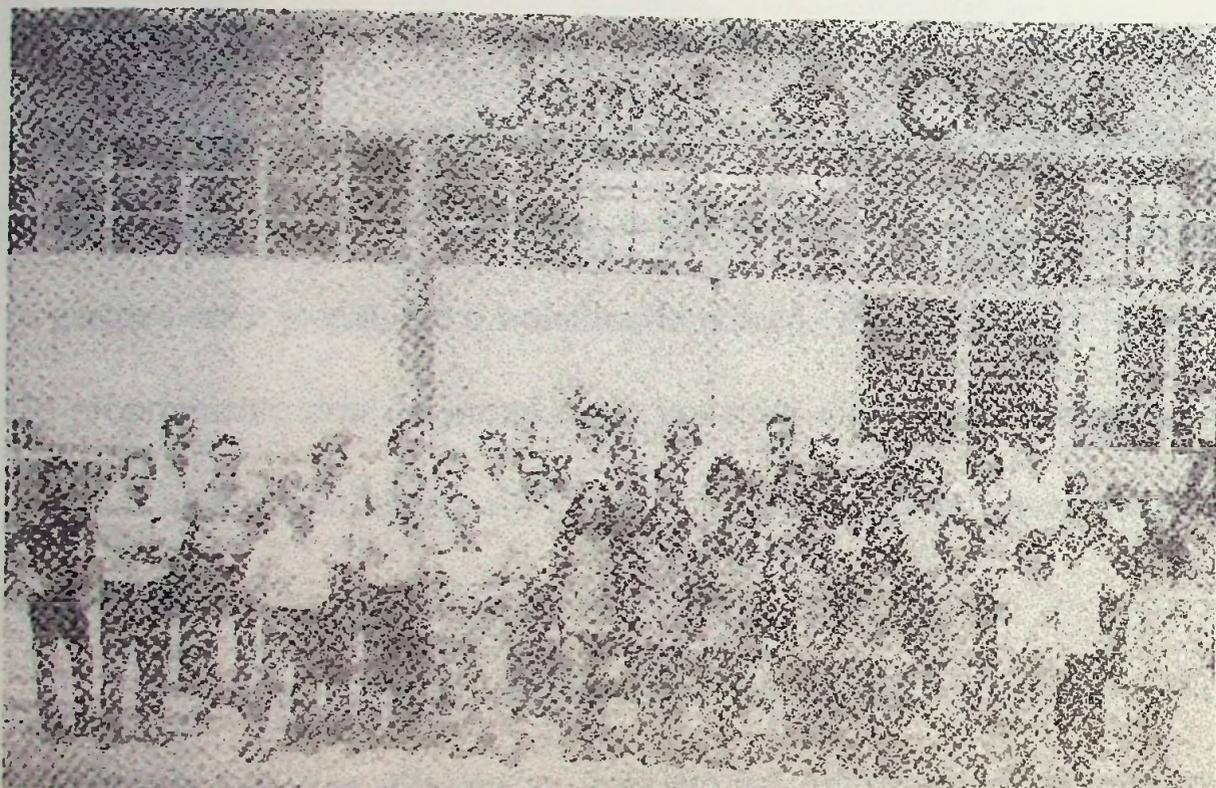


Figura 37 Nova fase do Jornal da Cidade, inaugurada em novembro de 1972

A nova fase

No levantamento histórico, os jornais bauruenses tiveram vida curta porque lutaram contra a falta de estrutura, isto é, não contavam com oficinas e instalações apropriadas. Quando isso era contornado eram fechados por interesses políticos opostos. Alguns que sobreviveram por um tempo maior é porque continham um forte interesse político ou rece-

biam ajuda e/ou verbas dos órgãos oficiais nas publicação de atos oficiais, prestação de contas da prefeitura, leis municipais e também da Câmara Municipal, como se percebe claramente nas edições jornais pesquisadas destes jornais.

Na realidade o jornalismo impresso, em Bauru, tem que ser dividido em duas fases. A primeira é aquela do período pré-industrial do jornal, feito por duas ou três pessoas nas horas de folga. Essas pessoas cuidavam de tudo: desde o serviço de apanhar publicidades para custear os gastos com o jornal, até o trabalho de redação das notícias e a impressão propriamente dita do jornal. Esta pode ser classificada como sendo uma fase histórica e heróica do jornalismo de Bauru e provavelmente de todos os jornais do interior..

Neste período não se pensava em jornalismo como profissão ou atividade lucrativa. Ele era, no máximo um difusor de idéias político-partidárias, como constatamos nos levantamentos da história da imprensa local.

Essa primeira fase terminou em fins da década de 60, quando em Bauru se começou a pensar em produzir jornal, através de uma empresa organizada, dividida em setores, com objetivos industriais e lucrativos.

A segunda fase coincidiu com o que se convencionou chamar em todo o Brasil de *milagre econômico*. As empresas compraram equipamentos de impressão sofisticada; as atividades foram divididas em redação, comercialização, circulação, impressão etc. Crescendo a compartimentalização das funções na imprensa, houve algum aprimoramento no processo de regularização da profissão do jornalista.

**O PROFISSIONAL DA IMAGEM NA
IMPrensa DE BAURU**

À guisa de introdução

Na história dos registros fotográficos a imprensa bauruense também possui sua equipe de frente, que tenta registrar, numa corrida diária contra o tempo, os fatos que se tornaram notícia em Bauru e Região .

A imprensa de Bauru conta com dois jornais que com os recursos disponíveis, procuram ocupar uma fatia do mercado destinada ao jornalismo regional. Mesmo sem demonstrar a pretensão pela disputa, o jornalismo do interior sofre a concorrência da grande imprensa, sediada na Capital.

Como já historiamos, o Diário de Bauru, com quase meio século de existência, passou por todos os tipos de problemas, que incluem falta de papel, crise financeira, ações trabalhistas, pedidos de falência, troca de proprietários.

Possuir uma relação interminável de problemas é uma característica marcante da imprensa do interior, saber vencê-las, podendo contar sempre com a ajuda de algumas “figuras proeminentes da cidade”, também é um dado marcante para que se possa elaborar uma análise do seu desenvolvimento.

O Jornal da Cidade, pertencente a um grupo de empresários e políticos de Bauru, também passou por algumas crises, mas sempre possuiu uma retaguarda muito forte, com sua participação numa rede de em-

presas do Grupo Prata, que inclui desde criação de cavalos até a construção civil e o transporte rodoviário. Essa independência econômica fez com que esse órgão se mantivesse em funcionamento por quase trinta anos, conseguindo hoje uma estabilidade financeira, que se mantém pela circulação respeitável de aproximadamente 25.000 exemplares diários, em Bauru e Região.

Dentro do enfoque de minha pesquisa sobre o fotojornalismo em Bauru, delimitamos por objeto de estudo o exercício desta atividade jornalística a partir dos anos 70, quando os dois jornais resolveram investir na área, importando equipamentos sofisticados, máquinas impressoras Off-Set e sistemas de fotocomposição passando, assim, ambos os jornais a ter uma apresentação gráfica mais adequada às expectativas de seus leitores, acostumados à comparação com a grande imprensa.

As inovações tecnológicas, na impressão, encetadas pelos jornais de Bauru impuseram aos profissionais da fotografia o aprimoramento técnico de seus trabalhos, fazendo com que a imagem fotográfica passasse a desempenhar papel fundamental nos dois periódicos.

Portanto, para isso também foi necessário que houvessem profissionais da fotografia que realizassem trabalhos de melhor nível fotográfico, permitindo, assim, que a fotografia tivesse a partir de então, papel fundamental nos dois periódicos.

Entretanto, o que nos interessa desses jornais são os profissionais de fotografia que por eles passaram, repórteres fotográficos que enfrentaram e enfrentam dificuldades, que em linhas gerais, não se diferem dos enfrentados pelos profissionais dos grandes centros

Tomamos como ponto de partida uma análise da formação dos repórteres fotográficos de Bauru, tentando agrupá-los numa classificação que englobasse os vários os vários perfis dos profissionais atuantes na imprensa local.

Vale ressaltar que o maior dado para análise da informação conseguida nas entrevistas com estes profissionais da fotografia é exatamente a dificuldade de se expressar e a ausência de reflexão a respeito de sua prática profissional. Em regra geral, foi muito difícil conseguir que os profissionais atuantes fizessem uma análise profunda ou mesmo superficial a respeito dos itens formação, conceito, técnica, pauta, edição e ética e sua relação com o fotojornalismo bauruense .

Assim, uma análise crítica verificada com a maior parte das informações foram obtidas mais facilmente no que podemos chamar de “bate papo” ou “sessão de contar causos”. As maiores partes das informações foram obtidas no item Ética, porque englobava as “peripécias” feitas pelos repórteres fotográficos para conseguir uma boa imagem.

A nossa pesquisa sem sombra de dúvida, deveria iniciar-se com o profissional que exerce há mais tempo a profissão: Celestino de Stefani.

Celestino chegou a Bauru, vindo de São Paulo, não sem antes passar por Campinas, onde vendeu um faqueiro de prata para adquirir sua primeira câmara fotográfica. Seu primeiro trabalho em 1953 foi para a Tribuna dos Municípios, de Campinas, revista interiorana, onde trabalhava viajando por várias cidades do Estado de São Paulo. Em 1960, já com uma Rolley-Flex 120, começa a trabalhar para o jornal Tribuna Paulista de circulação nos bairros Santana e Tucuruvi na cidade de São Paulo. Nesse mesmo período, conheceu José Maria Cabral, redator policial, que trabalhava no antigo jornal *Última Hora* na capital quando este o convidou para trabalhar na sucursal do jornal *Última Hora* na cidade de Bauru. Após o empastelamento e destruição da redação da sucursal da *Última Hora*, em Bauru, ocorrido em 1964, Celestino retorna para São Paulo e vai trabalhar como repórter fotográfico no jornal *Notícias Populares*, onde ficou por um ano, até ser admitido nos *Diários Associados*, e mais tarde trabalhando nos jornais *Diário Popular* e no *Diário Carioca*. Em 1968 foi convidado pelo jornalista Laudze de Menezes para vir trabalhar no *Jornal da Cidade* onde permanece até hoje, como um profissional respeitado pela sua experiência em cobertura de reportagens policiais, apesar

de sua formação autodidata (como a maior parte dos repórteres fotográficos).

Para Celestino, seu tempo já passou. Agora é o momento de desfrutar de uma vida menos atribulada, na qual tenha tempo de usufruir de sua aposentadoria.

Entre os repórteres que se destacaram, Rui Bijos marcou sua passagem na história da imprensa bauruense, como repórter fotográfico do *Jornal da Cidade*. Talvez por ter adquirido nesta profissão o gosto pela aventura, preferiu mudar-se para o norte do país para trabalhar em garimpo, nunca mais retornando à cidade para trabalhar com fotografias.

Um dos repórteres fotográficos que permanece por mais tempo na imprensa bauruense atualmente é Quioshi Goto, que atuava anteriormente em atelier fotográfico na área comercial fazendo casamentos e aniversários e hoje atua como repórter fotográfico no *Jornal da Cidade* desde 1972.

Ao contrário do *Jornal da Cidade*, o *Diário de Bauru* sempre permaneceu na dependência de fotógrafos que faziam “bico” para conseguir uma complementação do salário.

Um exemplo desse tipo de relacionamento profissional é o nordestino Juracy Paixão, o Baianinho, que trabalhava no antigo Canal 2 de televisão. Juracy trabalhou por muito tempo no *Diário de Bauru* em

parceria com Gerson Francischini, que era considerado um “faz-tudo” no jornal, desenvolvendo atividades que iam da impressão à fotografia. Até 1971 ambos exerciam entre outras a função de repórteres fotográficos desse jornal.

Em 1974, o *Diário de Bauru* contrata Pedro Romualdo, estudante do curso Técnico de Publicidade do Liceu Noroeste, para função de repórter fotográfico, dando como parte de seu pagamento uma bolsa de estudos. Aceitando essa forma de remuneração, Pedro permaneceu no *Diário de Bauru* até 1980.

A contratação de jovens como Pedro se justificava pela evolução gráfica e o desenvolvimento do jornal, que impunha cada vez mais a necessidade de mão de obra especializada. E, como não havia verbas para remunerar um profissional “pronto”, a direção do Diário de Bauru iniciou a sua procura de jovens que queriam ter uma chance para se tornar repórteres fotográficos.

Formação

Estes aspectos de recrutamento de mão-de-obra, para a atividade fotográfica, no jornal foram comentados pelos repórteres fotográficos ouvidos. A formação técnica específica será superior à formação do dia-a-dia das próprias empresas ? Pedro Romualdo responde (...) “em 1974 era apenas estudante, fazia o curso técnico de publicidade, mas

sempre gostei de fotografia, desde criança, alugava máquinas na cidade em que morava, Novo Horizonte - SP. Com os amigos fazíamos fotos, mas o que mais gostávamos era de observar através do visor da câmara os enquadramentos. Hoje sou formado em Desenho Industrial pela Unesp, e sou jornalista "free-lancer" atuando como repórter fotográfico".

Ernesto José Avelino Rodrigues, o único formado em Escola de Jornalismo pela UNESP/BAURU, que iniciou sua carreira após passar pela disciplina de Fotojornalismo, lembra que, (...) *"foi quando me encontrei com a fotografia e comecei a me dedicar somente a ela, atuando no Diário de Bauru desde 1991, portanto antes de terminar a Universidade, passando também como Free-lancer para o jornal da capital Diário Popular, no Correio da Serra na cidade de Botucatu, Assessoria de Imprensa na Prefeitura Municipal de Bauru, e alguns 'free-lancer' para o jornal dos Criadores de Quarto de Milha."*



Figura 39 Pedro Romualdo de Oliveira

Ernesto aparenta não estar muito satisfeito em trabalhar no interior comenta: (...) *"aqui é difícil e não é da maneira que eu sonho em fazer isso, eu luto aqui no interior para me aperfeiçoar em fotografia,*

para que um dia consiga trabalhar num grande centro, poder apresentar condições de profissional mesmo.” Ao perguntarmos se estaria aqui no interior fazendo um estágio e se preparando para um dia ir para o grande centro, responde categoricamente que: (...)” Não digo um estágio, estou me preparando porque, aqui existem coisas que a gente tem que ter capacidade para fazer, e não posso encarar isso como estágio. O serviço aqui também é profissional, não posso encarar isso como um estágio pois estaria subestimando o meu trabalho e de meus colegas e a empresa em que trabalho, e como repórter fotográfico eu não sonho tão alto, mas acho que todo mundo tem o direito de buscar aquilo que quer. Portanto, o interior pode me dar uma bagagem muito boa enquanto repórter fotográfico, aqui a gente põe a mão na massa. Um exemplo é que enquanto você está em um campo de futebol fotografando, existe toda uma equipe aguardando as suas fotos e quando você chega ainda tem que revelar o filme e fazer as fotos, o que não acontece nos grandes jornais, você simplesmente entrega o filme para o laboratorista e vai descansar, lógico, passando informações do material que conseguiu fazer. E com isso você acaba se aperfeiçoando muito mais do que se estivesse trabalhando em um jornal de grande porte.”

Ernesto trabalhou por um período pequeno como “freelancer” no Diário Popular da capital. Sobre o fato relata: (...) “Comecei

no interior e aprendi no interior, só que o meu trabalho era de um tipo, fui para a capital aprendi novas coisas, até como me comportar como repórter fotográfico, como deveria ser minha postura. Então, acho que o interior me ensinou e a capital me deu uma lapidada.

Sueli George Stathoupolos, 25 anos, é a única mulher que trabalha como repórter fotográfica em Bauru, há quatro anos, iniciou sua carreira no Diário de Bauru. “Su”, como é conhecida pelos colegas veio de São Paulo onde havia participado de diversos cursos de fotografia em oficinas culturais e workshop. Seu sonho era fazer um curso avançado de fotografia, mas por problemas familiares teve que retornar a Bauru. Quando chegou aqui recebeu o convite de uma amiga para trabalhar no Diário de Bauru, não como repórter fotográfico, mas em outra área, fazendo composição e digitalização de texto. Segundo “Su” (...) *era horrível, pois queria mesmo era fotografia e isso me deixou um pouco mais próxima do meu objetivo porque, lá tinha o laboratório fotográfico. As chances me foram dadas na época por Valquíria Passos, que era a repórter fotográfica, ela me deixava ficar no laboratório aprendendo alguma coisa a mais daquilo que já conhecia, pois o trabalho fotográfico no jornal é diferente das oficinas que fiz em São Paulo”. A Valquíria foi muito legal (...), inclusive quando saiu do jornal me indicou para substituí-la. Tive três dias para aprender tudo, o que não havia apren-*

dido na vida inteira, para ficar no jornal sozinha. O outro repórter fotográfico do jornal estava em férias. Praticamente aprendi com os erros e acertos do dia-a-dia e pela intuição. Não tenho formação acadêmica, muito menos teórica.

Quanto à formação acadêmica revela: (...) “o repórter fotográfico necessita ler muito, estudar e mesmo fazer a escola de jornalismo, porque sem isso ele é muito marginalizado, comparando com um repórter, e reafirma, tem que se ter uma faculdade para melhorar o trabalho, muda com certeza, pois hoje tenho necessidade do lado teórico, um lado que anteriormente não achava tão importante, mesmo para fotografar. Fotografia não é só apertar um botão. Mas creio que se tivesse outra formação, teria uma visão das coisas mais apurada, a parte teórica me faz falta.”

CONCEITO

O conceito profissional dos jornalistas de texto é bastante nítido. Medeam a notícia entre o fato jornalístico e os leitores. E qual será a visão que os repórteres fotográficos têm de sua própria atividade ?

Pedro Romualdo entende que: (...) “estes profissionais de

fotografia que registra fatos não vistos por outros olhos, o repórter fotográfico capta muitos momentos da fotografia diferentemente de outros olhos comuns que fotografam. Mas na essência é profissional da fotografia que se dedicou a fotografar e publicar suas fotos para outras pessoas como informação.

Ernesto afirma que , (...)” *Um repórter fotográfico deve ser uma pessoa muito bem informada, não pode estar preso a muitas coisas, mesmo em ter uma vida particular normal, como as outras pessoas, o repórter fotográfico é um tipo assim quase que um “morcego”, uma “coruja”, estar sempre aceso, fazendo tudo, tem que estar a todo momento alerta, com seu radar ligado procurando saber tudo que se está passando no mundo. No jornal sou um “clínico geral”, fotografo de tudo, reportagem policial, social, política, tudo o que aparecer, desde acidente com mortes e no mesmo dia um coquetel ou jantar.”* Sobre isto ele afirma: (...) *“É não ter medo de nada, ninguém pode interferir no seu trabalho, vou até citar um exemplo: às vezes eu entrava para fotografar determinadas coisas, me sentia meio afastado dos outros. No setor político ou junto a grandes empresários me sentia retraído, não sabia se podia entrar e fazer as fotos, principalmente em reportagem policial, isso aqui no interior. Já na capital trabalhava com outros repórteres fotográficos e diziam - estou fotografando e fazendo meu trabalho, e es-*

tou fazendo meu trabalho que é digno como o de qualquer outro trabalhador”.

A repórter fotográfica “Su” se encontra num campo onde a atuação masculina é muito forte. Em sua opinião o ambiente: (...) *“Hoje está mudando, tem muita mulher trabalhando nessa profissão.*

O quadro de que fotojornalismo é uma profissão para os machistas, mas isto ainda esta arraigado,



permanece

Figura 40 Suely Stathopolos - repórter fotográfica do Diário de Bauru.

um pouco do machismo. Para ela o repórter fotográfico (...) “é maluco... meio louco, não sei. Não dá para se definir. Você vive (...) tendo orgasmos, porque acho que quando se faz uma foto fantástica ou uma denúncia ou qualquer outra coisa, gosto muito de matéria que mexe com fatos naturais, faço muita coisa fora do que eu gosto.” A respeito

da cobertura destes fatos naturais, completa: (...) *“Uma catástrofe, uma enchente, conflitos sociais, faço as coisas do outro lado, porque moro numa cidade tranqüila, nela não tem problemas e com isso fica difícil definir a profissão. Em determinados momentos ser repórter fotográfico não é gratificante. Tudo que um fotógrafo pode esperar na vida, ele irá encontrar sendo repórter fotográfico, não tem jeito, não pode fugir disso, essa é a parte da fotografia mais intensa, mais interessante, você vive literalmente com a imagem, e viaja na imagem. Ser repórter fotográfico é viver intensamente em todos os sentidos, você fica literalmente mais evoluída, você cruza com muita coisa variada, com coisas totalmente adversas em questões de momentos e até de minutos, sai de situações totalmente contraditórias, isso que quero dizer “viajar” e “viver intensamente”.*

Zarcillo entende que: (...) *“O fotógrafo é um brigador. Cada evento importante é uma luta para conquista de um espaço no palco dos acontecimentos. Às vezes isso desagrade aos poderosos de plantão. Sei que não é fácil, mesmo depois da chamada “redemocratização do país”, enfrentar soldados e cacetetes para documentar repressões, movimentos grevistas. Chegam a pontos de difícil acesso para fotografar efeitos de um desastre. Essa batalha tem que ser travada até com os próprios co-*

legas, ansiosos por monopolizarem posições favoráveis aos melhores ângulos.”

TÉCNICA

Sabe-se que a informática tem revolucionado o campo da Comunicação, tornando-a mais ágil e, inclusive, influenciando na forma de codificação do texto jornalístico. Na imagem, será que o progresso técnico tem sido absorvido pelos repórteres fotográficos com a mesma facilidade ? Pedro Romualdo argumenta que: (...) *“ demorou muito tempo para chegar na qualidade que temos hoje, os processos gráficos dão até melhor qualidade que a própria fotografia, isso tudo veio permitindo o avanço da tecnologia. A fotografia gerou oportunidades para novas tecnologias, de se fotografar em daguerreótipos até ao avanço de se registrar a explosão de um átomo. Mas é importante ressaltar que as técnicas para ser repórter fotográfico não é somente dominar os equipamentos fotográficos, mas aprende-se a ser muito desenvolvido, ensina a ser cara de pau, eles mandam você ir em determinado lugar, você tem que ir, e tem que cair na real, fico muito tranquilo, mas no começo ficava um pouco nervoso, mas vai se acostumando com isso. Acabei ficando*

tranquilo sem preocupação quando vou fotografar, não me preocupo mais com as técnicas fotográficas, pois já as domino totalmente, preocupo mais com o assunto a ser fotografado em conseguir bons ângulos, enquadramentos e efeitos, hoje fico tranquilo.”

Ernesto conta que: (...) *“Quando o Mário Covas esteve em Bauru em sua campanha no segundo turno, vieram junto com ele diversos fotógrafos da capital, da Folha, do Globo, da Assessoria de imprensa do Covas, geralmente eu procuro buscar o melhor ângulo e o melhor enquadramento.”*

Sobre o seu relacionamento com os repórteres fotográficos que vêm da Capital para cobrir eventos em Bauru, Ernesto lembra que: (...) *“Geralmente a gente se conversa, senta, bate-papo, porque quando existe estas reportagens a gente chega mais cedo para a cobertura do evento e é aí que a gente se cruza e é um bom momento, a parte mais gostosa da matéria, porque existe um distanciamento muito grande entre os repórteres fotográficos. É nesses momentos que a gente tem condições de se encontrar e trocar informações, muitas vezes eles pedem para utilizar os nossos laboratórios e com isso nós trocamos muitas informações, inclusive de novos equipamentos e/ou materiais que estão sendo lançados no mercado e muito se discute sobre o nosso salário.*

Com isso tudo acaba-se conhecendo pessoas que a gente admira como profissional, onde o trabalho deles é digno de ser observado, um deles que achei muito legal de ter conhecido foi o Jorge Araújo, o Jorginho, da Folha de São Paulo, o Toni Pires, outro foi o Cezar Figueiredo também da Folha, tem o Itamar Miranda do Estadão, pois eles fazem um trabalho interessante. Agora você imagina essas pessoas de uma determinada forma pela qualidade de seu trabalho, mas de repente eles estão ali ao seu lado sentado esperando a mesma coisa que você e conversa com a gente de igual para igual”

Para Zarcillo (...) *“a foto deve mostrar para o público uma leitura imediata, sem esforço, do acontecimento. A foto de uma pessoa deve mostrar mais do que simplesmente sua aparência. O fotógrafo precisa descobrir maneiras de colocar na imagem informações sobre a maneira de viver, ou captar as expressões que caracterizam o estilo e a personalidade da pessoa fotografada. Ou os aspectos dramáticos de uma ocorrência. Estabelecer uma relação pessoal entre o fotógrafo e a imagem.”*

Zarcillo sempre defende o uso do talento, mais que a sofisticação dos equipamentos: (...) *“Recusei-me, muitas vezes, a comprar filtros e objetivas sofisticadas encomendadas ou requisitadas pelo Departamento Fotográfico. Reconheço a importância técnica do fotógrafo,*

mas para conseguir expressar o “invisível” da mente do fotógrafo não é necessário toda uma parafernália. Afinal, temos que perseguir a realidade objetiva, sem “filtros” ou o achatamento das grandes teles.

As pessoas em geral acham que a fotografia é 50% técnica e 50% criação. No jornalismo essa regra não é válida. O futuro nos reserva equipamentos cada vez mais automatizados, até o dia em que a habilidade técnica exigida do fotógrafo será mínima e tudo se resumirá na sua capacidade mental, na sua sensibilidade.”

Quanto ao talento, Zarcillo se diz avesso à predominância da técnica e argumenta: (...) *“Quando repórter, pedia aos companheiros fotógrafos o uso mínimo de equipamentos, para facilitar a captação de momentos interessantes, assim que eles se apresentem. Quando a pessoa que está sendo fotografada não perceba a presença do fotógrafo que está registrando flagrantes. A atenção é o requisito básico para fazer bons flagrantes; por isso o equipamento deve estar sempre pronto para ser usado. Se o fotógrafo tiver muita preocupação com detalhes de luz, da composição ou com a objetiva a empregar, provavelmente ainda estará regulando a câmara quando for hora de fotografar”.*

Para ele, deve haver total sintonia do repórter com a equipe toda encarregada da elaboração do jornal: (...) *“Jornalismo é trabalho de equipe, solidário, profissional. Um pouco de humildade, para perguntar*

o que não sabe ou se aconselhar com os mais experientes, é sinal de inteligência.

Quando fotografava jogos de futebol (no interior é comum o jornalista se responsabilizar pelas fotos e pelo texto), utilizava posições clássicas para fazer minhas fotos. Uma delas é junto à linha de fundo, entre a risca da pequena área e a bandeirinha de escanteio. Aprendi com o grande Domicio Pinheiro, autor de fotos memoráveis para o "Estadão", principalmente, que a linha lateral do campo é uma posição muito melhor para quem quer, além do gol, realizar flagrantes do "ballet" dos atletas, muitas vezes de rara beleza plástica. Ao invés de teles de 200 a 500 mm, uma objetiva de 85 mm permite maior mobilidade e fotos espetaculares de zagueiros e atacantes lutando para evitar ou fazer fols. Expressões de dor, alegria, desolação, fornecem material mais dramático que o da bola no fundo das redes."

Zarcillo crítica a "mesmice" dos ângulos para enquadramento e a escolha do objeto de destaque da fotografia, dentro do contexto sobre o qual fará a matéria: (...) *"Muitas vezes a torcida expressa sentimentos mais fortes que os dos atletas. Ele também faz parte do espetáculo. Poucos se lembram de tirar fotos da torcida, ou de detalhes, como aquela de Domicio Pinheiro quando captou uma auréola de luz sobre a cabeça de Pelé, num jogo noturno, transformando o jogador num deus".*

PAUTA

Em toda a equipe jornalística os editores desenvolvem pautas de reportagem que orientarão o trabalho do dia-a-dia opinando sobre os assuntos. E os fotógrafos ?

Pedro Romualdo alega que: (...) *“tem liberdade total para fotografar, mas recebe a pauta e a desenvolve em cima de pesquisas e informações, ou simplesmente vai para a reportagem ver o que está acontecendo e fotografa”*.

Ernesto Rodrigues diz que: (...) *“A pauta no jornal é feita “meio no chute”, principalmente para o repórter fotográfico, a maioria das vezes não recebe pauta, isso onde trabalho hoje, Diário de Bauru, mas já chegou acontecer no Diário Popular quando lá trabalhei. Lógico não há necessidade de vir escrito, mas pelo menos quando se sai para fotografar é necessário que você saia com uma gama de informações para poder trabalhar de acordo, porque senão você chega no local e até se inteirar do que está acontecendo, pode perder boas fotografias e talvez o principal do fato.”*

Por diversas vezes a gente sai correndo, entra na viatura do jornal sem saber o que está acontecendo e o que se vai fotografar. Só no meio do caminho que você começa a perguntar o que está acontecendo e se inteirar do assunto, aí você começa a pensar nos equipamentos que

seriam necessários para tal tipo de reportagem. Não dá para ficar carregando todos os equipamentos, na pressa pode até esquecer de levar filmes necessário para a reportagem, dessa forma precisaria de um ajudante (carregador). Muitas vezes há necessidade de uma teleobjetiva possante, e você não a trouxe, com isso algumas vezes aumenta o risco no fazer a reportagem.”

Sobre o assunto Zarcillo diz que (...)”*Embora todos os fotógrafos sigam alguma orientação na hora de fotografar, não há regras fixas para a fotografia. Se isso fosse possível não haveria bons e maus fotógrafos: bastaria seguir a cartilha para obter boas fotos. Nesse caso todos seriam capazes de fazer exatamente a mesma coisa e não haveria monotonia maior do que ver fotografias. O editor pode, em sua pauta, orientar sobre a personalidade de quem vai ser fotografado, sobre os antecedentes históricos de uma notícia, o palco dos acontecimentos, o interesse social e as possíveis repercussões da notícia na sociedade. Mas não há fórmulas acabadas nem substituto possível para a sensibilidade do repórter fotográfico. As fotos serão sempre uma obra pessoal. Sempre gostei dos companheiros que brigavam pela publicação da foto, que na sua ideologia, valores éticos e estéticos, merecia ser publicada. A escolha é do editor, na hierarquia das redações, mas o repórter fotográfico pode (deve) opinar sobre o seu produto.”*

EDIÇÃO

Por edição entendo a hierarquização das matérias jornalísticas em assuntos cuja contigüidade seja reconhecida pelos editores e leitores. Esse aspecto é obedecido quando se faz a inclusão de fotos nas matérias, quanto à sua atualidade e pertinência ? .

Ernesto comenta que: (...) *“quando faz uma determinada fotografia, passa pela redação (editor) vai para a mão do diagramador e quando chega para o cara que monta a página (Paste-up), o indivíduo mete a tesoura na sua foto para dar o tamanho certo em colunas ou em altura, para não ter que mexer na página previamente diagramada. Quando fotografo , penso imediatamente na fotografia diagramada na página, e vem o montador de página e corta a imagem, por muitas vezes tirando todo o sentido ou a informação da imagem, acho isso uma falta de respeito e antiético com meu trabalho e ninguém fica responsável por isso.”*

Márcio ABC, editor do Diário de Bauru, coloca que (...) *“Desde que iniciamos esta nova fase do Diário de Bauru, a utilização da fotografia passou a ser fundamental para o contexto do jornal. A diagramação passou a levar em conta, desde então, a necessidade de fotos maiores e bem situadas na página como requisito básico para uma me-*

lhoria visual e informativa do jornal. Observamos de cara essa necessidade. O jornal, até junho de 1994 - mês em que iniciamos o trabalho de reformulação, apresentava fotos tímidas e, digamos "quadradas", com pouca carga informativa.

Uma de nossas primeiras atitudes foi chamar os fotógrafos e orientá-los no sentido de que eles se conscientizassem dessa mudança. De nada adiantaria a editoria adotar uma nova linha para a utilização da fotografia sem que os fotógrafos estivessem preparados para oferecer um retorno adequado.



Figura 41 Márcio ABC, Editor do Diário de Bauru.

Embora ainda preenchido com altos e baixos, foi criado inclusive um espaço para fotos mais artísticas, que colaborassem, dentro dessa nova linha de atenção à fotografia, para que os fotógrafos liberassem sua criatividade, o que, conseqüentemente, acabaria também numa evolução no trabalho feito para a edição diária. O espaço tem o nome de "Imagemáxima".

Com as transformações implantadas por esta editoria no Diário, a expectativa quanto ao trabalho dos repórteres também foi di-

reacionado para um crescimento gradativo com a própria evolução do novo projeto editorial.

Hoje, oito meses depois, pode-se concluir que a fotografia já tem no Diário um espaço mais amplo e valorizado. Com isso, as exigências quanto ao trabalho dos fotógrafos também foram ampliadas. Dentro das possibilidades que a estrutura do jornal permite, esta editoria procura primar pela qualidade fotográfica levando em consideração sua própria proposta editorial. Espera-se dos fotógrafos a apresentação de um trabalho diversificado, que ofereça várias opções na hora da edição, e dentro dele a valorização da semiótica como instrumento essencial para levar ao leitor a possibilidade de uma leitura diferenciada da fotografia.

Existe também a preocupação, necessária para o andamento do processo produtivo do jornal, com os horários de entrega das fotos. Consciente de que muitas vezes obedecer ao horário pode significar perdas de qualidade, em seus mais variados aspectos, esta editoria também procura manter a entrega das fotos dentro de um horário aceitável para evitar atrasos na edição do jornal. A primeira página trazia um número elevado de chamadas e várias fotos em tamanhos que hoje, dentro da nova realidade do Diário, podem ser consideradas pequenas.

Hoje, por exemplo, esses tamanhos são utilizados em matérias secundárias das páginas internas.

Dentro dessa nova proposta, de valorização da fotografia, a primeira página também passou a contar com fotos maiores. Muitas vezes, a parte central da primeira página tem apenas uma foto, mas num tamanho que permite ao leitor uma visão mais agradável e crítica sobre o assunto tratado naquela imagem. Somos nós que fazemos também a edição de fotos do jornal. Para isso, alguns aspectos básicos são levados em conta. O primeiro deles é a qualidade técnica. Não basta ao fotógrafo apresentar uma foto com grande carga de informação que após a impressão vai ficar apagada, escura demais ou com outro tipo de problema que prejudique a imagem. Na hora da edição, procuramos pensar essas duas necessidades básicas: a qualidade técnica e a qualidade jornalística. É assim que chegamos a um equilíbrio na edição fotográfica."

ÉTICA

Discutir ética em jornalismo especificamente em fotojornalismo, é andar em campo minado, pois é difícil definir a quem compete a

responsabilidade pela imagem, que fica sempre entre, o repórter fotográfico que fez a captação e o editor de fotografia que a publica.

O Bacharel em Direito e professor responsável pela disciplina Ética Jornalística na UNESP/Bauru, Paulo Sérgio Simonetti comenta que: (...)”*Já foi exaustivamente estudado e discutido o comportamento ético no fotojornalismo. Sabemos que a invasão da privacidade, a publicação sem autorização, fotos sensacionalistas, etc., são procedimentos condenados pelos códigos de ética profissional e pela moral profissional, salvo se no interesse público.*

Tudo isso entendemos como matéria mais do que conhecida e de discussão permanente.

Como contribuição para o tema desta dissertação o que gostaríamos de levantar é outro problema.

Entendemos por produção jornalística, a reprodução periódica dos fatos do dia-a-dia, atendendo a características especiais, entre elas, a objetividade.

No caso da fotografia jornalística, qual seria então seu compromisso ético? Garanto, que um deles, sem dúvida, é também o da objetividade. Isto é, reproduzir no simbólico o fato (no caso foto/real, e não imaginário).

Apresentação ética mistura-se com estética. Até onde os recursos tecnológicos de produção podem distorcer a imagem publicada ? Onde e como ficam os princípios éticos do jornalismo fotográfico ?

Recentemente, Juria Nogueira de Sá, ombudsman da Folha de São Paulo, trouxe à discussão (Folha São Paulo - 26 de junho de 1994 - 1-6) um problema ético da maior atualidade e gravidade: a distorção deliberada de imagens fotográficas pelas novas tecnologias.

Seu exemplo foi a publicação das capas de revistas americanas; Newsweek e Time. Em ambas está a foto de O.J. Simpson, famoso esportista e ator norte americano, um ídolo nacional acusado de matar a ex-noiva e seu namorado.

Na Newsweek a foto era nacional, porém na Time, a foto estava alterada por poderosos computadores e mostra um Simpson com "cara" de malvado e criminoso, uma figura assustadora.

Evidentemente, isso vai influenciar na opinião pública e no julgamento do ex-jogador de futebol. Esta foto já perdeu sua objetividade jornalística, distorceu a realidade. É anti-ética.

Com o avanço das técnicas de manipulação de imagens é preciso começar a se discutir seriamente os limites dessa prática, como a própria imprensa americana fez, alertando para o "truque" da Time. O caso abriu uma polêmica nos Estados Unidos.

O caso não é único. No início de 1994, uma foto no jornal Newsday o que era impossível naquele momento na vida real: as patinadoras olímpicas da equipe norte americana Tanya Harding e Nancy Kerrigan treinando juntas no mesmo rink. Menos de um mês antes, Tanya planejara um ataque contra Nancy, que quase a tirou da Olimpíada.

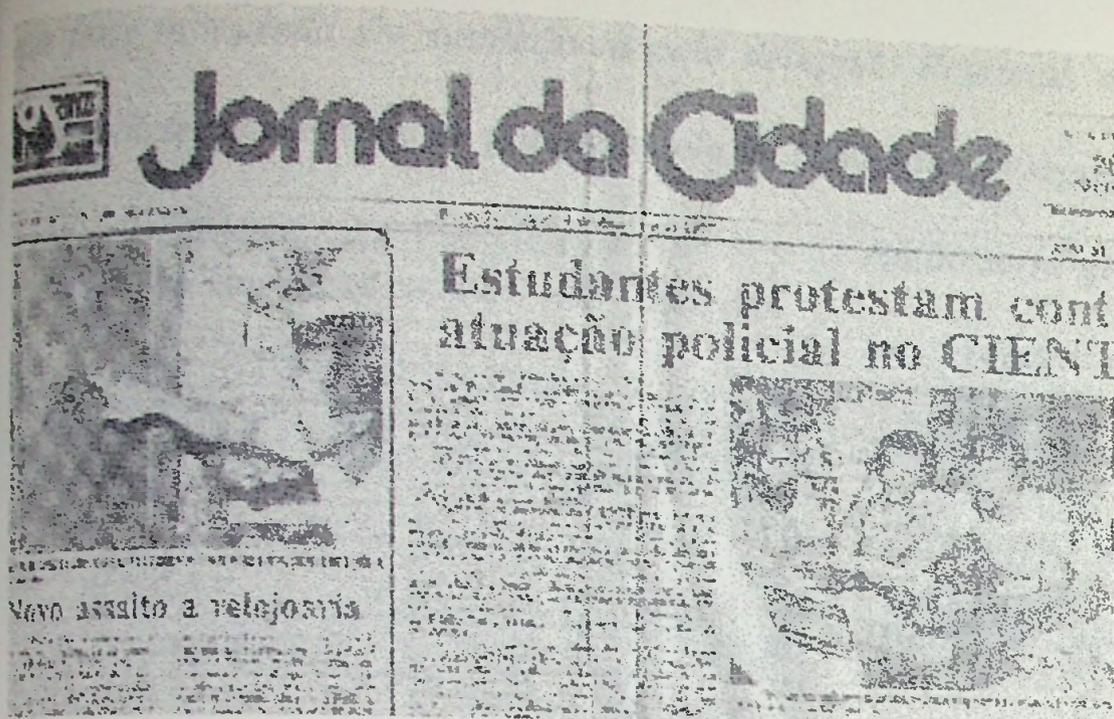
As revistas têm se defendido, alegando que o leitor separa o que são fotos ilustrações e fotos reportagem. Não entendo assim. Há o risco de enganar o leitor e isso é antiético.

A publicidade tem usado e abusado dessa técnica e mesmo certas revistas especializadas. Ou será que a jogadora de basquete Hortência era "tão gostosa"...! como saiu na Playboy???

Jornais altamente equipados e tecnicamente sofisticados podem fazer o diabo com uma foto e por isso precisam atentar para a responsabilidade ética envolvida na publicação. O leitor tem de ser avisado claramente das montagens, apesar de que esse expediente também é insuficiente para o dano causado com certas publicações.

Aqui mesmo na ECA/USP estamos em fase de conclusão de nossa dissertação de mestrado, tratando deste tema: a ética e as novas tecnologias da comunicação. E por certo o problema da fotografia publicada não escapa à vigilância ética que se faz necessária".

A esse respeito, o Delegado de Polícia J.J. Cardia faz comentário sobre o uso de foto de arquivo em matéria distinta do fato jornalístico de que foi o personagem principal. Conta que: (...) *“Tive na realidade muitos e muitos problemas, inclusive mais específico, na noite de 03 de dezembro de 1977. Caso em que houve um arrombamento em uma relojoaria e estava de plantão nessa época, tinha menos de um ano de delegado de Polícia e fui atender esse arrombamento. No local estava o fotógrafo do Diário de Bauru fazendo a devida cobertura, foto essa que foi estampada no dia 4 de dezembro de 77, no Diário. A foto utilizada no jornal foi tirada em um local de arrombamento de furto qualificado em relojoaria. Os meliantes ladrões após o arrombamento esqueceram no local um “pé de cabra”, uma “chave de fenda” e uma “lanterna”, peguei aqueles objetos para fazer apreensão, quando então foi batida uma fotografia segurando aquelas ferramentas pelo repórter fotográfico. Quem vê a fotografia e não presta atenção, dá a idéia que aqueles objetos que estão em minhas mãos é uma metralhadora.*



Mas segundo o delegado Cardia, (...) “utilizaram a fotografia tirada no assalto da relojoaria, para ilustrar a matéria do fato ocorrido no CIENI, com a seguinte legenda *“O delegado Cardia deu cobertura à ação arbitrária”*. Sobre essas ocorrências é de opinião que: (...) *“isso deu margem e alguma dor de cabeça e até levantou uma mal querência entre mim e o Delegado Regional. Na época, o Delegado Regional interferiu. Mas essa reportagem acabou por ser divulgado em um programa na Rádio Bandeirantes que era muito ouvido pela manhã, chamado Trabuco do Vicente Diporásio, o Brasil inteiro ouvia. Enfim, na época, o Secretário da Segurança Pública era o Coronel Erasmo Dias, militar da época da recessão. Ele era na realidade muito duro nas suas ações e determinou*

Ilustr. (Festa Feiraj), 9 de dezembro de 1977



(...) "É, não foi invasão, ...era uma ação legal e legítima, e eu como autoridade policial tinha que dar cobertura para os policiais que ali trabalhavam, porque os policiais estavam cumprindo uma determinação judicial que se encontra juntada na sindicância que foi instaurada pela Delegacia Regional. Quando os policiais chegaram ao Ciente, os jovens rebelaram-se contra os policiais que eram em número muito menor. O presidente do Ciente era o Ayub, e outras pessoas como José Marcelino Bezerra Filho, e todo jovem incoseqüente na época, eu não poderia que uma diligência daquela envergadura tomasse rumos perigosos que houvesse tiros e coisas assim, então fui para lá tomar conhecimento da

diligência que estava sendo realizada pelas equipes da polícia Civil e foi uma ação legal e legítima determinada pelo juiz de Bauru.

“Essa Sindicância na realidade fica na ficha funcional, elogios, condenações, sindicâncias e quando da solução era para apurar o que na realidade havia acontecido.”

Sobre os “truques fotográficos” Pedro Romualdo fala o seu comportamento no desempenho profissional: (...) *“Sempre procurei fazer isso, lógico que não é em todas as fotografias mas sempre que possível tentava alguma coisa. Procurava mostrar através do que fotografava do meu ponto de vista e do leitor, como exemplo está em fotografar determinados políticos, se ele é simpático e honesto, trabalho de uma forma, mas se o mesmo está envolvido em algo que não agrada ao leitor, procuro pegá-lo de forma que corresponda ao seu modo de ser e com isso fazer alguma denúncia sobre aquilo que este político fez ou pretende fazer. Posso fotografá-lo em situações e posições ridículas, tem diversas maneiras de se fazer essas coisas. Interessante, pois a gente consegue passar aquilo que a pessoa é realmente e não aquela imagem que ele pretende passar para o público. Poderíamos citar até o caso da Zélia Cardoso quando ministra do Planejamento, os repórteres fotográficos detonaram com ela... e com o Cabral, pareciam verdadeiros Papparazzi,*

invadiram sua privacidade, fizeram de tudo que era possível em questão de imagem. Foi terrível.

Em uma cidade do interior as pessoas mantêm um vínculo social mais próximo que nas metrópoles, de tal forma que o repórter conhece também a outra face dos atores das reportagens. Quanto à legitimidade de usar esse conhecimento nas matérias, Pedro entende ser lícito desnudar o ator da notícia, (...) *“não no caso de perseguir e acabar com a pessoa, mas tentar captar aquilo que a pessoa é...procurar mostrar o interior da pessoa e não só a parte física...tanto o lado bom como o lado mau. Com isso, a gente trabalha com as perspectivas, de alto, baixo, magro, gordo, sorrindo ou de cara feia, aí é tudo uma questão de ângulo e enquadramento e isso os repórteres fotográficos são especialistas principalmente na área política. Para a gente não tem esse negócio do político querer se impor, tanto que muito deles procuram fazer média com os repórteres fotográficos pedindo sempre para caprichar , sempre sorrindo para os fotógrafos e por aí adiante. O fotógrafo pode captar isso, porque se o repórter escrever no texto alguma coisa favorável ou desfavorável sobre essa pessoa, a fotografia vai mostrar ou contrapor com o texto, isso é muito difícil, porque tem que se ter momentos, algumas vezes esperar a oportunidade para essas fotos, tudo isso é muito difícil”*.

Zarcillo, que também foi membro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, critica o jornalista que concorda em trabalhar por preço vil e admite ser explorado, dilapidando as conquistas da categoria e a dignidade profissional. Comenta: (...) *“Ética - enfoques de muito maior importância, como a de submissão a forças que distorçam a verdade. O uso do poder de divulgação para atender a interesses escusos e contrários ao da comunidade. Todos atos condenáveis.*

O que afasta o jornalismo da ética é a paixão informativa sem medida. Os fins justificando os meios. Qualquer atitude é permitida para se conseguir uma notícia. Quando coube a mim decidir sobre o que seria publicado, sempre levei em consideração o interesse público. A foto de um suspeito de crime pode deixar de ser publicada, enquanto as evidências da sua autoria não forem fortes o suficiente. O direito à imagem, assegurado na Constituição, precisa se sobrepor quando o fotografado não é uma figura pública que mereça ter sua intimidade invadida. “Nenhuma informação que careça de ética pode ser considerada de qualidade” - dizia o professor Carlos Soris, da Universidade de Navarra, em recente entrevista. Na mesma linha, afirmava que “por trás de toda informação deficiente, há uma formação deficiente”. É preciso ter autoridade moral para criticar os erros alheios. Por isso mesmo aconselha-se aos jornalistas manterem-se longe do poder. Livrarem-se de

qualquer obrigação que não seja a atender o direito público de saber a verdade. Infelizmente, por causa dos baixos salários, é cada vez maior o número de jornalistas com empregos paralelos em cargos públicos, ou assessorias de imprensa. Tudo isso compromete a integridade do jornalista e do órgão de informação, porque cria conflitos de interesses, reais ou aparentes.

O código de Ética do Jornalista Profissional seria um mecanismo importante de auto-regulamentação. Infelizmente é visto como um rol de generalidades pela própria categoria, ou um “catecismo floral” sem nenhuma força coercitiva para punir aqueles que atentam contra os compromissos da profissão em relação à sociedade.”

Pedro Bello, ex-editor do Jornal da Cidade, redator publicitário preferiu contar uma história sobre o tema: :

Prenda aquele fotógrafo !

Fechamento de edição.

Um repórter velho de casa, daqueles que nasceram junto com o jornal, apresenta uma foto de uma policial militar limpando os olhos com os dedos, como se ela estivesse chorando.

Uma bela foto. Era a formatura da primeira turma de policiais femininos de Bauru.

O fotógrafo, porém, talvez descontente com a falta de um elogio pelo trabalho, deixou escapar que a policial da foto não estava chorando. Arditosamente, o nobre repórter fotográfico teria chegado à valorosa policial e advertido que um cisco teria invadido seu olho.

Ela levou os dedos aos olhos e daí...Click.

Missão cumprida.

Certamente para o fotógrafo.

Não para o editor.

Muito menos para o leitor.

A foto vai para o lixo, a matéria sai no dia seguinte sem foto.

Esta é apenas uma das cenas que ilustra o dia-a-dia de um jornal.

Até que ponto o fotógrafo pode interferir na realidade, ferindo a ética e o preceito básico do jornalismo - a verdade acima de tudo.

O leitor que recebe o jornal em casa pode nem desconfiar daquela foto montada, arranjada, preparada, mas está sendo enganado, vergonhosamente. Quem compra um jornal ou revista - neste caso, para ficar só no fotojornalismo - está escolhendo um veículo no qual confia, pelo menos a priori.

É como comprar uma revista de belas mulheres nuas e levar pra casa uma cheia de homens peludos.

É preferível publicar uma matéria sem foto, do que enganar o leitor.

Isto deveria dar cadeia.

Outro dia, um outro profissional do fotojornalismo, achando que aquela mulher degolada na banheira não estava bem à vontade, morta daquele jeito, coitada, com os dois braços pra dentro e a cabeça torta. Sem problema: endireita a cabeça aqui, estica um braço pra fora da banheira, como se estivesse relaxando prazerosamente, e tudo bem, A polícia nem chegou ainda, nem vai desconfiar. Muito menos o leitor.

Em nome da foto, vale tudo, certo ?

Errado.

Dizem que a melhor é aquela que reporta a realidade, e ponto final.

Beleza, estética, é apenas complemento.

É claro que uma bela foto, bem angulada, com luminosidade certa, é preferível àquela em que não se consegue descobrir se o fulano é branco ou preto.

Mas jornalismo tem dessas coisas.

É preciso vender, a concorrência é brava, e muitas vezes a ética é deixada de lado pelo mercantilismo simples e barato.

De maus profissionais, como dizia um velho companheiro de jornalismo, as redações estão cheias.

Cadeia pra eles.

CONCLUSÃO

O processo que envolveu o desenvolvimento deste trabalho pode ser classificado como uma história de uma paixão reprimida, cujos reflexos poderão ser facilmente percebidos por um leitor mais atento.

No texto final pode-se vislumbrar as contradições de um professor universitário às voltas com a tentativa de analisar uma prática que já foi sua.

A paixão pelo Fotojornalismo nasceu no exercício diário da profissão de repórter fotográfico durante os vinte anos de convivência nas redações de pequenos e grandes jornais, tanto na capital como no interior, onde inicia a carreira como autodidata.

Se como profissional da rua, não pude parar para a reflexão, a tarefa de docente de Fotojornalismo praticamente não me deixou outra saída.

A Universidade precisa ser discutida como um todo, e a nossa contribuição pode se dar modestamente a partir do momento em que nos propusermos a discutir o contexto geral no qual está inserida a disciplina pela qual somos responsáveis.

Analisar o Fotojornalismo para nós é tão fácil como tentar descrever o ato óbvio e cotidiano de abrir e fechar de uma porta.

Ao eleger o Fotojornalismo exercido no interior como meu objeto de estudo, deparei-me com uma tarefa complexa, um pouco pela dificuldade de teorizar os meus conhecimentos de vinte anos como repórter fotográfico e bastante pelas dificuldades encontradas tanto no acesso ao arquivos dos jornais locais, quanto na “falta de vontade ou tempo para falar” que foi a tônica no comportamento dos repórteres fotográficos atuantes na cidade.

Teoricamente parecia fácil, pois nas obras pesquisadas podemos encontrar muitas formas e fórmulas prontas, como regras de manuais para quem deseja ser um repórter fotográfico.

Ao observar a prática, chegamos à conclusão de que o repórter fotográfico se enxerga como um “Rambo”, que tem que cumprir sua missão, sem distinção de território ou língua, já que ele, como sua imagem, é o surdo-mudo do jornal. Sua missão é a de trazer o filme batido para o jornal, não importando se para isto ele chegue vivo ou que o filme seja trazido por uma outra pessoa.

Ao seu pequeno tamanho, enquanto profissional discriminado dentro da redação, junta-se contraditoriamente a sua tarefa de deixar registrado para a posteridade os momentos que hoje podem até não ter tanta importância, como os desenhos que os primeiros homens fizeram em suas cavernas.

O repórter fotográfico tem que conviver com esta contradição: ele é um profissional descartável que faz imagens eternas.

Ninguém o conhece, mas nem por isso duvidam da verdade que ele apresenta em suas fotos. Ele não precisa empenhar sua palavra, basta registrar os fatos que estes serão notícias verdadeiras. Ninguém duvida da fotografia.

A credulidade da fotografia é plenamente usada pelos editores e pelos empresários que detêm os meios de comunicação, fazendo delas instrumentos para a manipulação da credulidade do leitor.

Ao repórter fotográfico, resta poucas possibilidades de interferência, pois ele é discriminado na redação do jornal onde o editor, o jornalista, o diagramador e até o homem do past-up lhe são superiores.

Talvez para diminuir esta subestimação, os profissionais da fotografia colocam-se como verdadeiros heróis, que nascem da trabalho mais comum dos jornais como os que se exercem nos escritórios e laboratórios, transformando-se através de esforços próprios, nos heróis que buscam a todo o custo a imagem, colocando-se muitas vezes à margem de valores éticos que são esquecidos com a justificativa de que devem ter como fim a imagem feita, entregue na redação a tempo, custe o que custar.

Muitas vezes o repórter fotográfico não veste apenas a camisa, mas o uniforme da casa, e para saírem deste anonimato buscam o destaque através da incessante procura da melhor foto, aquela com que será publicada nos melhores jornais da capital, pela qual ele receberá um cheque feito em seu próprio nome.

Em busca deste objetivo ou até de um mais concreto que é o de agradar ao responsável do jornal, para que seu emprego esteja garantido, grande parte dos repórter fotográficos recorrem a expedientes antiéticos como o sensacionalismo, a invasão da privacidade das pessoas ou mesmo os truques que podem tornar uma pessoa um anjo ou um demônio perante os leitores do jornal.

Assim, é urgente que se faça uma reflexão sobre a ética e a função social dos repórteres fotográficos, pois eles precisam se conscientizar da importância de seu trabalho enquanto transmissores de mensagens para um público que acredita só no que vê, a sua fotografia.

A sua submissão aos repórteres, redatores, diagramadores e mais ainda aos homens do paste-up, que por muitas vezes se utilizam da tesoura para acabamento de uma edição, pode e deve ser encarada como omissão.

À vista do panorama profissional descrito, tento como “pano de fundo” as realidades sociais, ideológicas e técnicas, pode-se afirmar

que: um traço marcante no repórter fotográfico é a sua formação autodidata e seu processo de iniciação na profissão, sendo quase todos egressos de outras atividades, admitidos para exercer funções auxiliares como escrivães e motoristas, entre outras que proporcionam contatos diretos com a atividade dos repórteres fotográficos, o que sempre os leva por curiosidade ou necessidade do jornal, ao aprendizado prático do fotojornalismo.

Quanto ao seu autoconceito, é consenso a visão de si próprio como um herói, através da injunção de características como o gosto pela aventura, o exercício da profissão como uma missão da qual não se pode fugir, o enfrentamento diário do perigo, a impossibilidade de ter uma vida normal como as outras pessoas, a imposição da coragem e principalmente a vida vivida intensamente, como uma constante viagem. À esta visão do herói se contrapõe uma subestimação do repórter fotográfico em exercício no interior, como um amador, ao que exerce a mesma atividade na capital, tido como o estereótipo do verdadeiro profissional. É clara a distinção que o profissional bauruense faz entre o do interior e o da capital, com a ênfase no processo da produção da imagem, quando coloca-se como um “faz-tudo” (da produção à revelação da foto), em contraposição à especialização do segundo, que só fotografa.

Para o profissional do interior o importante são suas características pessoais tais como esperteza e bons contatos, além do talento, que se sobrepõe à sofisticação da técnica. Para ele, o uso da técnica é entendido como um filtro que pode mascarar a realidade ou tirar o seu mérito pessoal.

Os profissionais entrevistados admitem que na maior parte das vezes não recebem pauta para orientar a reportagem, sendo o seu acesso restrito ao jornalista. Assim, confessam guiar-se mais pelo instinto do que pela orientação da editoria.

A edição não prioriza a opinião do repórter fotográfico. Na maior parte das vezes a colocação da fotografia no jornal é uma questão de espaço, beleza e ilustração, deixando por último o valor informativo da imagem. Os avanços observados especificamente no Diário de Bauru, enfocam a importância da plástica na fotografia ou o aprimoramento do aspecto visual do jornal como um todo.

Na questão mais enfocada pela pesquisa, que priorizou a análise da ética no fotojornalismo local, concluiu-se que há uma indefinição quanto à responsabilidade da fotografia enquanto produto final levado ao público, que oscila entre o editor e o repórter fotográfico. A questão central detectada, e da qual o repórter fotográfico não pode fugir, é a constatação de que se faz uso deliberado de truques fotográficos que dis-

torcem as imagens, contribuindo para a distorção dos fatos e a transformação dos fotografados em anjos ou demônios, dependendo da visão pessoal do repórter fotográfico. Este meio é justificado pelos seus fins, da mesma forma que ao herói é dado o direito de fazer a justiça com as próprias mãos.

Tal panorama, ao nosso ver, seria revertido com o encaminhamento de uma discussão conjunta dos repórteres fotográficos a respeito de sua atividade, o que poderia ser proporcionado com a promoção de eventos regionais como seminários ou outros tipos de colóquios ou mesmo cursos de reciclagem, organizados a título de extensão pela Universidade.

Assim, a Escola estaria contribuindo através de uma das suas funções, com a Prestação de Serviços à Comunidade, para que a atividade jornalística, e em especial a do fotojornalismo, passasse a ser exercida com responsabilidade proporcional à importância de sua função social.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Enio Leite. O fotojornalismo nos momentos de crise: a morte de Getúlio e Tancredo. Dissertação, São Paulo ECA/USP, 1990.
- BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira. São Paulo, Ática, 1990.
- BARTHES, Roland. O óbvio e obtuso. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- CANTERO, Francisco. Arte e técnica da imprensa moderna. São Paulo, Jornal dos Livros, p160
- Conferências & Debates.** 2º Encontro Internacional de Jornalismo - International Conference of Journalism, tradução e edição dos textos, Ricardo A. Setti. Rio de Janeiro, Printel, 1990.
- DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente. trad. Guilherme Teixeira, Petrópolis, Vozes, 1993.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. trad. Marina Appenzeller, São Paulo, Papirus, 1994.
- ECO, Humberto. Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1994
- FIRMO, Walter. Antologia fotográfica, Rio de Janeiro, Dazibao, 1989.
- FLEUR, Melvin De. Teoria da Comunicação de massa . Zahar, 1976.

Folha de São Paulo, 40 anos de máquina em punho , um instante de drama. São Paulo, 19/08/1976.

FRANCASTEL Pierre, A realidade figurativa. São Paulo, Perspectiva, 1993

FREUND, Gisèle, La fotografia como documento social, Barcelona, Gustavo Gilli, 1976.

FUNARTE, Instituto Nacional de Fotografia. José Medeiros, 50 anos de fotografia, Rio de Janeiro, 1986.

GROSSI, Fábio Simões. A fotografia e a ação verbal: relações entre a imagem fotográfica e o texto. dissertação, Bauru, UNESP, 1994.

JACQUES, Aumont. A imagem. trad. Estela dos Santos Abreu, Campinas, Papyrus, 1993.

JEHOVAH, F. Fundamentos do Jornalismo fotográfico, São Paulo, IRIS, 1965.

Jornal da Cidade, Imprensa, um poder sempre vigilante. suplemento, Bauru, JC, 04/11/1987.

Jornal da Cidade. Editorial, 1º de agosto de 1967.

- KATZENSTEIN, Úrsula Epharain.** A origem do livro da Idade da Pedra. São Paulo, Hucitec, 1986.
- KOSSOY, Bóris.** Hercules Florence da impressão à fotografia. São Paulo, Funarte, 1975.
- LIMA, Ivan.** A fotografia é a sua linguagem, Rio de Janeiro, Espaço e tempo, 1988.
- LIMA, João Francisco Tidei de.** A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru. Dissertação de mestrado, São Paulo/USP, 1983.
- LOENGARD, John.** Life classic photographs. London, Thames Hudson, 1988.
- MACHADO, Arlindo.** A ilusão especular, introdução a fotografia. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MAGALHÃES, Angela, PEREGRINO, Nadja.** Jose Medeiros- 50 anos de fotografia. Rio de Janeiro, Funarte, 1986.
- MARANHÃO, Ricardo.** Um retrato no jornal - A história de São Paulo na imprensa oficial. (1891- 1994). São Paulo, IOE, 1994.
- MORAES, Renato.** Frutos da terra. São Paulo, Marprint, 1988.
- NUNO, Crato,** A imprensa, São Paulo, Presença, 1982.

O Dilúculo. Editorial. Bauru, 1916.

O Progresso da Noroeste. Editorial, Bauru, 1925.

OLIVEIRA, Paulo Gomes. Formação Jornalística. Pôrto Alegre, Sulina, 1970.

OLIVEIRA, Pedro Romualdo. Editoração eletrônica no planejamento visual gráfico de jornal diário. Projeto Experimental, Bauru, UNESP, 1993.

PINHEIRO, Breno, Publicação "O Estado de São Paulo - Zona Noroeste" São Paulo, Propagadora Pan-Americana, 1928.

RAPOSO, Alexandre, O fotógrafo, o escroque e os cachorros da madame. Reportagem, Revista de Comunicação nº 10, Rio de Janeiro, 1994.

Revista Veja. Olho do Repórter, Reinaldo Gama, são Paulo, Abril, Edição nº 1194 - 07/08/1991, p 104/105.

RIZZINI, Carlos. O jornalismo antes da tipografia. São Paulo, Nacional, 1977.

SEMERARO, Cláudia Marino. **AYROSA, Christiane.** (coord.) História da Tipografia no Brasil, São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1979,

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Cortez, 19ª ed. 1993.

SILVA, Rafael Souza. Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo, Summus, 1985.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre a fotografia. trad. Joaquim Paiva, Rio de Janeiro, Arbor, 1981.

VASQUEZ, Pedro. Fotógrafos Pioneiros no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Dazibao, 1990.

VASQUEZ, Pedro. Fotografia, reflexos e reflexões. São Paulo, LPM, 1986.

VILCHES, Lorenzo. La lectura de la imagen. Buenos Aires, Paidós, 1983.

WAINER, Samuel. Minha razão de viver: memórias de um repórter. Rio de Janeiro, Record, 1988.

ZUNZUNEGUI, Santos. Pensar la imagen. Madrid, Cátedra, 1989.

ANEXOS

Entrevista nº 1

Zarcilo Rodrigues Barbosa - ex Diretor do Diário de Bauru - História da Imprensa década de 1970. Efetuada no dia 26 de setembro de 1994.

Pergunta - Quando chegou em Bauru e o período em que você foi Diretor e jornalista no Diário de Bauru ?

Zarcillo - Cheguei em Bauru em 1964, para trabalhar como chefe de reportagem da sucursal regional de Bauru no jornal Última Hora. Com o advento da ditadura militar a sucursal do jornal Última Hora que era um jornal pró João Goulart, foi fechado. Então fui contratado pelo Diário de Bauru, o jornal pertencia naquela ocasião ao deputado estadual Nicola Avalone Jr. e já entrei no jornal como redator chefe, isso em meados de 1964, depois me tornei diretor responsável pelo jornal até 1983, quando saí do jornal.

Pergunta - Você se lembra quando o Nicolinha vendeu o Diário de Bauru e por quê ?

Zarcillo - Em 1964 o Deputado Estadual Nicola Avalone Jr. perdeu uma eleição para prefeitura de Bauru e em virtude de ordens financeiras, gastos com campanha etc. não podia mais manter o jornal. Era um jornal político que dependia então de subsídios desse político, principal beneficiário desse jornal. O jornal foi vendido para um grupo de empresários de

Bauru, constituído por Dolirio Silva, Luiz Carlos Pagani, Luiz Augusto Raniéri, (o Dudu Raniéri) e Hugo Cavichini Pires.

Pergunta - Esse grupo tinha alguma intenção política ou era simplesmente para manter o Diário de Bauru.

Zarcillo - Esse grupo adquiriu o jornal como uma forma de defesa, contra a possibilidade de monopolização dos meios de comunicação da cidade pelo Sr. Alcides Franciscato, dono do Expresso de Prata, que entrou na política e para propagar o seu nome montou o jornal com todos os equipamentos mais modernos e contratou empresas noticiosas para fazer um jornal muito melhor que o D.B., que estava em decadência. Também os meios de comunicação graças aos patrocínios do Expresso de Prata eram todos pró Alcides Franciscato que pretendia se eleger prefeito de Bauru, como de fato aconteceu. Um grupo de empresários não querendo que os meios de comunicação fossem monopolizados procurou adquirir o D.B. para mantê-lo como se fosse uma voz, a mais entre os órgãos de comunicação da cidade.

O Dolirio acabou ficando com todas as cotas do Diário de Bauru porque os demais empresários verificaram com o decorrer do tempo que o jornal não era um bom negócio, não dava retorno e os obrigava ainda a de certos investimentos para a manutenção e melhoramento de produção o produto jornal. Então o único que investiu no jornal foi o empresário Dolirio Silva, isso é facilmente explicável: Dolirio era um dos donos da Empresa Reunidas uma outra empresa de ônibus que fazia a linha noroeste até São Paulo passando por Bauru e o Alcides Franciscato era um dos dono do Expresso de Prata junto com familiares que detinha

monopólio das linhas de ônibus intermunicipais ligando a Alta Paulista a São Paulo. Então eram duas linhas não concorrentes uma ligando a Alta Noroeste a São Paulo e a outra ligando a Alta Paulista a São Paulo, ambas passando por Bauru. Mas o Dolirio Silva tinha medo que Alcides Franciscato ganhasse um poder, que já tinha, monopolizando os meios de comunicação, se insinuando entre lideranças políticas da época ditatorial, e Dolirio acabasse perdendo a sua linha de passageiros para São Paulo, que pelo menos as autoridades ligadas as áreas de transportes permitissem que o Expresso de Prata passasse a concorrer com as linhas então exclusivas da Empresa Reunidas, por isso ele decidiu manter o jornal não tendo nenhuma pretensão política, como se fosse uma voz a mais, uma voz parcial, defendendo os interesses da cidade e se fosse o caso também os seus interesses de empresário de linha de ônibus

Pergunta Referente aos dois proprietários dos jornais possuírem cada um uma empresa de ônibus inclusive de grande porte, havia entre eles algum acordo de cavalheiro de não se divulgar os acidentes acontecido com os ônibus de ambas as empresa.?

Zarcillo - Esse acordo não existia, tanto é que o J.C. divulgou acidentes graves acontecidos com a Reunidas e o D.B. por sua vez fazia a mesma coisa, esperava-se que não divulgasse os acidentes um do outro mas como essa expectativa nunca foi cumprida, nenhum dos dois jornais respeitavam esse tipo de vedar a informação.

Pergunta - Quando e por que o Dolirio Silva vendeu o Diário de Bauru ?

Zarcillo - O Diário de Bauru foi vendido pelo Dolirio Silva em outubro de 1983. Foi quando deixei o jornal, eu havia feito um projeto de modernização do jornal, aquisição de máquinas, essas máquinas foram importadas graças ao projeto que elaborei com isenção de impostos. Quando essas máquinas chegaram, o Dolirio estava com uma situação financeira difícil e precisava vender então essas máquinas porque precisava fazer dinheiro, então essas máquinas foram vendidas logo de imediato e o controle do D.B. passou para um outro grupo que tinha uma rádio em Bauru e depois esse grupo devolveu o jornal porque não conseguiu manter o jornal e Dolirio Silva então passou sua parte da sociedade para um outro grupo constituído por Moussa Tobias e pelo Gerson Trevisan conhecido como Duda, dono do Colégio Prevê Objetivo.

Pergunta - Zarcillo, em relação a José da Silva Martha pelas pesquisa que estive levantando na USC, encontrei um documento dizendo que José da Silva Marta que junto com Dolirio Silva haviam adquirido o jornal de Nicola Avalone diz lá que isso foi em 1975, isso é verdadeiro ?

Zarcillo - O Jornal já tinha sido adquirido de Nicola Avalone Jr. desde aquela ocasião, desde 1964. Nicola Avalone não era mais dono do jornal, o que aconteceu em 1975 foi a transmissão documental da propriedade do D.B. para Dolirio Silva e nessa ocasião associou-se a Dolirio para também custear o projeto de compra de rotativa off-set e máquinas para incrementação off-set. O empresário José da Silva Marta, que tinha a pretensão de se eleger prefeito da cidade de Bauru, esse realmente entrou com a pretensão de utilizar esse meio de comunicação como meio de divulgação da sua candidatura a prefeito de Bauru e isso em 1975, e de

fato foi candidato a prefeito de Bauru e chegou a pagar algumas prestações da rotativa off-set, que chegou dos Estados Unidos, mas depois perdeu a eleição e também alegando motivos financeiros deixou a sociedade, passando a sua parte para o Dolirio Silva que aí ficou dono absoluto do D.B.

Entrevista nº 2

Zarcillo Rodrigues Barbosa - Estudo de caso Mara Lúcia - efetuada no dia 26 de setembro de 1994 10h00

Pergunta - Zarcillo neste momento sairemos da historia do D.B. e entraremos no caso de Estudo Mara Lúcia

Zarcillo - Você se lembra do caso?

Zarcillo - Eu realmente me lembro, foi um caso que abalou a cidade tomou muito espaço nos meios de divulgação inclusive no D.B. do qual eu era diretor. Uma garota que foi raptada e apareceu morta numa casa abandonada foi estuprada inclusive.

Pergunta - No período, foram apresentados diversos suspeitos, inclusive pelo que consta nos laudos em cima de fotografias existentes de pessoas da alta sociedade de Bauru e havia uma das pessoas com uma forte suspeita. Qual a sua opinião sobre esses suspeitos e sobre esse elemento que era o maior suspeito.

Zarcillo - Eu me lembro que houve uma suspeita muito forte em cima de um rapaz que era filho de Paulo Marquez, Paulo Marquez era um empresário na cidade de Bauru. Era rotariano, uma figura muito ilustre e houve muitas conjecturas em cima da participação do filho de Paulo Marquez, que não me lembro o nome do rapaz...é ... Nilton Marquez, e Nilton Marquez depois foi inocentado pelas autoridades em reunião na delegacia de polícia do qual participaram todos os delegados da cidade inclusive o delegado Regional Francisco de Assis Moura. Participou dessa reunião, também, o juiz principal da comarca, o diretor do Fórum Nilton Silveira, o Promotor Publico Damásio Evangelista e essas autoridades reuniram a imprensa para entrevista coletiva e disseram que as suspeitas não se confirmaram e que Nilton tinha sido então considerado inocente. Não havia nenhum indício de que ele havia participado do estupro da menina, ele foi considerado inocente Engraçado que as autoridades já o julgaram e o absolveram naquela entrevista coletiva, com exceção do promotor público. Damásio Evangelista de Jesus, um jurista consagrado, ele não disse nenhuma palavra inocentando Nilton, mas também disse que não tinha condições de levar o caso avante porque nenhum indício havia sido levantado pela polícia sobre na sua participação nesse caso.

Pergunta - Em relação a essa coletiva dada à imprensa sobre o caso com todas as autoridades inocentando o grande suspeito Nilton, observei também o D.B.o inocentou e projetou uma capa onde dizia "Nilton é Inocente". Depois foram colocadas as fotos de cada autoridade, Nilton Silveira, Damazio, e outras autoridades que constam lá. Não sei se você se lembra dessa capa ou se foi até você quem a diagramou ou opinou para

que fosse diagramada dessa forma. Como editor do jornal você não acha que essa capa de uma forma que se desestabilizasse ou que criasse uma opinião pública em cima das palavras dessas autoridades ?

Zarcillo - Acontece que esse rapaz, Nilton, não tinha nenhum antecedente criminal, ele foi submetido ao exame de corpo delito e segundo o legista, a pessoa que havia estuprado ML deveria ter algum sinal lesão no pênis dada a brutalidade do estupro e por se tratar também de uma menina de tenra idade e nada disso foi encontrado. Todos os delegados de polícia que trabalharam no caso, juiz de direito, todos eles foram confirmar a inocência de Nilton filho de PC Marques. Como esse rapaz durante todos os dias que antecederam essa entrevista coletiva ficou na Berlinda, sendo apontado como o criminoso e depois as autoridades disseram que não era ele e não havendo nenhuma hipótese dele ter sido o criminoso, O D.B. , eu, como diretor do jornal, achei por bem que deveria dar o mesmo espaço, fazendo uma ampla matéria sobre os fatos narrados nessa entrevista coletiva, que também não queria ficar com remorso de ter feito uma carga pesada, prejudicando a vida particular e até moralmente e psicologicamente esse cidadão. E por isso foi feita uma página , primeira página, o assunto saia sempre na 1ª página, para que as conclusões dessa comissão de investigação composta pelas autoridades já citadas fossem divulgadas.

Pergunta - Também não sei se você se lembra da capa do J.C. naquele período, que ele não fez uma alusão tão grande sobre essa situação da inocência do Nilton, o que você poderia me dizer em referencia ao outro jornal, porque ele não põe em grande destaque a inocência de Nilton ?

Zarcillo - É, realmente é um problema de convencimento, eu não tinha porque duvidar das autoridades, que eram elas todas muito respeitadas, e eu estava também com a responsabilidade da divulgação dos resultados das investigações, da mesma maneira que tinha divulgado as suspeitas sobre o Nilton, talvez eu não devesse me entusiasmar tanto quanto à inocência dele e resguardar mais o jornal sobre a possibilidade da suspeita acabar se confirmando, mas como até hoje o suspeito, daquela época continua inocente, não houve nada que puramente fosse contra a sua pessoa ele não praticou nenhum estupro desde então. Não foi um recalcitrante neste tipo de crime, não cometeu mais nenhum outro crime, até hoje tem a ficha policial limpa, não mora mais em Bauru, tem família constituída e etc. E não tenho porque me arrepender de ter feito uma grande reportagem sobre as conclusões dessa comissão, que era composta, repito por autoridades dignas de todo o crédito.

Pergunta - Mas ainda sobre a capa do jornal, você acha que formou uma opinião pública inocentando esse grande suspeito ?

Zarcillo - Quem inocentou esse suspeito foi essa comissão da qual participava, juiz de direito, diretor do Fórum da Comarca, Delegado Regional, Delegado Seccional, Delegado do Município, investigadores, Promotor Público e etc.. Todos eles foram unânimes em inocentá-lo, a não ser o promotor público que se colocou numa posição de se resguardar, dizendo que todos eram suspeitos até que se encontrasse o criminoso, todos eram suspeitos É uma posição de promotor que está acostumado com a acusação . Eu como jornalista, me senti no dever de

proclamar essa inocência proclamada pelas autoridades, dando a ele um mesmo espaço anteriormente dado para apalpá-lo como um dos suspeitos.

Pergunta - Após esse dia, após as autoridades se manifestarem dizendo que Nilton é inocente, o caso esfriou totalmente na cidade ?

Zarcillo - As investigações prosseguiram. O próprio D.B. em reportagens posteriores levantou o caso novamente pedindo providências pedindo esforço das autoridades em busca do criminoso, mesmo passados alguns anos é sempre no aniversário da morte de ML que o D.B. voltava a fazer perguntas do crime misterioso,. mas a verdade é que, nada houve por parte da polícia que pudesse conduzir a um verdadeiro autor do crime, como jornalista eu não estava preocupado em conseguir um criminoso, mas, o criminoso , o verdadeiro autor do estupro e morte de Mara Lúcia.

Pergunta - Zarcillo, o Paulo Marques que era pai de Nilton Marquez, era proprietário de diversos imóveis em Bauru. O prédio do Diário de Bauru onde tinha suas instalações pertencia a Paulo Marquez ?

Zarcillo - Nunca, o prédio do Diário de Bauru na rua Batista de Carvalho pertencia a Nicola Avalone Junior, PC Marques, como era conhecido, teve uma tipografia chamada Tipografia Comercial, que era vizinha ao prédio do D.B. na rua Batista de Carvalho quadra 5, agora o prédio que funcionava o D.B. era de Nicola Avalone Junior.

Entrevista Nº 3

- J.J.Cardia - outubro de 1994

Pergunta - Dr. Cardia, o Sr. é delegado desde quando. ?

Cardia - Eu sou delegado de polícia desde julho de 1976, eu sou formado pela Faculdade de Direito de Bauru, depois prestei concurso de Provas e Títulos, sendo classificado num universo de 4000 candidatos Fui classificado nº 76 e fui para Academia de Polícia civil que é na USP, onde tirei o curso de Delegado de Polícia e assumi o cargo de delegado adjunto na delegacia de Guarujá em julho de 1976. Posteriormente vim trabalhar na região de Bauru, assumindo a delegacia de Pongai. Trabalhei em todas as delegacias da região e trabalhei também no setor de investigação de Bauru, nas Ciretrans, na cidade de Lençóis Pta., Piratininga, Avaí como diretor das cadeias públicas que são verdadeiros presídios e a minha vida tem se pautado nesse sentido.

Pergunta - Hoje o Sr. é Diretor do Garra ?

Cardia - Não, hoje eu sou Delegado de Polícia de 1ª classe, faltando somente uma para classe especial e vou fazer 18 anos de delegado. Sou titular da Delegacia de Investigações Gerais a DIG e coordenador do

Garra - Grupo Armado Repressão a Roubos e Assaltos Esse grupo é um grupo de policiais preparados para qualquer tipo de diligência e ele é agregado à delegacia de investigações gerais...

Pergunta - Cardia, durante toda a sua carreira que você diz, que parece assim ser uma carreira brilhante, nesses dezoito anos, você teve alguma coisa que o envolveu que impediu um avanço mais rápido na carreira em relação à promoção ?

Cardia - Infelizmente, na carreira policial, aquele que trabalha, não tem tempo de fazer política, alguns colegas que conseguem uma carreira rápida sem estrutura porque ele é político e é indicado muitas vezes sem ter condições, por merecimento. Eu na minha carreira policial só fui promovido uma vez por merecimento, porque eu chego todos os dias às sete horas da manhã e saio após quatorze horas de trabalho...não tenho tempo de fazer política e por isso só fui promovido por merecimento uma vez...e as outras por tempo de serviço...

Eu tive inúmeros problemas, minha carreira foi pautada com problemas com autoridades, com pessoas influentes, tudo isso acarreta certo temor pela sociedade. Sou considerado hoje um delegado violento, corajoso, que resolve problemas, porque eu acho o seguinte, por exemplo duas coisas: o princípio da autoridade tem que ser preservado, não pode perder o princípio da autoridade...a autoridade tem que dar uma solução... Então tive na realidade muitos e muitos problemas e inclusive mais específico que - na noite de 03 de dezembro de 1977 houve um caso de arrombamento em uma relojoaria e eu estava de plantão nessa época. Tinha menos de um ano de delegado de Polícia, e fui atender esse

arrombamento e quando a polícia técnica chegou, lá estava o fotografo do D.B., foto essa que foi estampada no dia 4 de dezembro de 77 no D.B. Esta foto tirada em um local de arrombamento de furto qualificado em relojoaria, eu tinha que os meliantes ladrões após o arrombamento esqueceram naquele local um pé de cabra, uma chave de fenda e uma lanterna. Eu peguei aqueles objetos: Eu tinha que fazer apreensão daqueles objetos, e foi batida uma fotografia de mim segurando aqueles objetos. Se a pessoa que olha a fotografia não prestar atenção e pelo conteúdo da reportagem dá a idéia que aqueles objetos que estão em minhas mãos é uma metralhadora e como foi um fato que envolvia estudantes da antiga escola de engenharia e que tinha o Clube dos Estudantes - Ciente - seria um grêmio ou coisa assim e a ocorrência foi naquele local e envolvia alunos da faculdade e criou um clima muito grande, aja visto que embaixo da fotografia tinha a legenda, - Delegado Cardia deu cobertura à ação arbitrária - mas a reportagem relacionada ao Ciente e a fotografia de outro local, fotografia de um furto qualificado, isso deu margem a alguma dor de cabeça e até levantou uma malquerência entre mim e o Delegado Regional da época. Ele interferiu. Na época, tinha um programa na Radio Bandeirantes que era muito ouvindo pela manhã, chamado Trabuco do Vicente Diporasio, o Br. inteiro ouvia aquilo lá, então essa noticia foi para lá e enfim na época era Secretário da Segurança Pública o Coronel Erasmo Dias, militar na época da recessão, ele era na realidade muito duro nas suas ações e determinou que fosse instaurado uma sindicância pelo delegado Regional, mas que essa sindicância estivesse no gabinete dele às 13h00 do dia seguinte. Então, teria que fazer um processo, uma sindicância espécie de processo administrativo que deu muito trabalho, correria para fazer tudo aquilo

para mandar um veículo para SP para entregar para o Secretário da Segurança, então trouxe um transtorno muito grande por uma fotografia que não espelhava a realidade, não era do fato. Então esse foi um dos casos que a mim deu muito trabalho.

Pergunta - Cardia, você participou da invasão ao Ciente ?

Cardia - É, não foi invasão

5ª Pergunta - A manchete diz invasão, mas vamos então dizer assim, você deu cobertura aos policiais que foram ao Ciente ?

Cardia - Era uma ação legal e legítima e eu como autoridade policial tinha que dar cobertura para os policiais que ali trabalhavam, porque os policiais estavam cumprindo uma determinação judicial que se encontra juntada na sindicância que foi instaurada pela Delegacia Regional. Quando os policiais chegaram ao Ciente, rebelaram-se contra os policiais que eram em número muito menor e os jovens, na época o presidente era o Ayub, e outras pessoas como José Marcelino Bezerra Filho, eram inseqüentes. Eu não poderia deixar que uma diligência daquela invergadura tomasse rumos perigosos, com tiros e coisas assim. Então, fui para lá tomar conhecimento da diligência que estava sendo realizada pelas equipes da polícia Civil e foi uma ação legal e legítima determinada pelo juiz de Bauru.

Pergunta - Nessa Sindicância que passou por você, qual foi o final ?

Cardia - Essa Sindicância na realidade fica na ficha funcional, elogios, condenações, sindicâncias e quando da solução, era para apurar o que na realidade havia acontecido.

Entrevista nº 4

Pedro Romualdo

Repórter-fotográfico do Diário de Bauru, na década 1970.

Pergunta: Qual sua formação escolar ? Quando você começou como repórter fotográfico ?

Pedro - Era apenas estudante, fazia o curso técnico de publicidade, mas sempre gostei de fotografia, desde criança, alugava máquinas na cidade em que morava, Novo Horizonte - SP. Com os amigos fazíamos fotos, mas o que mais gostávamos era de observar através do visor da câmara os enquadramentos.

Pergunta - E atualmente ?

Pedro - Sou formado em Desenho Industrial pela Unesp, e sou jornalista "free-lancer", atuando como repórter fotográfico.

Pergunta - Pedro você poderia conceituar o repórter fotográfico ?

Pedro - Repórter fotográfico é um profissional de fotografia, que registra fatos não vistos por outros olhos. O R.F. capta muitos momentos da fotografia diferente de outros olhos comuns que fotografam. Mas, na essência o RF. é profissional da fotografia que se dedicou a fotografar e publicar suas fotos para outras pessoas como informação.

Pergunta - Você acha que as fotos tiradas para o jornal pertencem a você ou acha que somente está colaborando com o jornal ou elas pertencem ao jornal ?

Pedro - Acho que, depois que se publica uma fotografia, ela não pertence mais a você no sentido da foto, essa transcendência da foto. Mas se pensar em questão material, você tem o direito da foto por tê-la feito, de ter observado aquele instante aquela imagem, mas a foto a partir da publicação não pertence mais a você, ela passa a pertencer às pessoas que as observam. Isso é na realidade o papel do repórter fotográfico enquanto profissional.

5 - Pergunta - Qual a importância do repórter fotográfico no jornal ?

Pedro - Muito importante, na mídia de maneira geral, inclusive na televisão, é outro tipo, mas também é importante. Importante, porque a fotografia ajudou e ajuda a transformar o mundo. Muitas fotos colaboraram em muitos momentos da história, principalmente na imprensa, onde o seu valor e credibilidade como documento serviram como elementos para pesquisas, colaborando de maneira expressiva para a evolução do ser humano e para mudança do estado das coisas, (status quo).

Pergunta - Você acha que através da fotografia a imprensa gráfica avançou ? Ela foi a grande responsável por esse avanço ?

Pedro - Sim, pois demorou muito tempo para chegar na qualidade que temos hoje, os processos gráficos dão até melhor qualidade que a própria fotografia, isso tudo veio permitindo o avanço da tecnologia.

8 - Pergunta - Você acha que a fotografia e a roda podem ser comparadas, cada uma com seus valores de desenvolvimento e mudanças ?

Pedro - Sim, uma como a outra foram importantes nos seus momentos, a roda gerou tantas coisas e o desenvolvimento veio à tona, e parece que a fotografia também gerou oportunidades para novas tecnologias, de se fotografar em daguerreótipos até ao avanço de se registrar a explosão de um átomo.

Pergunta - E quanto a questão da atuação hierárquica entre o repórter fotográfico e o repórter ?

Pedro - Quando trabalhei sempre fui contra esta questão hierárquica, muitas vezes até o repórter fotográfico esta à frente, porque no período em que exerci a função de repórter fotográfico, por muitas vezes fiz fotos e o repórter nem havia comparecido no local do fato. Você sabe melhor do que eu sobre isso, o repórter faz a matéria em cima de sua foto ou por telefone. Acho errado, isso é um absurdo! Quando você vai fazer uma reportagem, tem que ir conversando com o repórter, procurando saber sobre a pauta, etc.. Isto é trabalhar em equipe, pois jornal não se faz sozinho. Não existe essa questão de hierarquia. Hoje mudou muito em relação às pessoas que conheço. Todo mundo é igual, conversa-se sobre a

pauta, discute-se mais sobre a reportagem que se vai fazer. E outra coisa, o fotógrafo tem que se inteirar dos fatos, pois irá fotografar quem, o quê, quando, aonde ?

Pergunta - Você acha que há necessidade de pesquisar para fotografar ?

Pedro - Claro, você tem que estar informado, procurando ler jornais, revistas, assistindo os telejornais e muito mais. Não é só pegar a câmara e ir lá tirar foto, o repórter fotográfico fica em “enes” situações. Ele é um jornalista como qualquer outro, ele pode estar hoje na praia , no mato, é uma situação sempre inesperada, a notícia não tem hora marcada, é imprevisível. Quanto mais informações você tiver ou obter sobre os fatos, melhor será o desempenho no trabalho.

Pergunta - Qual a relação que existe entre o repórter fotográfico e repórter, e a própria participação na redação ?

Pedro - Hoje não tenho participado mais das redações, mas no meu período que foi a década de 70 no Diário de Bauru, essa relação era um pouco restrita. A gente ficava no laboratório e raramente ficávamos na redação, mas quando alguém da redação precisava de um repórter fotográfico saía aos berros chamando a gente com urgência, com isso formava um certo isolamento, até parecia que a gente estava como cão de guarda esperando a ordem do dono para atacarmos. Você vê, o jornal depende bastante da fotografia. Eles, da redação, podem até não gostar dos repórteres fotográficos ou até de um dos, mas é necessário para a redação e têm que conviver conosco, o repórter fotográfico dá um pouco

mais de segurança para o pessoal da redação. O repórter de texto tem uma necessidade de ilustrar sua matéria. Acho que a fotografia é essencial para o jornal. O jornal precisa da fotografia. São poucos os jornais que não publicam fotografias. Hoje o próprio Diário de Bauru restaura a parte de fotografia e de sua própria imagem, porque a foto é o seguinte: - você tem um texto que não possui foto, você não acredita muito naquela informação, agora o texto não importa o que for, estando ilustrado reforça a notícia e dá mais credibilidade, confirma a presença do grupo de reportagem no local do fato. É aquela máxima da imagem valer mais que mil palavras.

Pergunta - Você acredita na credibilidade da fotografia junto á notícia?

Pedro - Sim, a fotografia para o povo ainda é um elemento muito forte, pois todos fotografam e acreditam em suas próprias fotos e não há quem diga que aquilo não é verdadeiro, junto com isso vem a televisão, acabando de reforçar a credibilidade e a utilização da imagem, apesar da maioria desconhecer o processo de edição na TV, a gente sabe das trucagens utilizadas na TV, como na própria fotografia, mas a grande massa acredita.

A fotografia tem o mesmo sentido na televisão, as pessoas estão assistindo e vendo as imagens e acreditando que aquilo é real, com a foto é a mesma coisa, você tem o texto e a foto, ela sintetiza a leitura e pode até sintetizar mais que o texto. Em determinadas fotos não há necessidade de legenda.

Pergunta - Já que falamos da legenda, qual a sua opinião ?

Pedro - Quando existe um projeto gráfico e está incluída a legenda não tem como escapar, são armas da redação que existem. Agora, esteticamente e graficamente fica bonito, mas não necessariamente tem que haver legenda.

Pergunta - Não vamos pensar em forma estética, mas como informação.

Pedro - Não, porque o título da matéria já está dizendo, o subtítulo e o texto também.

Pergunta - Você acha que a legenda altera a fotografia ?

Pedro - A legenda é terrível, muitas vezes não tem nada a ver, a não ser que a legenda confirme a foto, “ o Teixeira está de óculos escuro”.

17 - Pergunta - Para confirmar isso podíamos dizer da Folha de São Paulo?

Pedro - A leitura é a foto, como exemplo da Folha - “O jogador do São Paulo Cafú vestindo a camisa nº.... chuta a bola no canto do gol do Palmeiras..blá...blá...blá”, todo mundo sabe que o Cafú é do São Paulo, veste a camisa nº do time, e esta chutando a bola no gol”. A própria carga de informação da foto está na própria foto, portanto é desnecessário esta informação pela legenda, portanto para escrever estas besteiras é melhor não escrever nada.

Pergunta - Qual a importância do editor na pauta fotográfica, na liberdade da exploração de ângulos e enquadramentos, do editorial, da ideologia?

Pedro - Na época em que trabalhei tinha liberdade total, fazia o que queria.

Pergunta - Não havia interferência ?

Pedro - Bom, na época não existia editor de fotografia, nunca senti isso, a gente mesmo editava a foto executando os cortes e tudo mais, fazendo uma pré-seleção mesmo antes de apresentá-las na redação, com total liberdade. Na realidade eu era o próprio editor de fotografia. Nada melhor que o fotógrafo para saber sobre a foto que foi tirada. Por exemplo, no Estadão, o editor de fotografia e chefe dos fotógrafos não é fotógrafo, é um jornalista mas não é fotógrafo. Isto é muito interessante porque para eles o que interessa é a informação emanada da fotografia, se a imagem está adequada para o fato que gerou a foto. Quer dizer, não importa muito a técnica e estética da imagem, mas, se possui a informação necessária para o leitor, será escolhida para publicação.

Pergunta - Caso você faça uma foto que contenha informações denunciadoras e o editor de fotografia resolve não publicá-la por motivos diversos, comprometedora...

Pedro - Se é uma boa foto e referente ao assunto , porque não publicá-la? Vou quebrar o pau, ou então terão que ter argumentos para não utilizar aquela imagem e vou também debater com os meus argumentos para

convencê-los. Por que o repórter fotográfico tem aquele negócio do “clic” você bate diversas fotografias, mas tem aquela que você acha que é ela e pronto, dificilmente alguém vai convencê-lo em mudá-la. Algumas vezes a gente pega uma foto estupenda sem perceber e quando vai fazer as ampliações você descobre algo extraordinário como informação. Outra coisa, quando se está trabalhando você sente qual é a fotografia ideal, você faz a foto e pensa é esta a foto que vai ser publicada. Dificilmente isto dá errado, a gente continua fotografando, mas a foto principal já esta pronta. Vamos reforçando o trabalho com outras fotos mas a foto da primeira página está garantida. Hoje ainda é muito grande a interferência do editor na fotografia, pois ele corta edita...agora a edição da primeira página é feita de fato pelos editores. Agora, acho que os repórteres fotográficos deveriam participar mais ativamente da edição da fotografia...

Pergunta - Após entregar a fotografia para a redação, você teve participação na edição da fotografia ?

Pedro - Tive, como também participei de algumas diagramações, orientando até no tamanho da fotografia na página, procurando com isso valorizar a fotografia, chegando até pôr fotos em páginas inteiras, como acontecia no Jornal da Tarde, e o diagramador também gostava de fotografia. Isso ajudava muito e acatava as idéias na diagramação e para o Diário de Bauru na época foi muito bom. O jornal ficou com uma cara nova...e valorizou muito os repórteres fotográficos da época...e quanto mais você vê o seu trabalho divulgado, melhor vai ficando suas

fotografias, pois começa a vê-las de uma outra forma e a pensar na fotografia diagramada.

Pergunta - Pedro e sua ideologia política enquanto repórter fotográfico, você-se utilizou disso alguma vez, utilizando-se de sutilezas e filtros?

Pedro - Sempre procurei fazer isso, lógico que não é em todas as fotografias, mas sempre que possível tentava alguma coisa. Procurava mostrar através do que fotografava do meu ponto de vista e do leitor, como exemplo está em fotografar determinados políticos, se ele é simpático e honesto, trabalho de uma forma, mas se o mesmo está envolvido em algo que não agrada ao leitor, procuro pegá-lo de forma que corresponda ao seu modo de ser e com isso fazer alguma denúncia sobre aquilo que este político fez ou pretende fazer. Posso fotografá-lo em situações e posições ridículas, tem diversas maneiras de se fazer essas coisas. Interessante, pois a gente consegue passar aquilo que a pessoa é realmente e não aquela imagem que ele pretende passar para o público. Poderíamos citar até o caso da Zélia Cardoso, quando ministra do Planejamento, os repórteres fotográficos detonaram com ela... e com o Cabral, pareciam verdadeiros Papparazzi, invadiram sua privacidade, fizeram de tudo que era possível em questão de imagem. Foi terrível.

Pergunta - Se o jornal e/ou o repórter fotográfico conhecer o outro lado da vida da pessoa, procurará desenvolver um trabalho para mostra esse outro lado?

Pedro - Sim, não no caso de perseguir e acabar com a pessoa, mas tentar captar aquilo que a pessoa é...procurar mostrar o interior da pessoa e não só a parte física...

Pergunta - Tanto pelo lado bom como do lado mau?

Pedro - Sim...

Pergunta - Você sabe que é uma pessoa boa, procurará trazer o seu lado bom ou o seu lado mau ?

Pedro - Com isso a gente trabalha com as perspectivas, de alto, baixo, magro, gordo, sorrindo ou de cara feia, aí é tudo uma questão de ângulo e enquadramento e isso os repórteres fotográficos são especialistas, principalmente na área política. Para a gente não tem esse negócio do político querer se impor, tanto que muito deles procuram fazer média com os repórteres fotográficos pedindo sempre para caprichar , sempre sorrindo para os fotógrafos e por aí adiante. E isso não está na ideologia, mas sim, adquire-se com o tempo. E isso depende de sua formação cultural, intelectual etc. O fotógrafo pode captar isso, porque se o repórter escrever no texto alguma coisa favorável ou desfavorável sobre essa pessoa, a fotografia vai mostrar ou contrapor com o texto. Isso é muito difícil, porque tem que se esperar a oportunidade para essas fotos, tudo isso é muito difícil...

Pergunta - Se você estiver no aeroporto, vai chegar o avião do Presidente da República, o que você faz?

Pedro - Ah ! fico mirando no avião...vai que ele explode...ou ser o único que não irá fotografar...aí você vai se arrepender para o resto de sua vida...e isso não é só com o repórter fotográfico mas todo mundo pensa nisso e fica na expectativa. Fora isso avião é uma coisa muito linda... como é que aquele monte de ferro está no ar...a chegada ou a saída do avião é de se admirar a qualquer momento...

Pergunta - Mas na realidade qual é o desejo ?

Pedro - É para que tudo ocorra normalmente...

Pergunta - Mas como fotógrafo ?

Pedro - Não existe essa separação, fotógrafo / pessoa de querer que o avião caia; lógico você fica ali esperando e procurando captar tudo o que está se passando. O repórter fotográfico tem que estar com um olho para cada lado...nunca fechar um olho... piscar intercalando os olhos e não marcar bobeira, procurando ouvir todos os comentários que acontecem ao seu redor.

Como é você ou foi como repórter fotográfico, por detrás da câmara ?

Pedro - No jornal você aprende a ser muito desenvolto, ensina a ser cara de pau, eles mandam você ir em determinado lugar, você tem que ir, e tem que cair na real. Fico muito tranquilo, mas no começo ficava um pouco nervoso, mas vai se acostumando com isso. Acabei ficando

tranquilo, sem preocupação quando vou fotografar, não me preocupo mais com as técnicas fotográficas pois já a domino totalmente, preocupo-me mais com o assunto a ser fotografado, em conseguir bons ângulos, enquadramentos e efeitos, hoje fico tranquilo

Entrevista nº 5

Ernesto José Avelino Rodrigues

Repórter-fotográfico do Diário de Bauru -

Pergunta - Empresa que trabalha ?

Trabalho atualmente no Diário de Bauru, iniciei em setembro de 1994, mas trabalhei anteriormente nesse mesmo jornal 1991 a 1992.

Pergunta - Você só trabalhou no Diário de Bauru ?

Ernesto - Não, trabalhei também no Correio da Serra de Botucatu, Editora Alto Astral, Diário Popular em São Paulo, como Free-lancer, Assessoria de imprensa na Prefeitura Municipal de Bauru e na Assessoria dos Criadores de Quarto de Milha.

Pergunta - Somando tudo isso, quantos anos de repórter fotográfico você tem ?

Ernesto - De seis a sete anos.

Pergunta = Qual a sua formação escolar ?

Ernesto - Sou graduado em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/UNESP.

Pergunta = Você começou como repórter fotográfico antes de terminar a faculdade ou depois ?

Ernesto - Comecei antes de terminar a faculdade, foi quando fiz a disciplina de fotojornalismo que me encontrei com a fotografia e comecei a me dedicar à fotografia.

Pergunta - Você poderia me dar uma definição ou um conceito de repórter fotográfico.

Ernesto - Ao meu ver, é a figura mais importante dentro do jornal, porque, atualmente, com os meios de comunicação evoluindo, tem que ver tudo, pensar em tudo...(corte)

7ª Pergunta - Vamos pensar da seguinte forma, não dentro do jornal, mas do repórter fotográfico em si, no exercício da profissão, porque cada elemento dentro do jornal tem sua importância. Gostaria de saber como deve ser o repórter fotográfico?

Ernesto - Um repórter fotográfico deve ser uma pessoa muito bem informada, não pode estar preso a muitas coisas, mesmo ter uma vida particular normal como as outras pessoas. O repórter fotográfico é um tipo assim quase que um "morcegão", uma "coruja", estar sempre aceso,

fazendo tudo, tem que estar a todo momento alerta, com seu radar ligado procurando saber tudo que se estava passando no mundo.

Pergunta - Você no jornal ou como repórter fotográfico possui uma especialidade na área de fotografia ?.

Ernesto - No jornal sou um “clínico geral”, fotógrafo de tudo, reportagem policial, social, política, tudo o que aparecer, desde acidente com mortes e no mesmo dia um coquetel ou jantar.

Pergunta - Se você tivesse que escolher uma especialidade, qual seria ?

Ernesto - Especializaria em esportes radicais, motocross, automobilismo, vôo à vela, surf , asa deltas, coisas assim que dá para fazer imagens maravilhosas.

Pergunta - Haverá algum dia condições de fazer imagens sobre isso ou já fez algum tipo desses serviços ?

Ernesto - Sim, sempre fotografo campeonatos de motocross, já fotografei surf.

Pergunta Aqui no interior, há chances de você executar esse tipo de trabalho ?

Ernesto - Não, aqui é difícil e não é da maneira que eu sonho em fazer isso, eu luto aqui no interior para me aperfeiçoar em fotografia, para que

um dia consiga trabalhar num grande centro, poder apresentar condições de profissional mesmo.

Pergunta - Então você acha que aqui no interior você está fazendo um estágio e até se preparando para um dia ir para um grande centro?

Ernesto - Não, não digo um estágio, estou me preparando, porque aqui existem coisas que a gente tem que ter capacidade para fazer, e não posso encarar isso como estágio. O serviço aqui também é profissional, não posso encarar isso como um estágio, pois estaria subestimando o meu trabalho e de meus colegas e a empresa em que trabalho, e como repórter fotográfico eu não sonho tão alto, mas dizem que eu sonho, não sei, mas acho que todo mundo tem o direito de buscar aquilo que quer. Portanto, o interior pode me dar uma bagagem muito boa enquanto repórter fotográfico, porque aqui a gente põe a mão na massa. Um exemplo é que enquanto você está em um campo de futebol fotografando, existe toda uma equipe aguardando as suas fotos e quando você chega ainda tem que revelar o filme e fazer as fotos, o que não acontece nos grandes jornais, que você simplesmente entrega o filme para o laboratorista e vai descansar. Lógico, passando informações do material que conseguiu fazer. E com isso você acaba se aperfeiçoando muito mais do que se estivesse em um jornal de grande porte.

No interior, os nossos laboratórios são montados nos banheiros e ou cozinhas, ou até no fundo de um quintal.

Pergunta - Você que trabalhou na capital como Free-lancer, e ficou um período por lá, também estagiando na capital, a bagagem que adquiriu em

São Paulo ou que você está adquirindo aqui no interior, qual você acha de maior importância interior ou capital ?

Ernesto - Vou responder da seguinte maneira: eu comecei no interior e aprendi no interior e meu trabalho era de um tipo, fui para a capital aprendi novas coisas, aprendi até como me comportar como repórter fotográfico, qual a minha postura como repórter fotográfico. Então eu acho que o interior me ensinou e a capital me deu uma lapidada, sendo que preciso ser lapidado muito mais, acho que existe uma inter-relação muito forte entre interior e capital.

Pergunta - Qual é essa inter-relação ?

Ernesto - Essa fase de aprendizagem, quando comecei no interior e a fase de lapidação do meu trabalho na capital, até o saber ver as coisas, estar mais ligado e selecionar o mais importante para a pauta determinada.

Pergunta - Qual a postura do repórter fotográfico, que você adquiriu na capital.?

Ernesto - De não ter medo de nada, ninguém pode interferir no seu trabalho, vou até citar um exemplo: *“às vezes eu entrava para fotografar determinadas coisas, me sentia meio afastado dos outros.”* No setor político ou junto a grandes empresários me sentia retraído, não sabia se podia entrar e fazer as fotos, principalmente em reportagem policial, isso aqui no interior. Já na capital trabalhava com outros repórteres fotográficos e diziam - *“estou fotografando e fazendo meu trabalho, e*

estou fazendo meu trabalho que é digno como qualquer outro trabalhador". Na realidade, na capital, eu perdi o medo e a timidez. E hoje que estou de volta ao interior, não tenho mais medo e nem timidez na hora de fotografar, os fatos estão acontecendo e eu estou fotografando como manda o figurino, não deixo escapar nada, hoje fotografo além do necessário para a reportagem. Cheguei à conclusão que a postura é não ter medo nunca de fotografar, se é permitido ou não eu primeiro fotografo, depois se alguém reclamar, dizendo que não pode, digo que não sabia, mas a foto está garantida.

Recentemente, participei junto à polícia de uma blitz em bairros da periferia, onde são considerados barra-pesada. Se isso acontecesse no início de minha carreira, acho que não conseguiria fazer, ou então meu trabalho não seria bom, mas hoje é diferente, participo de blitz com a polícia e não tenho medo e nem pergunto se posso fotografar. Essa coragem adquiri trabalhando na capital, participando de trabalhos desse tipo, pois nessa blitz que participei aqui em Bauru entrei junto com os policiais dentro das casas, sem medo e preocupação nenhuma. Sim, minha preocupação naquele momento era trazer as fotografias para o meu jornal.

Pergunta - Você quando vai sair para fotografar, recebe uma pauta para trabalhar e quando a recebe você desenvolve em cima de pesquisas e informações ou você simplesmente vai para a reportagem ver o que está acontecendo e fotografa ?

Ernesto - A pauta no jornal é feita "meio no chute", principalmente para o repórter fotográfico, a maioria das vezes não recebe pauta, isso onde trabalho hoje, Diário de Bauru, mas já chegou acontecer no Diário

Popular quando lá trabalhei. Lógico, não há necessidade de vir escrito mas pelo menos quando se sai para fotografar é necessário que você saia com uma gama de informações para poder trabalhar de acordo, porque senão você chega no local e até se inteirar do que está acontecendo, pode perder boas fotografias e talvez o principal do fato.

Por diversas vezes a gente sai correndo, entra na viatura do jornal sem saber o que está acontecendo e o que se vai fotografar, só no meio do caminho que você começa a perguntar o que está acontecendo e se inteira do assunto, aí você começa a pensar nos equipamentos que seria necessário para tal tipo de reportagem, porque não dá para ficar carregando todos os equipamentos, na pressa pode até esquecer de levar filmes necessários para a reportagem. Dessa forma, precisaria de um ajudante (carregador), de repente você precisa de uma teleobjetiva possante e você não a trouxe, com isso algumas vezes aumenta o risco no fazer a reportagem.

Pergunta - Voltamos à questão hierárquica entre o repórter fotográfico e os repórteres na redação .

Ernesto - A relação ou melhor essa convivência dentro da redação entre os repórteres e os repórteres fotográficos, generalizando, ela é meio conturbada. Já já senti que entre nós há uma certa distância, a atitude dos repórteres, me parece que, não fazemos parte da redação, isso já aconteceu comigo. Parece que nos julgam inferiores, acham que não temos a mesma capacidade. Agora, não sei se é isso, mas dá impressão de ser, que a gente não está ali como jornalista , me parece que eles esquecem que também somos jornalistas como eles, e muitas vezes as

matérias saem prejudicadas por essa discriminação. Essa nova geração de redatores que estão entrando no mercado dão um pouco mais de valor para os repórteres fotográficos, e a fotografias, porque estão tendo a consciência que é necessário, de que a fotografia tem tudo a ver com o que vai escrever.

Pergunta - Ernesto, esse casamento que existe entre a fotografia e o texto já é antigo, você não acha ?

Ernesto - O que eu quero dizer é, às vezes a matéria pode ser prejudicada por essa relação de achar que o repórter fotográfico não faz parte da redação e que a gente por estar no fundo do jornal com o "laboratório" em uma cozinha ou em um banheiro transformado em laboratório e não tendo um contato direto com a redação. Eu fico direto na redação, se não estiver no laboratório estou na redação, lendo jornais, revistas, me inteirando do que está acontecendo. Mas, a maioria dos fotógrafos, principalmente, no interior tem, não sei muito bem, mas sinto que eles possuem uma certa comodidade: "não há nada para fazer vou dar um tempo por ai e descansar". Alguns até dormem dentro do laboratório, agora, de repente se estourar alguma coisa a coisa pega fogo e seu trabalho vira um "inferno". Portanto, é imprevisível o trabalho e o comportamento de um repórter fotográfico. Algumas vezes você acha que vai ter um dia calmo e a coisa estoura, aí você não sabe quando volta ou que hora termina.

Muitas vezes, fico quase o dia todo sem fotografar, aí desencadeia uma porção de coisas e uma diferente da outra, é um acidente, é um

incêndio, é um coquetel, é uma entrevista, as coisas são muito diversificadas e elas nunca se repetem.

Pergunta - Quando você sai para fazer uma grande reportagem, onde há diversos fotógrafos disputando cada espaço para fotografar, como você se comporta ?

Ernesto - Quando o Mário Covas esteve em Bauru em sua campanha no segundo turno, vieram junto com ele diversos fotógrafos da capital, da Folha, do Globo, da assessoria de imprensa do Covas. Geralmente, eu procuro buscar o melhor ângulo e o melhor enquadramento.

Pergunta - Digo em relação aos seus colegas ?

Ernesto - Geralmente a gente conversa, senta bate-papo, porque quando existe estas reportagens a gente chega mais cedo para a cobertura do evento e é aí que a gente se cruza e é um bom momento. A parte mais gostosa da matéria, porque existe um distanciamento muito grande entre os repórteres fotográficos, é nesses momentos que a gente tem condições de se encontrar e trocar informações, muitas vezes eles pedem para utilizar os nossos laboratórios e com isso nós trocamos muitas informações, inclusive de novos equipamentos e/ou materiais que estão sendo lançados no mercado e muito se discute sobre o nosso salário.

Com isso tudo, acaba-se conhecendo pessoas que a gente admira como profissional, onde o trabalho deles é digno de ser observado, um deles que achei muito legal de ter conhecido foi o Jorge Araújo, o Jorginho, da Folha de São Paulo, o Toni Pires, outro foi o Cezar

Figueiredo também da Folha, tem o Itamar Miranda do Estadão, pois eles fazem um trabalho interessante. Agora você imagina essas pessoas de uma determinada forma pela qualidade de seu trabalho, mas de repente eles estão ali ao seu lado sentado esperando a mesma coisa que você e conversa com você de igual para igual.

Pergunta - Isso quer dizer que você é fã de alguns profissionais dentro da sua própria profissão, ou mesmo tentando adquirir a qualidade de trabalho que eles possuem ?

Ernesto - Isso mesmo, porque são pessoas simples como qualquer outro trabalhador e dão um duro danado, verdadeiros batalhadores que labutam para sustentar suas famílias e coisas assim.

Pergunta - Você tem algum caso especial de colega ou seu, que você possa contar ?.

Ernesto - Sim tenho, o Toni Pires da Folha de São Paulo, numa daquelas enchentes que acontecem constantemente em São Paulo, vi uma foto batida por ele publicada no jornal, e num outro dia conversando com ele, me falou "*o meu, para fazer essa foto, estava em cima de uma casa e de repente dei um passo desabou o teto da casa acabei quebrando o nariz e o braço, encharcando todo o meu equipamento*", e disse a ele, "Pô cara, tudo isso por uma foto" e ele "é, tem que ser, isso acontece".

Pergunta - Ernesto, em uma reportagem, algo grave pode para acontecer, você interferiria se houvesse condições ou você deixaria a coisa acontecer.?

Ernesto - Ih ! agora você me pegou. Eu não sei se interferiria, porque estou sempre tentando buscar a imagem ideal. Vejo assim, saiu uma foto na Folha, não sei se ela ficou conhecida. Um repórter foi fazer um treino de basquete, isso na capital, num domingo, tudo parado, ele estava no ponto de ônibus esperando o motorista ir pegá-lo, e viu um policial por um revolver na boca de dois menores, creio que ele poderia interferir, mas ficou quieto, mas também fez a foto, e sua foto foi publicada em todo os jornais, agora eu, não tenho certeza se interferiria.

Pergunta - Você já esteve em alguma situação assim ?

Ernesto - Já, mas não pude fotografar, nós enquanto imprensa poderíamos ter interferido, foi um caso de polícia. A gente estava junto com a polícia participando de uma blitz no Parque Jaraguá aqui em Bauru, este Bairro é a maior barra, e os policiais naquele momento estavam abusando da força e do poder, no meu ponto de vista e de meus colegas. Eles de fato estavam abusando do seu poder de polícia.

Pergunta - E vocês fotografaram?

Ernesto - Não, eles não deixaram fotografar e foram categóricos pedindo para a gente sair colocando nos para fora da casa onde estávamos.

Pergunta - O que você acha da reutilização de imagens de arquivo?

Ernesto - Isso é um problema sério e muitas vezes comprometedor. É muito difícil discutir esse assunto. Nós não temos apoio do Sindicato, de Direitos Autorais, me parece que foi lançado um livro sobre os direitos autorais da fotojornalística, mas ainda não tive acesso. Além disso tem aquela de quando a gente faz uma determinada fotografia, passa pela redação (editor), vai para a mão do diagramador e quando chega para o cara que monta a página (Paste-up), o indivíduo mete a tesoura em cima da sua foto para dar o tamanho certo em colunas ou em altura para não ter que mexer na página previamente diagramada. Quando fotografo, penso imediatamente na fotografia diagramada na página, e vem o montador de página e corta a imagem, por muitas vezes tirando toda o sentido ou a informação da imagem, acho isso uma falta de respeito. É antiético com meu trabalho e ninguém fica responsável por isso.

Pergunta - Poderia me dizer sobre alguma reportagem que mereça destaque ou algo mais sobre o fotojornalismo, dificuldades enfrentadas. Fale sobre a profissão.

Ernesto - As experiências que tenho passado nesta profissão e que mexe muito com minha cabeça, principalmente com essas experiências que tive junto com a polícia, até então achava uma coisa normal mas não sabia que o risco de vida de um repórter fotográfico fosse tão grande. É realmente um risco de vida constante. Estive pensando, fui duas vezes com a polícia, e sempre com a máquina fotográfica e não uso colete a prova de bala. Conforme eles vão entrando, eu também vou junto e se algum

bandido atirar, vou estar na linha de fogo, correndo risco tanto quanto a própria polícia. Os bandidos não querem saber, estão mandando bala para se defender ou contra atacar e nós fotógrafos sempre estamos entre os dois tiroteios o da polícia e o dos bandidos. Isso também acontece nas greves, onde os pelotões de choque confrontam com os grevistas. O repórter fotográfico está na linha de frente e sempre sobra para algum. Lembra do caso daquele ministro que atropelou um fotografo lá em Brasília. Na ultima vez que participei junto com a polícia de uma blitz durante à noite, quando cheguei no jornal estava com as pernas tremendo, por pouco que não me sujo todo, tive que dar um tempo para revelar o filme. Algumas vezes a gente toma até um “pingão” para relaxar.

Pergunta Você tem medo de morrer ?

Ernesto - Eu não tenho medo de morrer, senão, não faria essas coisas, fui pensar isso tudo depois que fiz a matéria, agora que estou fotografando para o jornal é diferente de quando eu trabalhava em assessoria de imprensa, onde tudo era calmo. No jornal, você sai para fazer uma matéria pensando que a mesma vai ser tranqüila de repente tudo explode e você esta lá no meio, é uma loucura. No jornal, fico adrenalizado demais. Faço de tudo, só volto a pensar sobre o perigo depois, mas já enfrentei tudo, é quando dá tremedeira nas pernas.

27ª Você acha isso normal na profissão do repórter fotográfico ou só quando faz reportagem com a polícia ?

Ernesto - Onde a gente vai tem perigo, nos expomos demais, no automobilismo, ou motocross. Se marca tôca, poderá ser atropelado, lógico se estiver nos box, ou até um acidente com os carros, ou com motos, porque procuramos ficar nos lugares de maior dificuldade para os pilotos, e de quando em quando acaba sobrando. Lembra-se do fotógrafo que levou uma bolada na cara quando o Branco deu um chute na copa do mundo, o reporter fotográfico perdeu o olho. Você corre o risco de vida mais acentuado que os outros profissionais do jornal. Agora quem cobre tudo isso?

Quem está nessa profissão sabe que a qualquer momento pode acontecer alguma coisa.

Entrevista nº 06

Sueli George Stathoupolos

Repórter Fotográfica do Diário de Bauru -

Pergunta - Nome, profissão, idade e quanto tempo trabalha como repórter fotográfica ?.

Sueli - Su Sthatoupolus, vinte e cinco anos e de repórter fotográfica quatro anos, comecei a fotografar com 21 anos.

Pergunta - Como você começou a fotografar ?

Su - Morava em São Paulo, comecei a participar de cursos básicos de fotografia em oficinas culturais e workshop, pretendia fazer algum curso avançado de fotografia. Por problemas familiares retornei para Bauru.

Quando vim para Bauru, recebi um convite através de uma amiga para trabalhar no Diário de Bauru, não como repórter fotográfico, mas em outra área, composição de texto, digitadora. Era horrível (...) pois queria mesmo era fotografia e isso me deixou um pouco mais próxima do meu objetivo, porque lá tinha o laboratório fotográfico. Na época, Valquiria Passos, que era a repórter fotográfica, me deixava ficar no laboratório aprendendo alguma coisa a mais daquilo que já conhecia, pois o trabalho fotográfico no jornal é diferente das oficinas que fiz em São Paulo. A Valquiria foi muito legal (...), inclusive quando saiu do jornal me indicou para substituí-la. Tive três dias para aprender tudo, o que não havia aprendido na vida inteira. Para ficar no jornal sozinha, o outro repórter fotográfico do jornal, Eder Azevedo, estava em férias. Praticamente

aprendi com os erros e acertos do dia-a-dia e pela intuição. Não tenho formação acadêmica, muito menos teórica.

Pergunta - Já que aprendeu em três dias e, já com quatro anos de profissão, qual é a necessidade para um repórter fotográfico desenvolver seu trabalho.?

Su - Uma formação acadêmica, um curso, ler muito, acho que o repórter fotográfico é muito desligado. Em relação a isso é marginalizado, comparando com um repórter (...), afirmo tem que se ter uma faculdade para melhorar o trabalho.

Pergunta - Como repórter fotográfica em que ótica você vê as coisas, pois quatro anos já se tem uma boa experiência. E você como mulher nesta profissão?

Su - Hoje está mudando, tem muita mulher trabalhando nessa profissão. Está mudando o quadro de que fotojornalismo é uma profissão para os machistas, mas isto ainda está arraigado, permanece um pouco do machismo.

Pergunta - Você acha os repórteres fotográficos machistas ?

Su - Não, pelo contrário, são muito legais, super simpáticos, nunca me dei mal com ninguém, nunca tive briga, empurrões, me respeitam, e eu também os respeito.

Pergunta - Na hora em que a reportagem está quente, você os atropela e vice versa, ou bancam o cavalheiro ?

Su - Sempre tive sorte, o pessoal facilita bem o meu trabalho, acho isso muito engraçado porque cruzo com todos os tipos na loucura do dia-a-dia. Quando acontece aqui em Bauru, algo que pode se tornar fato nacional, onde vem jornalistas da grande imprensa de São Paulo, cruzamos com alguns, e todos são educados.

Pergunta - A questão sexual, você como mulher e sendo repórter fotográfica, existem cantadas ?

Su - Existe, vou dar um exemplo: uma repórter entrevistou uma certa pessoa por telefone (empresário) e quando falou em enviar o fotógrafo, este empresário pediu que enviasse a fotógrafa, inclusive falou meu nome para a repórter. Exigiu que eu fosse. E sempre ouço, *“nossa pensei que fosse um fotógrafo, que bom uma fotógrafa.”* alguns chegam a se surpreender por eu ser uma fotógrafa de jornal.

Pergunta - Você é uma menina e esse trabalho de repórter fotográfico parece ser um trabalho bruto. Qual a comparação que você faria como mulher e o trabalho dos outros (homens) considerados “cabra macho”. E outra coisa, você se aventura dentro de uma reportagem ?

Su - Não tenho certeza, mas acho que esse negócio é o oposto. Quanto a aventura, isso é quase natural, pois a gente se entrega ao fato, não depende se é mulher ou não, você realmente se entrega inteiro na reportagem. Não importa quem eu sou homem ou mulher, importa sim, ser profissional

Pergunta - Descrevera o que é um repórter fotográfico ?

Su - Não consigo definir o que é ser repórter fotográfico. (...) maluco... meio louco, não sei. Não dá para se definir. Você vive (...) tendo orgasmos, porque acho que quando se faz uma foto fantástica ou uma denúncia ou qualquer outra coisa, gosto muito de matéria que mexe com fatos naturais, faço muita coisa fora do que eu gosto.

Pergunta - O que você considera fatos naturais ?

Su - Uma catástrofe, uma enchente, conflitos sociais, faço as coisas do outro lado, porque moro numa cidade tranqüila, não tem problemas e com isso fica difícil definir a profissão.

Tudo que um fotógrafo pode esperar na vida, ele irá encontrar sendo repórter fotográfico, não tem jeito, não pode fugir disso, essa é a parte da fotografia mais intensa, mais interessante, você vive literalmente com a imagem, e viaja na imagem.

Pergunta - Poderia me explicar o que quer dizer com “viajar” .?

Su - É viver vendo imagens, viver vendo fatos, viver intensamente em todos os sentidos, você fica literalmente mais evoluída, você cruza com muita coisa variada, com coisas totalmente adversas em questões de momentos e até de minutos, sai de situações totalmente contraditórias, isso que quero dizer “viajar” e “viver intensamente”.

Pergunta - Você tem um grupo de amigos, lógico, mas esses seus amigos em relação á sua profissão, da forma como que você vive “intensamente”, o que significa para eles dez dias de seu trabalho. ?

Su - Cem anos para participarem como pessoas normais, precisariam de todos esses anos, viver o que eu vivo e não dá para explicar o que vivo, não dá para passar para as pessoas, o que dá para sentir é que se vai distanciando das pessoas até normais, acaba sendo uma pessoa, não anormal, mas vivo numa ótica e numa realidade bem diferente, vivo literalmente numa outra dimensão, com isso acabo sendo muito crítica, e as pessoas normais “entre aspas” não conseguem ver a realidade ou a vida como vejo, então começo a me distanciar, ser muito crítica e até cética em relação às pessoas ruins.

Pergunta - O tratamento que é dado a você por ser repórter fotográfica e mulher na redação , é o mesmo dado em relação aos reporteres de sexo masculino ?

Su - O pessoal é muito simpático , não tenho problemas de ser mulher, às vezes percebo que tem matérias que são mais brutas e vejo que há opção em pedir para um fotógrafo fazer.

Pergunta - Que tipo de matéria, exemplifique ?

Su - Hoje aconteceu um fato, um enterro de duas garotas que foram soterradas, quando fui fazer a cobertura do enterro, as pessoas estavam revoltadas com o acontecimento, fui quase espancada pelos parentes das vítimas e ameaçada de morte. Voltei para a redação dizendo que não tinha condições de fazer a cobertura devido às ameaças, então foi enviado para o local um repórter fotográfico de sexo masculino, o Ernesto, que cobriu o restante do enterro sem incidentes. A forma de agressão que

houve comigo não foi física, mas me atingiram verbalmente e moralmente, disseram “Não queremos fotos”, e “deveria matar minha mãe para fazer as fotos”, coisas desse nível, fiquei muito assustada e com medo.

Pergunta - Numa cobertura de reportagem, algo grave está para acontecer, talvez dependendo até de salvar a vida de alguém, você interfere no fato ou fotografa ?

Su - Dificil responder essa pergunta. Porque às vezes não consigo ser totalmente limitada, interferir ou não interferir, vai do momento, mas na maioria das vezes procuro não intervir, fotografo e depois começo a ter os meus conflitos, não sei se é por não ter muito contato com essas situações, mas depois que acontece posso até tentar ajudar, mas primeiro fotografo depois interfiro.

Pergunta - Quando você faz a cobertura de uma reportagem “violenta”, algo até perverso. Como se sente durante e/ou após a cobertura ?

Su - Durante a reportagem vejo somente imagens, um fato, uma notícia, uma informação visual. Depois da reportagem, você se questiona contra o ser humano, geralmente o lado profissional tratado pelo ser humano, ou seja, não tomar atitude, até de ajudar, primeiro queremos uma imagem, uma informação, somente depois vou pensar no ser humano.

Como aconteceu outro dia, o terremoto do Japão, onde também morreu uma família bauruense, ai me ligaram da Folha de São Paulo para fazer Free-lancer, fiquei delirando em fazer esse “Freela”, aí cheguei na residência dos familiares das vitimas, fui fria, calculista, induzi a família

a uma certa situação para fazer a foto, trabalhei indiretamente em cima de uma produção, não dei a mínima para o ser humano que estava ali sofrendo, achei que era tudo muito normal .

Pergunta - Essa frieza de que você fala, aconteceu porque era um entusiasmo em fazer o "Freela" para a Folha ou algo mais .

Su - Não...porque...

Pergunta - Você tem certeza ?

Su - Também, porque esse fato não foi considerado importante pelo jornal local e de repente o jornal da grande imprensa se interessa. Aí me questionei o porquê da imprensa local não considerar esse fato, ninguém se interessou em considerar uma matéria importante. Portanto, não foi tanto pela Folha, mas pelo fato, aquela oportunidade de mostrar algo profissional.

Pergunta - Você acha que a falta de curso superior interfere no seu trabalho de repórter fotográfica ?

Su - Não, não interfere, mas acho que se tivesse outra formação, teria uma visão das coisas mais apurada, a parte teórica me faz falta.

Pergunta - Mesmo assim você tem obtido bons trabalhos ?

Su - Sim.

Pergunta - Você acredita que um curso superior iria lhe acrescentar muita coisa ?

Su - Iria mudar com certeza, pois hoje tenho necessidade do lado teórico, um lado que anteriormente não achava tão importante.

Pergunta - Mesmo para fotografar ?

Su - Sim, mesmo para fotografar. Fotografia não é só apertar um botão.

Pergunta - Referente às suas fotografias, as legendas colocadas nas fotografias, a republicação das suas fotos, não só na matéria, mas reutilização da foto para outras matérias muitas vezes tem sentido todo truncado ?

Su - Primeiro acho que a legenda mata a imagem, texto e imagem, eles se integram, até se interagem, muitas vezes o texto também mata a imagem. A imagem utilizada em outras situações é uma agressão, uma mutilação, a ausência de crédito também é um mutilação e um desrespeito, a imagem não é somente para preencher um espaço, muitas vezes percebo que os redatores e ou editores usam a fotografia somente para tapar buraco. Por muitas vezes ponho em questionamento a capacidade do redator, quando utiliza a imagem para complementar a deficiência do seu texto ou mesmo da reportagem, visualmente falando, é um desrespeito, um absurdo.

Pergunta - Você vendo uma situação dessa, sua fotografia sendo publicada numa outra matéria, você contesta na redação ou se cala. Acha que a redação tem esse direito.?

Su - Não tem esse direito. Contesto, principalmente pela ausência de crédito, que é cotidiano, uma briga intensa com a conscientização, já ouvi de um reporter a estupidez de falar que, crédito é uma mera consideração. Ele não sabe que existe uma lei que é uma obrigatoriedade do repórter fotográfico ter o crédito nas fotografias. Achei um absurdo isso, usar uma imagem somente para preencher um espaço para uma outra situação, não sei se é um desrespeito ou se é ignorância, por não entender de imagem e por não ter sensibilidade.

Pergunta - Você tem alguma história de reportagem para nos contar, que deixou alguma marca, me parece que todo repórter fotográfico tem uma história ?

Su - Acho que cada dia acontece alguma coisa, nunca se pode falar, tenho uma foto, uma grande foto, penso que cada dia acontece alguma coisa, cada dia vejo as coisas em outro ângulo, não dá para se limitar, fiz uma grande foto e que o fato vai te permitir outra grande imagem, cada dia vai acontecer um fato novo e vai lhe permitir isso, não há fato mais importante, existe sim, fatos marcantes.

Pergunta - Há então grandes trabalhos, grandes fotos, mas ao mesmo tempo a melhor foto ainda esta para surgir..

Su - Exatamente, Nair Benedito disse “que a melhor foto é aquela que vai acontecer, não é aquela que já foi feita, a grande foto vai acontecer”, cada dia isso é mais evidente, nunca sabemos se é a melhor, temos que esperar o outro dia.

Pergunta - Você então não espera uma grande foto, mas diversas grandes fotos ?

Su - Sim,. não consigo definir uma única imagem, não tenho nenhuma grande foto, não tenho essa imagem feita, ainda não passei por tudo para saber qual foi a minha melhor foto, isso só o tempo dirá.

Pergunta - A grande fotografia ou a fotografia importante para você, é aquela que esta no fato da reportagem ou está relacionada com aquilo que teve que fazer para conseguir a foto ?

Su - Não consigo ver se é pelo fato ou pela dificuldade de fazer, nem definir pela maneira fragmentária de ver um fato, os dois, depende da situação...

Pergunta - Também fui repórter fotográfico, por muito tempo e num período bastante crítico que vivíamos no país.

Sempre que me reúno com os repórteres fotográficos, todos possuem histórias e são contadas de forma que não se cansa de ouvir. Isto está embutido na aventura do fazer a reportagem. Quando se pede para comentar alguma coisa sobre a profissão. Contam-se essas histórias ou aventuras, algo assim. Esquecem muito o lado da imagem, entre eles esse

estereótipo que existe sobre o repórter fotográfico é devido às aventuras ou o machismo, é como você já disse, que o machismo esta acabando, só faltava essa de repórter fotográfico “bicha”.

Su - Já tem...e muitos(...)

Pergunta - Não acredito(...)

Pergunta - Você consegue me falar algo sobre isso ?

Su - Ah!... Sim!...Olha a gente conversa não porque é gostoso ou ruim, é o nosso cotidiano, isso é rotineiro, é como falar de serviço fora de hora, sinto que os fotógrafos são “egóricos” (egolatra), são extremamente egoltras, todo fotógrafo, é uma profissão que mexe muito com o ego.

Pergunta - Na mesma empresa em que trabalha, há alguma concorrência em relação a produção fotográfica, vocês disputam diariamente a melhor imagem ou você faz o seu trabalho sem se preocupar com o trabalho dos outros ?

Su - Indiretamente, há uma concorrência, não é explícita, mas existe. Certeza, engraçado que existe também o fato de eu ser mulher, de ser homem, não dá para fugir, e Bauru não possui muitos fotógrafos.

Pergunta - Como você se sente sendo a única mulher repórter fotográfica em Bauru ?

Su - Meu ego fica inflado...(...). Não consigo me definir como pessoa totalmente egolátra, achar que sou máxima, que sou a única mulher, ao contrário estou tentando me descobrir ainda.

Pergunta - Como você se sente em relação às outras mulheres, não repórteres fotográficas ? Aquelas que querem casar ter filhos, etc..Isto é, enquanto você continuar como repórter fotográfico.

Su - Penso que casar ter filhos, aquela coisa limitada, não é para pensar em ter, não consigo me enquadrar nesta categoria, inclusive minha família já me questionou sobre isso, porque já tenho vinte e cinco anos, já deveria ter um namorado e porque não casar. Não quero isso para mim, penso que somente depois de me realizar como profissional, aí sim vou ter vontade de ter vontade de ter meu lado pessoal, mas hoje não penso em nada disso, pelo contrário hoje me afastei ao extremo de pessoas. Lógico, o outro lado só de mulher que não dá para ter. Atualmente, trabalho entorno de 10 a 12 horas. Não dá para ter um lado pessoal, e não consigo achar um companheiro que entenda isso, até acho, mas não consigo ver isso como algo importante para deixar de lado a minha profissão .

Pergunta - Na escolha entre o noivo e sua profissão ficaria com quem ?

Su - Não há dúvida, já namorei com diversas pessoas que me questionaram, dizendo, "Por que você gosta tanto de sua profissão e não tanto de mim, você ama mais a fotografia do que a mim". Pô, não é por

ai, ele nao me entendeu, gosto muito da imagem, gosto muito da fotografia, gosto muito mesmo, mais do que de qualquer outra pessoa.

Definiria hoje como a minha vontade de viver, isto é para mim, meu marido, meu filho, minha mãe, meu pai, tudo, minha existência.

Entrevista nº 07

Márcio ABC

Jornalista formado em 1986 pela Universidade de Bauru. Trabalha no jornalismo desde 1982.

Articulista do Jornal de Cafelândia de 1982 a 1983

Editor do jornal "O Folheto" de Cafelândia, 1984 a 1987

Repórter do Diário de Bauru de 1987 a 1988.

Repórter da "Veja Interior" de 1991 a 1993.

Assessor de imprensa da agência "Thomas & Associados" de 1993 a 1994.

Editor do Diário de Bauru, desde 1994.

Desde que iniciamos esta nova fase do Diário de Bauru, a utilização da fotografia passou a ser fundamental para o contexto do jornal. A diagramação passou a levar em conta, desde então, a necessidade de fotos maiores e bem situadas na página como requisito básico para uma melhoria visual e informativa do jornal.

Quando assumi a edição do Diário, ao lado do jornalista Paulo Torres, observamos de cara essa necessidade. O jornal, até junho de 1994 - mês em que iniciamos o trabalho de reformulação, apresentava fotos tímidas e, digamos "quadradas", com pouca carga informativa.

Uma de nossas primeiras atitudes foi chamar os fotógrafos e orientá-los no sentido de que eles se conscientizassem dessa mudança. De nada adiantaria a editoria adotar uma nova linha para a utilização da

fotografia sem que os fotógrafos estivessem preparados para oferecer um retorno adequado.

Embora ainda preenchido com altos e baixos, foi criado inclusive um espaço para fotos mais artísticas, que colaborassem, dentro dessa nova linha de atenção à fotografia, para que os fotógrafos liberassem sua criatividade, o que, conseqüentemente, acabaria também numa evolução no trabalho feito para a edição diária. O espaço tem o nome de "Imagemáxima".

Expectativa - Com as transformações implantadas por esta editoria no Diário, a expectativa quanto ao trabalho dos repórteres também foi direcionado para um crescimento gradativo com a própria evolução do novo projeto editorial.

Hoje, oito meses depois, pode-se concluir que a fotografia já tem no Diário um espaço mais amplo e valorizado. Com isso, as exigências quanto ao trabalho dos fotógrafos também foram ampliadas. Dentro das possibilidades que a estrutura do jornal permite, esta editoria procura primar pela qualidade fotográfica levando em consideração sua própria proposta editorial. Espera-se dos fotógrafos a apresentação de um trabalho diversificado, que ofereça várias opções na hora da edição, e dentro dele a valorização da semiótica como instrumento essencial para levar ao leitor a possibilidade de uma leitura diferenciada da fotografia.

Existe também a preocupação, necessária para o andamento do processo produtivo do jornal, com os horários de entrega das fotos. Consciente de que muitas vezes obedecer ao horário pode significar perdas de qualidade, em seus mais variados aspectos, esta editoria

também procura manter a entrega das fotos dentro de um horário aceitável para evitar atrasos na edição do jornal.

Ética - Da mesma forma como esta editoria valoriza a ética em seus textos, a fotografia tem a mesma preocupação. Embora muitas vezes a ética seja discutível sob o ponto de vista da informação - o que pode ser ético na visão de um determinado envolvido com a notícia, pode não ser para o leitor e vice-versa. O jornal adota uma postura de diálogo com os próprios repórteres fotográficos, que sempre podem e devem auxiliar para que sejam obedecidos os princípios éticos considerados básicos para qualquer meio de comunicação que pretenda respeitar seu leitor e o universo de fontes para o dia-dia da notícia. Dentro desse contexto, existem certas situações que a própria editoria deve cuidar para evitar informação fotográfica desvirtuada. Uma dessas situações, bastante comum no jornalismo impresso, é a utilização de fotos de arquivo. Esse procedimento sem os devidos cuidados pode comprometer a matéria globalmente. Uma simples legenda que não deixe claro que a foto é de arquivo pode levar o leitor a compreender um contexto diferente da realidade.

O Diário adotou para evitar esse problema a colocação entre parênteses, após a legenda, de (foto arquivo) . Quando esse procedimento não é suficiente para evitar a compreensão equivocada da matéria, a própria legenda é utilizada para garantir uma explicação adequada.

Capa - Quando assumimos o jornal, a primeira página trazia um número elevado de chamadas e várias fotos em tamanhos que hoje, dentro da nova realidade do Diário, podem ser consideradas pequenas. Hoje, por

exemplo, esses tamanhos são utilizados em matérias secundárias das páginas internas.

Dentro dessa nova proposta, de valorização da fotografia, a primeira página também passou a contar com fotos maiores. Muitas vezes, a parte central da primeira página tem apenas uma foto, mas num tamanho que permite ao leitor uma visão mais agradável e crítica sobre o assunto tratado naquela imagem.

Edição - Somos nós que fazemos também a edição de fotos do jornal. Para isso, alguns aspectos básicos são levados em conta. O primeiro deles é a qualidade técnica. Não basta ao fotógrafo apresentar uma foto com grande carga de informação qua após a impressão vai ficar apagada, escura demais ou com outro tipo de problema que prejudique a imagem. Na hora da edição, procuramos pesar essas duas necessidades básicas: a qualidade técnica e a qualidade jornalística. É assim que chegamos a um equilíbrio na edição fotográfica.

Entrevista nº 8

Zarcilo Rodrigues Barbosa

Professor de Edição na Faculdade Arquitetura, Artes e Comunicação
Unesp/Bauru

Assessor de imprensa em Bauru.

Trabalhou em jornalismo no rádio, na televisão e na imprensa diária por trinta e seis anos.

O papel do repórter fotográfico

O repórter fotográfico é o profissional a quem cabe registrar, fotograficamente, quaisquer fatos ou assuntos de interesse público. O próprio decreto lei (nº 972/69 - 17/10/69) assim define.

Na prática, nada é assim tão simples. O aparelho fotográfico, por mais sofisticado, simplesmente registra a luz que atravessa a objetiva no momento em que o disparador é acionado. Uma boa foto, jornalística ou não, deve mostrar alguma coisa a mais, além da aparência. A arte de fotografar consiste, justamente, na busca de um registro duradouro de imagens que revelam também uma personalidade, no caso de fotografia de seres humanos. Sempre preferi, como editor, fotógrafos que saibam traduzir sensibilidade na imagem captada.

Os avanços tecnológicos do equipamento, que começam a incorporar recursos do computador, têm um limite. A importância do repórter fotográfico para a notícia é, em primeiro lugar, conhecer os atributos da notícia, o que interessa ao público, o que é jornalístico. Sua

foto deve contar, muitas vezes, o que o texto não consegue alcançar. Ou possibilitar, para o público, uma leitura imediata, sem esforço, do acontecimento. A foto de uma pessoa deve mostrar mais do que simplesmente sua aparência. O fotógrafo precisa descobrir maneiras de colocar na imagem informações sobre a maneira de viver, ou captar as expressões que caracterizam o estilo e a personalidade da pessoa fotografada. Ou os aspectos dramáticos de uma ocorrência. Estabelecer uma relação pessoal entre o fotógrafo e a imagem.

A fotografia, como a pintura, deve transmitir a própria mente do jornalista- fotógrafo. A imagem visível de uma foto é apenas um reflexo de algo invisível, e esse algo é a mente do fotógrafo.

Quando editor, pedia sempre aos meus companheiros fotógrafos que se libertassem de idéias preconcebidas para poder entrar em contato com os seus sentimentos mais profundos. E, através destes, com o assunto fotográfico.

Recusei-me, muitas vezes, a comprar filtros e objetivas sofisticadas encomendadas ou requisitadas pelo Departamento Fotográfico. Reconheço a importância técnica do fotógrafo, mas para conseguir expressar o "invisível" da mente do fotógrafo não é necessário toda uma parafernália. Afinal, temos que perseguir a realidade objetiva, sem "filtros" ou o achatamento das grandes teles.

As pessoas em geral acham que a fotografia é 50% técnica e 50% criação. No jornalismo essa regra não é válida. O futuro nos reserva equipamentos cada vez mais automatizados, até o dia em que a habilidade técnica exigida do fotógrafo será mínima e tudo se resumirá na sua capacidade mental, na sua sensibilidade.

É bobagem estabelecer uma hierarquia entre repórter e o repórter fotográfico. Aquele, sente-se “superior” a este, porque, na maioria das vezes é detentor de um diploma universitário, coisa que a lei não exige para o exercício do jornalismo fotográfico. Cada um no seu mister, para usar uma expressão antiga. Isso significa trabalho isolado. Deve ocorrer uma interação. Ambos precisam discutir os objetivos da matéria, o que está ocorrendo, os antecedentes, o lado psicológico do fotografado. Se o repórter for mais experiente, poderá orientar seu colega, sugerindo ângulos. Às vezes até de forma de comportamento. E vice-versa.

Quando repórter, pedia aos companheiros fotógrafos o uso mínimo de equipamentos, para facilitar a captação de momentos interessantes, assim que eles se apresentem. Quando a pessoa que está sendo fotografada não percebe a presença do fotógrafo, está registrando flagrantes. A atenção é o requisito básico para fazer bons flagrantes; por isso o equipamento deve estar sempre pronto para ser usado. Se o fotógrafo tiver muita preocupação com detalhes de luz, da composição ou com a objetiva a empregar, provavelmente ainda estará regulando a câmara quando for hora de fotografar.

A pauta fotográfica.

Embora todos os fotógrafos sigam alguma orientação na hora de fotografar, não há regras fixas para a fotografia. Se isso fosse possível não haveria bons e maus fotógrafos: bastaria seguir a cartilha para obter boas fotos. Nesse caso todos seriam capazes de fazer exatamente a mesma coisa e não haveria monotonia maior do que ver fotografias. O editor pode, em sua pauta, orientar sobre a personalidade de quem vai ser

fotografado, sobre os antecedentes históricos de uma notícia, o palco dos acontecimentos, o interesse social e as possíveis repercussões da notícia na sociedade. Mas não há fórmulas acabadas nem substituto possível para a sensibilidade do repórter fotográfico. As fotos serão sempre uma obra pessoal. Sempre gostei dos companheiros que brigavam pela publicação da foto, que na sua ideologia, valores éticos e estéticos, merecia ser publicada. A escolha é do editor, na hierarquia das redações, mas o repórter fotográfico pode (deve) opinar sobre o seu produto.

Isso não significa “arrogância”, tipo de flagelo que assola o jornalismo brasileiro. Posicionar-se como “dono da verdade”. Jornalismo é trabalho de equipe, solidário, profissional. Um pouco de humildade, para perguntar o que não sabe ou se aconselhar com os mais experientes, é sinal de inteligência.

Quando fotografava jogos de futebol (no interior é comum o jornalista se responsabilizar pelas fotos e pelo texto), utilizava posições clássicas para fazer minhas fotos. Uma delas é junto a linha de fundo, entre a risca da pequena área e a bandeirinha de escanteio. Aprendi com o grande Domicio Pinheiro, autor de fotos memoráveis para o “Estadão”, principalmente, que a linha lateral do campo é uma posição muito melhor para quem quer, além do gol, realizar flagrantes do “ballet” dos atletas, muitas vezes de rara beleza plástica. Ao invés de teles de 200 a 500 mm, uma objetiva de 85 mm permite maior mobilidade e fotos espetaculares de zagueiros e atacantes lutando para evitar ou fazer fols. Expressões de dor, alegria, desolação, fornecem material mais dramático que o da bola no fundo das redes.

Muitas vezes a torcida expressa sentimentos mais fortes que os dos atletas. Ele também faz parte do espetáculo. Poucos se lembram de tirar

fotos da torcida, ou de detalhes, como aquela de Domicio Pinheiro quando captou uma auréola de luz sobre a cabeça de Pelé, num jogo noturno, transformando o jogador num deus.

O fotógrafo é um brigador. Cada evento importante é uma luta para conquista de um espaço no palco dos acontecimentos. Às vezes isso desagrade aos poderosos de plantão. Sei que não é fácil, mesmo depois da chamada “redemocratização do país”, enfrentar soldados e cacetetes para documentar repressões, movimentos grevistas. Chegam a pontos de difícil acesso para fotografar efeitos de um desastre. Essa batalha, tem que ser travada até com os próprios colegas, ansiosos por monopolizarem posições favoráveis aos melhores ângulos.

Se o fotógrafo não tiver coragem, vai ter vida curta no jornal diário, ou na estação de televisão, no caso de repórter cinematográfico. Esse tipo de risco, é evidente, tem seus limites. Ninguém pode exigir que o profissional ponha em jogo a sua vida ou a sua integridade física. Em algumas ocasiões o editor precisa “segurar” o colega fotógrafo que quer virar notícia. Vi um deles se oferecendo para refém dos bandidos: Ânسيا de passar de testemunha a personagem. Causar sensação entre o público e os colegas, buscando notoriedade.

O fotógrafo, isto sim, precisa ser dedicado, Faz parte do próprio jornalismo, é natural quando se sente vocacionado, incentivado dentro da empresa. Participe da história, sim, mas no sentido de influir na transformação da sociedade, mostrando o que ela tem de errado.

Como todo trabalhador, tem seu horário de trabalho. Uma jornada a cumprir. Sem que isso signifique que ele possa deixar um serviço pela metade porque seu turno terminou. Por outro lado, a empresa jornalística

precisa remunerar a hora-extra, como manda a lei. Se a legislação não é observada, as relações de trabalho são injustas.

ÉTICA

O próprio jornalista que concorda em trabalhar por preço vil e admite ser explorado, está dilapidando as conquistas da categoria e a dignidade da profissão. Mas existem sobre o mesmo tema - Ética - enfoques de muito maior importância, como a de submissão a forças que distorçam a verdade. O uso do poder de divulgação para atender a interesses escusos e contrários ao da comunidade. Todos atos condenáveis.

O que afasta o jornalismo da ética é a paixão informativa sem medida. Os fins justificando os meios. Qualquer atitude é permitida para se conseguir uma notícia. Quando coube a mim decidir sobre o que seria publicado, sempre levei em consideração o interesse público. A foto de um suspeito de crime pode deixar de ser publicada, enquanto as evidências da sua autoria não forem fortes o suficiente. O direito à imagem, assegurado na Constituição, precisa se sobrepor quando o fotografado não é uma figura pública que mereça ter sua intimidade invadida. "Nenhuma informação que careça de ética pode ser considerada de qualidade" - dizia o professor Carlos Soris, da Universidade de Navarra, em recente entrevista. Na mesma linha, afirmava que "por trás de toda informação deficiente, há uma formação deficiente". É preciso ter autoridade moral para criticar os erros alheios. Por isso mesmo aconselha-se aos jornalistas manterem-se longe do poder. Livrarem-se de qualquer obrigação que seja a atender o direito público de saber a verdade. Infelizmente, por causa dos baixos salários, é cada vez maior o número de

jornalistas com empregos paralelos em cargos públicos, ou assessorias de imprensa. Tudo isso compromete a integridade do jornalista e do órgão de informação, porque cria conflitos de interesses, reais ou aparentes.

O código de Ética do Jornalista Profissional seria um mecanismo importante de auto-regulamentação. Infelizmente é visto como um rol de generalidades pela própria categoria, ou um “catecismo floral” sem nenhuma força coercitiva para punir aqueles que atentam contra os compromissos da profissão em relação à sociedade.

Delacração de:

Pedro Bello

Ex-Editor do Jornal da Cidade (Bauru-SP)

Redator Publicitário da Thomas Propaganda & Associados.

Prenda aquele fotógrafo !

Fechamento de edição.

Um repórter velho de casa, daqueles que nasceram junto com o jornal, apresenta uma foto de uma policial militar limpando os olhos com os dedos, como se ela estivesse chorando.

Uma bela foto. Era a formatura da primeira turma de policiais femininos de Bauru.

O fotógrafo, porém, talvez descontente com a falta de um elogio pelo trabalho, deixou escapar que a policial da foto não estava chorando. Ardilosamente, o nobre repórter fotográfico teria chegado à valorosa policial e advertido que um cisco teria invadido seu olho.

Ela levou os dedos aos olhos e daí...Click.

Missão cumprida.

Certamente para o fotógrafo.

Não para o editor.

Muito menos para o leitor.

A foto vai para o lixo, a matéria sai no dia seguinte sem foto.

Esta é apenas uma das cenas que ilustra o dia-a-dia de um jornal.

Até que ponto o fotógrafo pode interferir na realidade, ferindo a ética e o preceito básico do jornalismo - a verdade acima de tudo.

O leitor que recebe o jornal em casa pode nem desconfiar daquela foto montada, arranjada, preparada, mas está sendo enganado, vergonhosamente. Quem compra um jornal ou revista - neste caso, para ficar só no fotojornalismo - está escolhendo um veículo no qual confia, pelo menos a priori.

É como comprar uma revista de belas mulheres nuas e levar pra casa uma cheia de homens peludos.

É preferível publicar uma matéria sem foto, do que enganar o leitor. Isto deveria dar cadeia.

Outro dia, um outro profissional do fotojornalismo, achando que aquela mulher degolada na banheira não estava bem à vontade, morta daquele jeito, coitada, com os dois braços pra dentro e a cabeça torta. Sem problema: endireita a cabeça aqui, estica um braço pra fora da banheira, como se estivesse relaxando prazerosamente, e tudo bem, A polícia nem chegou ainda, nem vai desconfiar. Muito menos o leitor.

Em nome da foto, vale tudo, certo ?

Errado.

Dizem que a melhor é aquela que reporta a realidade, e ponto final.

Beleza, estética, é apenas complemento.

É claro que uma bela foto, bem angulada, com luminosidade certa, é preferível àquela em que não se consegue descobrir se o fulano é branco ou preto.

Mas jornalismo tem dessas coisas.

É preciso vender, a concorrência é brava, e muitas vezes a ética é deixada de lado pelo mercantilismo simples e barato.

De maus profissionais, como dizia um velho companheiro de jornalismo, as redações estão cheias.

Cadeia pra eles.

Declaração de

Prof. Paulo Sérgio Simonetti

Jornalista e Professor de Ética na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" -UNESP/BAURU

A ética no Fotojornalismo

Já foi exaustivamente estudado e discutido o comportamento ético no fotojornalismo

Sabemos que a invasão da privacidade, a publicação sem autorização, fotos sensacionalistas, etc., são procedimentos condenados pelos códigos de ética profissional e pela moral profissional, salvo se no interesse público.

Tudo isso entendemos como matéria mais do que conhecida e de discussão permanente.

Como contribuição para o tema desta dissertação o que gostaríamos de levantar é outro problema.

Entendemos por produção jornalística, a reprodução periódica dos fatos do dia-a-dia, atendendo a características especiais, entre elas, a *objetividade*.

No caso da fotografia jornalística, qual seria então seu compromisso ético? Garanto, que um deles, sem dúvida, é também o da *objetividade*. Isto é, reproduzir no simbólico o fato (no caso foto/real, e não imaginário).

Apresentação ética mistura-se com estética. Até onde os recursos tecnológicos de produção podem distorcer a imagem publicada? Onde e como ficam os princípios éticos do jornalismo fotográfico?

Recentemente, Juria Nogueira de Sá, ombudsman da Folha de São Paulo, trouxe à discussão (Folha São Paulo - 26 de junho de 1994 - 1-6) um problema ético da maior atualidade e gravidade: *a distorção deliberada de imagens fotográficas pelas novas tecnologias*.

Seu exemplo foi a publicação das capas de revistas americanas; *Newsweek* e *Time*. Em ambas está a foto de O.J. Simpson, famoso esportista e ator norte americano, um ídolo nacional acusado de matar a ex-noiva e seu namorado.

Na *Newsweek* a foto era nacional, porém na *Time*, a foto estava alterada por poderosos computadores e mostra um Simpson com "cara" de malvado e criminoso, uma figura assustadora.

Evidentemente isso vai influenciar na opinião pública e no julgamento do ex jogador de futebol. Esta foto já perdeu sua objetividade jornalística, distorceu a realidade. É antiética.

Com o avanço das técnicas de manipulação de imagens é preciso começar a se discutir seriamente os limites dessa prática, como a própria imprensa americana fez, alertando para o "truque" da *Time*. O caso abriu uma polêmica nos Estados Unidos.

O caso não é único. No início de 1994, uma foto no jornal *Newsday* o que era impossível naquele momento na vida real: as patinadoras olímpicas da equipe norte americana Tanya Harding e Nancy Kerrigan treinando juntas no mesmo rink. Menos de um mês antes, Tanya planejara um ataque contra Nancy, que quase a tirou da Olimpíada.

As revistas têm se defendido, alegando que o leitor separa o que são fotos ilustrações e fotos reportagem. Não entendo assim. Há o risco de enganar o leitor e isso é antiético.

A publicidade tem usado e abusado dessa técnica e mesmo certas revistas especializadas. Ou será que a jogadora de basquete Hortência era "tão gostosa...! como saiu na Playboy???

Jornais altamente equipados e tecnicamente sofisticados podem fazer o diabo com uma foto e por isso precisam atentar para a responsabilidade ética envolvida na publicação. O leitor tem de ser avisado claramente das montagens, apesar de que esse expediente também é insuficiente para o dano causado com certas publicações.

Aqui mesmo na ECA/USP estamos em fase de conclusão de nossa dissertação de mestrado, tratando deste tema: a ética e as novas tecnologias da comunicação. E por certo o problema da fotografia publicada não escapa à vigilância ética que se faz necessária.

Esta obra não pode
ser emprestada

2070.490981

R 484c

DEDALUS - Acervo - ECA

2.1



20100035169

Fornecedor	d. Pós-graduação
Data de aquisição	set 95
Verba	
Indicação de	
Classificação	2070 490981 R 484 c 2.1